

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Relatos Imaginários:
uma abordagem possível da
homossexualidade feminina a partir
de uma leitura de Freud e Lacan**

Edmilson Antônio Dias

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

Prof^a Dr^a Mara Coelho de Souza Lago
Orientadora

Florianópolis

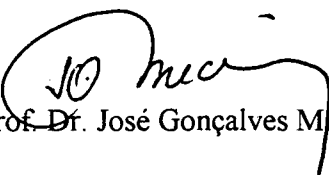
1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado


***“Relatos Imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade
feminina a partir de uma leitura de Freud e Lacan”***


Edmilson Antônio Dias

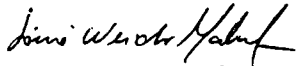
Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre
no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de
Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora
composta pelos seguintes professores:


Prof. Dr. José Gonçalves Medeiros
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:


Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)
Orientadora


Profª M.Sc. Tânia Vanessa Nöthen Mascarello (UFSC)


Profª Drª Sônia Weidner Maluf (UFSC)


Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM 27/10/98.

À professora Dr^a. Mara Coelho de Souza
Lago, minha orientadora e amiga, cuja competência
e dedicação tornaram viável este trabalho.

À memória de meu pai, José Antonio Dias e
de meu irmão, Edécio Antonio Dias.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina por permitir o acesso ao Mestrado em Psicologia.

Ao mestrado em Psicologia, na figura de seu corpo docente e seus funcionários, por viabilizar este percurso de construção da dissertação.

À professora Tânia Vanessa Mascarello, cujo dom em trabalhar com a psicanálise me encanta.

À Maria do Rosário pelo constante apoio e dedicação.

Aos meus colegas de Mestrado pelo partilhar deste trajeto.

Aos sujeitos desta pesquisa pelas importantes revelações de suas vidas.

E a todas as pessoas, que de alguma forma contribuíram na elaboração desta dissertação.

Sumário

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Sumário	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Introdução	1
Capítulo 1 - Fundamentação Teórica	18
<i>A experiência de satisfação ... o aparelho psíquico.....</i>	<i>18</i>
<i>Sobre sexualidade ... sobre pulsão</i>	<i>21</i>
<i>Sobre narcisismo ... e identificações.....</i>	<i>32</i>
<i>Sobre castração ... Édipo ... identificações... e diferenciações.....</i>	<i>36</i>
<i>O complexo de Édipo na menina.....</i>	<i>44</i>
<i>A questão da homossexualidade</i>	<i>61</i>
<i>Contribuições de Lacan para a leitura de Freud:</i>	
<i>as identificações e o tema do imaginário ... a questão da identidade.</i>	<i>69</i>
<i>... de Édipo... castração... e diferenciações, segundo Lacan.....</i>	<i>78</i>
<i>... da identificação ... à escolha de objeto</i>	<i>95</i>
Capítulo 2 - Metodologia	103
Capítulo 3 - O Trabalho de Campo	117
3.1 <i>Um esboço dos perfis das mulheres entrevistadas.....</i>	<i>117</i>
<i>Primeira entrevista - Sujeito X.....</i>	<i>117</i>
<i>Segunda entrevista - Sujeito Y</i>	<i>126</i>
<i>Terceira entrevista - Sujeito Z</i>	<i>130</i>
3.2 <i>Reflexões sobre o material obtido na pesquisa de campo.....</i>	<i>138</i>
<i>As Relações Parentais</i>	<i>138</i>
<i>Ser ou não ser ... o falo</i>	<i>146</i>
<i>Castração/ Inveja Fálica - Complexo de Masculinidade.....</i>	<i>152</i>
<i>Escolha do Objeto</i>	<i>160</i>
<i>Identificação Imaginária.....</i>	<i>163</i>

<i>Pulsional / Biológico</i>	171
<i>Conclusão</i>	175
<i>Referências Bibliográficas</i>	182

Resumo

Este trabalho de dissertação se propõe a discorrer sobre a homossexualidade feminina, fundamentando-se em uma leitura da teoria psicanalítica. Foi estruturado sobre duas técnicas de pesquisa. A primeira, bibliográfica, utilizou textos de Freud, especialmente, e Lacan, para discorrer sobre a constituição da sexualidade humana a partir das diferenças sexuais. Na segunda, pesquisa de campo, o autor obteve entrevistas de três mulheres homossexuais em Florianópolis, com relatos de suas experiências de vida. As interpretações imaginárias dos sujeitos entrevistados, fundamentaram-se em constructos psicanalíticos, embora este não tenha sido um estudo clínico. A psicanálise foi utilizada como uma possível leitura sobre a temática da homossexualidade, porque, diferentemente de outros paradigmas, construiu-se a partir da teorização sobre a sexualidade humana. Para a psicanálise, a pulsão não tem objeto previamente definido e a posição sexuada dos sujeitos, sendo produto de suas identificações, nada deve à biologia. Neste sentido, o autor acredita que seu trabalho possa prestar alguma contribuição para as discussões sobre homossexualidade.

Abstract

This dissertation intends to discourse on the female homosexuality, basing itself on psychoanalytical theory. It was structured on two techniques of research. First, the bibliographical one, used texts of Freud, especially, and Lacan, to discourse on the human sexuality from the sexual differences. In the second, fieldwork research, the author got interviews from three homosexual women in Florianópolis, Brazil, who reported the stories of each one's life experiences. The interpretations proceeded on the imaginary representations had been based on the psychoanalytical theory constructions, this not having been, however, a clinical study. Psychoanalysis was used as a possible reading on the homosexuality theme, because, in contrast to other paradigms, psychoanalysis was built on theorizing on human sexuality. For Psychoanalysis, "*Trieb*" does not have a previously defined object, and the subject's sexual position, while a product of identification, owes nothing to Biology. This way, the author believes that his work can give some contribution to the discussions about homosexuality.

Introdução

Num passado recente, as “simpatias caseiras” para se descobrir o sexo do bebê, eram práticas constantes entre familiares e amigos de futuros progenitores.

Frente à descoberta da eminente maternidade/paternidade, é a espécie humana, assim pensamos, a única na escala animal, a manifestar interesse/preocupação com referência à diferenciação sexual.

- Menino ou menina? Esta é a primeira pergunta dos pais durante a gestação e no momento do nascimento de seus filhos. Com o advento da ultrasonografia, entre outras técnicas, esta pergunta pode ter uma resposta mais precoce, porém, de caráter unicamente biológico e, acrescentaríamos, duvidoso.

Mas em que se apoiaria a referida dúvida?

Em seu texto de 1932, “*Feminilidade*”, Freud comenta que nem mesmo a ciência anatômica responde ao enigma da diferenciação sexual:

“... partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em seu estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos - simplesmente um pouco mais de um, do que de outro”. (FREUD [1932-33] 1976:141)¹

¹ O conceito de bissexualidade, de importância fundamental na teoria freudiana, deve-se ao trabalho de Wilhelm Fliess, segundo o qual a bissexualidade é um fenômeno universal, e não referenciado exclusivamente ao homossexualismo. O tema da bissexualidade, referido por Fliess à anatomia e à embriologia, significa a presença de um certo grau de hermafroditismo anatômico em todos os indivíduos, ou seja, de uma disposição bissexual que, no decurso do desenvolvimento, passa a ser orientada para a monossexualidade, mantendo resquícios do sexo não dominante.

Sob o enfoque da bissexualidade, destaca Freud, a mistura de masculino e feminino é variável de sujeito a sujeito. A partir da noção de bissexualidade, pensamos que o que faz masculinidade/feminilidade é algo que transcende à biologia.

Ao questionar se a psicologia responderia à questão, Freud sustenta que a tese que associa masculinidade/feminilidade à atividade/passividade, respectivamente, também não é suficiente para justificar os atributos concernentes a cada um dos sexos, uma vez que tais qualidades se encontram indistintamente em ambos, e que, portanto, tampouco a psicologia resolve a questão da diferenciação entre masculinidade e feminilidade.

E a psicanálise, como se articula frente à questão da diferenciação entre os sexos?

A resposta em Freud, arrojada e original, se levarmos em conta a época, é a seguinte:

“De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir - , mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual.” (FREUD, idem: 144)

... ou o homem, acrescentaríamos.

Frente ao conceito de bissexualidade, podemos alterar nossa pergunta inicial, “menino ou menina”, referidos à anatomia, para:

- Masculino ou feminino?

Os conceitos psicanalíticos nos impõem prudência na resposta, e assim, pensamos que a resposta mais viável seria:

— O tempo dirá!

Também relacionados à questão da masculinidade/feminilidade, aparecem outros recortes teóricos.

No desenvolvimento dos estudos de gênero, nas últimas décadas, a psicologia tem estado a reboque de outras disciplinas, na área das ciências humanas sociais (antropologia e história, especialmente, sem deixar de citar as teorias literárias).

Não é o que ocorre com relação à psicanálise que, se não se aventura pelos estudos de gênero, conceito que estranha, constitui-se, no entanto, como novo paradigma, com Freud teorizando, já no início do século, sobre o papel estruturante da vivência da diferenciação sexual na constituição do psiquismo humano.

Cabe ressaltar que, para a psicanálise, a questão posta em jogo, é a do sujeito, como este sujeito se constitui, marcando-se aí, novamente, que é “a posteriori” que se pode falar de sujeito.

A psicanálise freudo-lacanianiana interpreta a constituição do sujeito psíquico dividido (não indivíduo, portanto), na falta, na incompletude, na diferenciação entre os sexos, marcada pela castração, definidora tanto da feminilidade quanto da masculinidade. Feminilidade e masculinidade, referidas à passividade e à atividade, atributos não exclusivos de mulheres ou homens, mas presentes em ambos, e sujeitos a oscilações. *“Assim, dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra”*. (FREUD, idem: 142)

A psicanálise enfoca a questão da diferenciação entre os sexos desatrelada da biologia. Poderíamos dizer que a questão sexual está ligada ao anatômico, porém, a anatomia em psicanálise, refere-se às zonas erógenas, ao corpo pulsional, diferente do corpo biológico.

Em Freud, a diferenciação entre masculino e feminino ocorre através de um processo complexo, articulado à pulsão sexual, motora do aparelho psíquico, a qual não tem objeto definido, já que o objeto causa do desejo nunca é o objeto encontrado, o que leva a pulsão a um eterno reencontrar.

Para Lacan, a diferenciação sexual não aponta para o real da biologia, ordenada para fins reprodutivos. Neste contexto, os homens em nada se diferenciariam dos animais. Lacan distancia-se do enfoque desenvolvimentista, e articula a questão dos sexos à pulsão e à linguagem, já que, diferentemente dos animais, no homem, enquanto ser falante, através do uso da palavra, algo do corpo se perde, tornando-o ser em falta, sujeito pulsional. A sexualidade se estrutura a partir da linguagem.

A diferenciação em masculino/feminino se articula à maneira como o sujeito, enquanto ser falante, posiciona-se frente ao falo e à castração, e em como a lei de seu desejo se situa frente à lógica do significante.

A psicanálise, desde Freud/Lacan, enfoca a sexualidade do ser falante como tendo um caráter perverso. Entretanto, só é perversa com relação ao fim reprodutor, ou seja, a sexualidade estudada pelo viés da psicanálise não trata do biológico, da perpetuação da espécie, e sim em como o sujeito se articula na dinâmica edipiana da organização da sexualidade, a partir de sua história. Este tema, bastante complexo e polêmico, será abordado no decorrer do trabalho.

Nesta dissertação, utilizamos duas técnicas de pesquisa (qualitativa), pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada sobre a obra de Sigmund Freud, nos textos em que trata mais especificamente da diferenciação sexual, questão central deste trabalho.

Existem, como sabemos, inúmeras leituras de Freud. A leitura privilegiada nesta dissertação foi a de Jacques Lacan que, acreditamos, promove o retorno da psicanálise à Freud. Neste sentido, foram trabalhados alguns textos e concepções lacanianos. No acesso à Lacan, não foram evitados autores que se dedicam a analisar, elucidar, seus conceitos, tais como Jacques Alain Miller, Serge André, Joel Dor, Hugo Bleichman, Juan-David Násio, entre outros.

A pesquisa bibliográfica desenvolveu-se por mais de um ano e constituiu-se no capítulo de fundamentação teórica da presente dissertação, dando suporte à análise dos relatos obtidos no trabalho empírico.

A escolha da teoria psicanalítica para fundamentar as reflexões sobre questões referentes à sexualidade humana e sobre as falas (imaginárias) dos sujeitos entrevistados, resulta de nossa identificação com as concepções psicanalíticas. Acreditamos também que, através de seus constructos, a psicanálise oferece instrumentos teóricos para refletir sobre a construção de subjetividades, que outros paradigmas não proporcionam.

As disciplinas que se ocupam dos estudos de gênero costumam estabelecer diálogos carregados de tensões com a psicanálise. As tensões ocorrem em torno de um equívoco, presente na maioria dos trabalhos feministas, sobre o pretenso essencialismo da psicanálise (um paradigma estruturalista que teve, no entanto, outras variadas leituras, sem escapar das versões biologizantes).

Já no conhecido artigo em que Joan Scott (1990) defende a utilização da categoria gênero nas análises históricas, o diálogo dos estudos feministas com a psicanálise está explicitado. E Joan Scott fala da psicanálise com bastante competência, o que não ocorre em muitos dos trabalhos de teóricas feministas que discutem com a teoria (e até mesmo de feministas psicanalistas que discutem com Freud fazendo leituras literais de sua obra, desenvolvendo argumentações no mínimo ideológicas sobre ela).

Neste artigo, em que define gênero como "*elemento constitutivo de relações fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos*" (SCOTT, 1990:14) e como "*um primeiro modo de dar significado às relações de poder*" (idem), Joan Scott faz um balanço da produção acadêmica sobre gênero, analisando as contribuições das feministas marxistas, seus impasses quanto às utilizações das categorias de produção e de reprodução, seus esforços para incluir o gênero nas análises das lutas de classes (as categorias de opressão e dominação) e para trazer à visibilidade, a questão da divisão sexual do trabalho e a consideração do trabalho das mulheres no lar que,

mesmo improdutivo, contribui para a mais valia, o sobre trabalho produzido pelo operário para a acumulação capitalista.

Scott analisa também as contribuições das teóricas estudosas do patriarcalismo e da dominação histórica das mulheres, nessa forma de constituição de famílias e de sociedades. Aqui se desenvolveram os estudos sobre a subordinação das mulheres nas diferentes culturas, e também a questão da naturalização da mulher fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, em concepções teóricas que, muitas vezes resvalaram para explicações essencialistas.

No que define como a terceira posição dos estudos de gênero, Scott fala da psicanálise e de suas contribuições à questão da produção das identidades de gênero. Distingue duas correntes de contribuições psicanalíticas aos estudos feministas: as teorias das relações de objeto, da escola anglo-americana, que caracteriza citando os escritos de Nancy Chodorow. Ao final de sua análise (rápida, mas pertinente, desenvolvida nas dimensões de um artigo), Scott questiona a produção desta linha da psicanálise, ressaltando que, a seu ver, *“as explicações limitam a produção (e reprodução) do gênero à esfera da família e da experiência doméstica”* (SCOTT, 1990:11). Com relação à escola francesa, fundamentada *“nas leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud no contexto das teorias da linguagem”* (Idem), e cuja figura central é Jaques Lacan, a autora sinaliza que a ênfase se dá sobre o papel da linguagem na significação e representação do gênero. Scott destaca as

contribuições dessa vertente teórica para a consideração da instabilidade do processo constante de construção das identidades subjetivas de gênero na diferenciação da sexualidade, culturalmente significada. Após, a autora critica o que considera perigo de reificação do “*antagonismo subjetivamente produzido entre homens e mulheres*” (Idem:12), além de acreditar que, se a maneira pela qual o sujeito se constitui permanece aberta na teoria, esta incorre, ainda, no risco de universalizar as categorias de masculino e feminino.

A partir daí, e mesmo anteriormente, os escritos feministas estão atentos à psicanálise e as críticas a ela dirigidas por inúmeras autoras, não tem sempre alcançado o nível de compreensão teórico revelado neste estudo de Joan Scott.

Como exemplo, citamos Rubin Gayle (1975) em artigo bastante difundido entre os estudiosos de gênero no Brasil, que em sua análise se detém sobre as obras de Levi-Strauss e Sigmund Freud, já que estes teóricos, ao contrário dos criadores de outros paradigmas importantes das ciências sociais, construíram suas teorias sobre a consideração das diferenças entre homens e mulheres. Levi-Strauss, fundamentando suas concepções teóricas sobre as estruturas de parentesco e Freud, sobre a questão da sexualidade humana.

Se o estruturalismo de Levi-Strauss é analisado com mais vagar pela autora, mesmo que suas críticas a levem a proposições muito próprias e distantes do antropólogo, sua análise da obra de Freud carece da organização revelada por Joan

Scott, já que ela acaba por misturar diferentes leituras deste autor, em sua crítica à psicanálise. Neste artigo, Rubin destaca, nos dois paradigmas, aquilo que considera como brechas para a introdução de concepções essencialistas de homem e mulher.

Nosso propósito, nesta dissertação, não é o de enveredar pelos estudos de gênero, o que outros autores fariam com melhor preparo, mas, considerando esta vertente da produção acadêmica diversificada e abundante, tentar, através de um estudo fundamentado na teoria psicanalítica, contribuir para as discussões de gênero, especialmente num terreno onde a psicanálise tem muito a dizer: a questão da homossexualidade.

Por este motivo, a nós interessam mais de perto as posições de feministas que se auto identificam como psicanalistas, sobre as articulações que estabelecem entre psicanálise e estudos do gênero².

Nancy Chodorow é a mais conhecida entre nós, por ter participado da publicação organizada por Rosaldo e Lamphere "*A Mulher, a Cultura e a Sociedade*", coletânea das feministas americanas traduzida e editada no Brasil em 1979. Seu livro "*The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*", escrito ainda na década de 70, foi publicado no Brasil com o subtítulo sugestivamente

² Para uma melhor compreensão das discussões dos autores (citados na sequência) com a psicanálise freudiana, conferir o capítulo 2 desta dissertação.

traduzido por “*Uma crítica à Freud a partir da mulher*”. No artigo citado, Chodorow (1979), analisando a questão edipiana, ressalta o aspecto da continuidade das identificações femininas infantis com a mãe e os papéis femininos e conclui ser a experiência edípica uma situação menos complicada para as meninas. Os meninos, ao contrário, vivenciam uma descontinuidade de identificações, já que devem realizar a ruptura das identificações primárias com a mãe, para poderem se identificar ao pai e aos papéis masculinos, na dissolução do complexo de Édipo. Nesta linha de reflexões, a autora vai caracterizar o desenvolvimento de personalidades de cunho relacional nas mulheres, na continuidade de suas identificações primárias e secundárias com a mãe e as figuras femininas, no aconchego do mundo privado. Nos meninos, em contrapartida, a tendência é a de se desenvolverem personalidades preocupadas com a negação dos relacionamentos, na medida em que a ruptura de suas identificações primárias com a figura materna, pode levá-los mesmo a uma rejeição a tudo que é feminino, no esforço de superação da sua dependência infantil em relação à mãe. Em seu artigo, Chodorow se contrapõe, portanto, aos estudos freudianos sobre a feminilidade. Nos textos em que fala sobre a diferenciação entre os sexos, Freud passa a negar o paralelismo inicial de suas concepções sobre o complexo de Édipo em meninos e meninas, e a ressaltar a importância do relacionamento feminino pré-

edipiano com a mãe, com as conseqüentes dificuldades adicionais da menina, em seu caminho para a feminilidade³.

Enquanto as identificações femininas seriam, para Chodorow, mais “pessoais” pelo convívio direto entre as mulheres, as identificações secundárias dos meninos, seriam caracteristicamente “posicionais”, com “*valores e traços comportamentais paternos*” (CHODOROW, idem:70), pelo convívio mais distante das crianças com os pais.

Para romper com estes modelos dicotômicos de personalização, a autora idealiza um envolvimento maior dos homens nos cuidados diretos com as crianças, bem como a atuação das mães também em outras esferas, legitimadas e valorizadas de atividades.

Robert Stoller (1993), que fez observações clínicas com crianças portadoras de alterações orgânicas sexuais e com hermafroditas, preocupou-se com o desenvolvimento da noção pessoal de identidade de gênero. Demonstrou, através do relato de casos clínicos, a importância da atribuição social do gênero, para a auto-identificação do sujeito. Stoller discorda de Freud (fundamentalmente) no que este concebe como um período de indiferenciação sexual pré-edípico marcado pelo

³ Caminho que coloca para a menina, além da exigência da troca do objeto de amor, conforme será exposto no capítulo 2, a continuidade de sua identificação com a mãe, nos momentos mesmo em que dela se afasta com hostilidade, em direção ao pai.

Janine Chasseguet-Smirgel (1988), contrapondo-se a Freud e seguidores, critica o que caracteriza como a teoria do monismo sexual fálico. A autora, que enfatiza a equivalência das diferenças geracionais e sexuais, afirma que a criança não desconhece simplesmente a vagina, com capacidade receptora e complementar ao pênis, no período pré-edipiano (dominado, segundo Freud, pela fantasia da universalidade do falo), mas a nega, por não ter capacidade maturacional de penetrá-la (processo defensivo de recalçamento, motivado pela prematuração humana).

Quando a criança é obrigada a reconhecer a diferença dos sexos na sua complementariedade genital, vê-se ao mesmo tempo obrigada a reconhecer a diferença de gerações. Isto constitui uma ferida narcisista dolorosa que a teoria do monismo sexual fálico tenta apagar" (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988:39)

Para a autora, a inveja do pênis na menina não se funda na ignorância da vagina e no sentimento de castração resultante desta ignorância, mas na necessidade de combater a onipotência do poder materno (Idem:42).

Chasseguet-Smirgel, como outras autoras feministas, defende, na polêmica com a psicanálise freudiana, a prevalência de um direito (poder) original materno, sobre o direito paterno das sociedades patriarcais.

Numa posição que diverge dos autores citados, Juliet Mitchell (1979) defende o pensamento de Freud sobre a sexualidade humana, como verdadeiramente revolucionário e, neste sentido, podendo ser colocado à serviço da causa feminista.

"A Psicanálise é vista como uma justificação do status quo burguês e patriarcal (...) Certamente, isto é verdadeiro quanto a uma certa vulgarização das teorias de Freud (...) A despeito de como tenha sido usada, a Psicanálise não é uma prescrição para uma sociedade patriarcal, mas uma análise de uma sociedade patriarcal".(MITCHELL, 1979:17)

Em artigo em que discorre sobre as teorias de Freud e Lacan acerca das diferenças sexuais, Mitchell (1988) enfatiza o fato de não serem, inconsciente ou sexualidade, fatores pré-determinados, mas sim históricos, com o sujeito se constituindo nas histórias inconscientes de sua sexualidade, um a um. As diferenças entre os sexos, não estando estabelecidas de antemão, ou determinadas pela anatomia, serão construídas nas organizações da sexualidade infantil, nas vivências das relações edipianas de identificação e nas experiências dos fantasmas de castração de meninos e meninas. Mitchell, em leitura lacaniana de Freud, ressalta que a clínica analítica

"... revela um sujeito fragmentado, de identidade sexual incerta e mutável. Ser humano é estar sujeito à lei que descentraliza e divide: a sexualidade é criada numa divisão: o sujeito é dividido, mas o mundo ideológico esconde isso do sujeito consciente que deve sentir-se inteiro e certo de uma identidade sexual (idem: 54)

Como se pode ver, há uma divisão clara entre os autores que se posicionam sobre as questões de gênero (ou a diferenciação masculino/feminina) no

interior do paradigma psicanalítico. Os teóricos formados numa tradição inspirada na leitura psicanalítica de Melaine Klein (psicanálise das relações de objeto), centram suas concepções sobre a importância das identificações primárias da criança com a mãe – a mãe como figura central – e o princípio materno, da feminilidade, como norteador inicial e relevante, no desenvolvimento da sexualidade.

Os autores formados numa tradição inspirada na leitura de Freud feita por Jacques Lacan, sem minimizar o papel da mãe como polo das primeiras identificações infantis, reafirmam a importância atribuída por Freud à figura do pai, cuja função é a de introduzir a criança na lei da linguagem. A metáfora paterna, conforme define Lacan.

É na perspectiva da leitura lacaniana da psicanálise que procuramos desenvolver, neste trabalho, reflexões sobre a (homo)sexualidade feminina.

Partindo das concepções psicanalíticas de constituição de sujeito psíquico e de construção de subjetividades, pretendíamos inicialmente, pesquisar, através de relatos de mulheres homossexuais masculinizadas, representações sobre masculinidade. No campo, pela escuta das falas das mulheres entrevistadas, redirecionamos os objetivos desta dissertação, buscando interpretar, nos relatos das informantes, a história de vida de cada uma. Sua história homossexual. Pretendíamos, desta forma, refletir sobre alguns aspectos da sexualidade humana, utilizando a psicanálise como uma leitura possível da homossexualidade feminina.

Não é nossa proposta desenvolver um estudo teórico completo sobre a questão da sexualidade, a partir das concepções da psicanálise freudo-lacaniana.

O primeiro capítulo deste trabalho discorre sobre a questão central da pesquisa, a diferenciação masculino/feminino desatrelada do sexo biológico, através da reflexão sobre alguns temas freudianos, como os da sexualidade infantil, pulsão, constituição do aparelho psíquico, narcisismo, identificação, entre outros, buscando subsídios para a fundamentação teórica do trabalho.

No segundo capítulo são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa realizada neste trabalho de dissertação.

O terceiro capítulo da dissertação apresenta, após um breve perfil das mulheres entrevistadas, as reflexões do pesquisador sobre as falas, sobre o imaginário das informantes.

Na conclusão retomamos algumas questões, procurando dar um fecho para este trabalho de dissertação, conscientes de que nossas reflexões se constituem em uma contribuição possível à interpretação dos relatos obtidos nas entrevistas realizadas.

Capítulo 1

Fundamentação teórica

A experiência de satisfação ... o aparelho psíquico...

Um dos primeiros textos de Freud, de 1895, é o “*Projeto para uma Psicologia Científica*” (inédito até 1950). Neste texto, o autor busca dar conta de como o aparelho psíquico se constitui, em como as primeiras experiências infantis influenciam na vida futura do sujeito. Estas primeiras considerações feitas por Freud, são, por diversas vezes retomadas pelo autor e ampliadas em seu conteúdo, quando procura elucidar várias questões⁵.

É a partir destes primeiros estudos que Freud, posteriormente, desenvolve sua teoria sobre o aparelho psíquico⁶.

Segundo a psicanálise, a criança, ao nascer, encontra-se indiferenciada com relação ao mundo e conseqüentemente, ao outro. É um “id”⁷ atemporal, um corpo fragmentado, descoordenado. Entretanto, já apresenta uma modalidade peculiar

⁵ Ao retomar estas articulações, Freud não cita como fonte primeira, o texto de 1895. Porém, para os estudiosos de Freud, torna-se claro, que neste texto, a maioria das idéias psicanalíticas já estavam esboçadas, mesmo que de maneira rudimentar.

⁶ Os trabalhos que contemplam esta teoria, são desenvolvidos nos textos “*A Interpretação dos Sonhos*”, (1900), “*Artigos sobre Metapsicologia*”, (1914-1915), “*A Pulsão e suas Vicissitudes*”, (1914) e “*O Ego e o Id*” (1923).

⁷ Com os termos Id, Ego e Superego, Freud designa os componentes do aparelho psíquico, na hipótese estrutural de seu funcionamento. Quando referidos a Lacan, serão utilizados os termos Isso, Eu e Supereu.

de satisfação, obtida pelas funções vitais destinadas à conservação. Estas funções vitais constituem a base onde a pulsão há de se inscrever, determinando o funcionamento do aparelho psíquico. São pulsões que buscam o prazer no próprio corpo, referentes ao narcisismo e à organização pré-edípica. A esta atividade Freud denominou auto-erotismo, o primeiro momento lógico da organização da sexualidade.

De acordo com os pressupostos da teoria do aparelho psíquico, a experiência inicial da sexualidade se instala por presença/ausência. Vejamos: a primeira satisfação do bebê não é sentida no momento em que se lhe oferece o seio, já que nunca o havia experimentado, mas sim após a sua retirada. Quando perde aquilo que havia experimentado, é que irá valorizá-lo como prazer.

A primeira experiência de satisfação elicia uma inscrição psíquica que jamais será apagada, mantida pela repressão primária, através da qual se inaugura o aparelho psíquico⁸. Nem sempre a mãe se encontra presente, e a criança não tem garantia alguma de satisfação, e porque não, de sobrevivência. A pulsão, a partir daí, tende a investir em seu objeto de prazer, o seio materno, agora perdido.

⁸ “Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão originária, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isso estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes...” (FREUD [1915] 1987:171)

“A experiência da falta conduz à alucinação do seio⁹ e, o fracasso da descarga, movida pela alucinação, leva à representação do objeto, segundo o incipiente princípio da realidade. O que o constitui como objeto é a condição de que falte”. (MASCARELLO, 1994: 106)

É através da falta, da ruptura do princípio do prazer (após o aumento de tensão, desprazer, segue-se a descarga e diminuição de tensão, prazer), que a realidade poderá se impor, suscitando o sujeito em falta pelo despertar do desejo, pois é porque há falta que o desejo advém.

Entretanto, a pulsão, agora instalada, tem como finalidade única a busca desenfreada da primeira experiência de prazer, mantida pela repressão primária, através da qual são inscritos os representantes pulsionais no aparelho psíquico, *Vorstellungrepräsentans*, fundando o aparelho em inconsciente e consciente; busca sem fim, já que no lugar do objeto serão encontrados os seus representantes ou seus substitutos, os quais, ao serem comparados, caracterizam-se como pura diferença, instalando a repetição, num eterno querer reencontrar. Neste processo de repetição, as diferenças são pontuadas, e assim, sucessivamente, a pulsão desliza de objeto em objeto, na tentativa de um reencontro com o objeto perdido. Sob este aspecto, a

⁹ O que introduz o conceito de fantasia, deixando entrever que sua relação, em psicanálise, com o que de fato ocorre na realidade, é de uma outra ordem. Para a psicanálise, tratando-se de funcionamento do aparelho psíquico, a separação entre fantasia e realidade efetuada por outras tradições teóricas, é relativizada epistemologicamente.

pulsão torna-se a busca de insatisfação, já que não se satisfaz, o que lhe garante o posto de motora do aparelho psíquico.

“Pelo deslizamento de investimento de um objeto a outro se irá construindo a realidade, sob a forma de não ser, expelida para o exterior pelo princípio do prazer. Neste investimento, o princípio do prazer erotiza tanto o corpo como os objetos, e os põe a serviço de sua meta redutora de tensão”. (Idem, ibidem: 112)

A partir de então o corpo da criança passa a ser um corpo pulsional, erogeneizado pela mãe¹⁰.

Como vemos, qualquer tentativa de adentrar na teoria psicanalítica, introduz conceitos fundamentais como pulsão, dando outro sentido a concepções de senso-comum. Estes conceitos fundamentais, solicitam elucidação para podermos falar de sujeito em psicanálise e de diferenciação sexual, questões cruciais para a teoria e para este trabalho de dissertação.

Sobre sexualidade ... sobre pulsão ...

“Gosto de uma frase que diz: ‘Os heteros não são normais. São comuns’. Existe todo um condicionamento sexual pré-determinado. (...) O modelo hetero oprime as pessoas. Está na hora de se respeitar os direitos dos que têm sensibilidades diferentes. E

¹⁰ Em Lacan, a mãe aparece como encarnação do grande Outro. O Outro refere-se ao tesouro do significante, representante da linguagem, avalizada pela mãe, o Outro da linguagem, que irá significar a criança, ou seja, irá fornecer-lhe significantes.

isso engloba o direito humano da escolha da sexualidade, que independe dele ser homem, mulher ou turco.”(RUSSO, 1996:183)

Por volta do final do século XIX, os estudos sobre a sexualidade humana eram enfocados pela ótica médica, e os comportamentos que se distanciavam do socialmente determinado, eram definidos como patológicos.

Com a publicação de *“Três Ensaio para uma Teoria Sexual”*, texto de 1905, Freud vêm questionar o saber vigente na medicina da época.

Ao defender a concepção de uma sexualidade infantil já atuante, posto que auto-erótica, nos primeiros momentos da vida de uma criança, Freud desconstrói um mito. Até então, as crianças eram consideradas seres puros, “anjos assexuados”, distantes de quaisquer manifestações sexuais. Segundo o autor, a sexualidade infantil não estaria associada exclusivamente às estimulações genitais, estando localizada em todo o corpo, enquanto corpo erógeno.

O conceito de fonte da pulsão, defendido por Freud, nos auxilia a compreender a noção de erogeneidade corporal. Segundo o autor, os órgãos e outras partes do corpo atuam como zonas erógenas, das quais emanam excitações denominadas sexuais. De acordo com a psicanálise, as zonas erógenas são quatro: boca, ânus, olhos e ouvidos. Em relação a estas zonas erógenas, encontramos respectivamente, para cada pulsão, um objeto-pulsão: oral-seio, anal-fezes, escópica-olhar, invocante-voz. Estes objetos são fragmentos parciais e separáveis do corpo. É

importante destacar que o corpo, ou qualquer parte deste, pode ser investido libidinalmente, caracterizando-se como zona erógena. É deste corpo erógeno que a psicanálise se ocupa. Portanto, sexual não implica com exclusividade os órgãos genitais, conforme o senso comum, embora estes também estejam referidos ao sexual. *“A fonte da pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão, e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico”*. (FREUD [1905] 1976: 171)

Trinta e três anos mais tarde, Freud retoma e ratifica a temática. No texto *“Esboço de Psicanálise”*, escrito em 1938 e publicado em 1940, o autor comenta o escândalo causado pela psicanálise, às idéias populares sobre a sexualidade, reafirmando o que já defendera em 1905:

“a) A vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento.

b) É necessário fazer uma distinção nítida entre os conceitos de sexual e genital. O primeiro é um conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada tem a ver com os órgãos genitais.

c) A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente.” (FREUD [1938-40] 1976: 178)

A citação enfatiza o enfoque da psicanálise, de não haver relação entre sexualidade e procriação¹¹. Poderíamos pensar, a partir de então, sobre a não exclusividade de escolha do objeto, quer homo ou heterossexual, pelo menos no que se refere à sexualidade humana.

Para que possamos abordar a questão da sexualidade humana, torna-se fundamental destacar o conceito freudiano de libido:

Denominamos a força motriz da vida sexual de libido. A vida sexual é dominada pela polaridade masculino - feminino (...) existe apenas uma libido, que serve tanto às funções sexuais masculinas, como às femininas. (FREUD [1933] 1976:161)

Freud faz um percurso sobre os diferentes momentos organizadores da sexualidade, suas vicissitudes, e os investimentos libidinais correspondentes.

“O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca.” (FREUD [1938-40] 1976: 179) Neste caso, a atividade psíquica está ligada à satisfação da necessidade dessa zona, ou seja, a auto-preservação. Entretanto, após a saciedade da necessidade, a atividade de sugar continua, na busca de prazer, razão pela qual Freud considera esta atividade como sexual.

¹¹ É neste sentido que a sexualidade humana é perversa, enquanto deslocada da reprodução e da perpetuação da espécie.

Paralelamente ao surgimento dos dentes, manifestam-se as pulsões sádicas, características do segundo momento da organização da sexualidade infantil, designado por Freud de sádico-anal, uma vez que a satisfação é orientada através das agressões e funções excretórias.

Ainda há um terceiro momento organizador, onde a satisfação está localizada, principalmente, na região genital. É denominado fase fálica, porque o que está em jogo é o falo – sua presença ou ausência. Diz Freud: *“É de se notar que não são os órgãos genitais de ambos os sexos, que desempenham papel nesta fase, mas apenas o masculino (o falo).”* (FREUD, idem: 179). Cabe ressaltar que o falo em Freud refere-se ao valor simbólico atribuído à diferença sexual anatômica.

Este momento organizador se configura como o momento máximo da precoce sexualidade infantil, embora seja, também, o momento de seu declínio, conforme iremos mostrar ao abordarmos os temas dos complexos de castração e de Édipo. Sobre as manifestações da sexualidade infantil nesta fase, Freud irá acrescentar:

“Descobriu-se que, na tenra infância, existem sinais de atividade corporal (...) e que se acha ligada a fenômenos psíquicos com que nos deparamos mais tarde, na vida erótica adulta - tais como a fixação a objetos específicos, o ciúme, e assim por diante.” (FREUD, idem: 178)

Como se pode perceber, este momento é determinante para a estruturação do sujeito. Neste processo, está implicada também a questão da diferenciação sexual.

Na seqüência, o autor esclarece que os fenômenos psíquicos são partes integrantes de “... *um curso ordenado de desenvolvimento, que atravessa um processo regular de aumento, chegando a um clímax por volta do final do quinto ano de idade, após o qual segue-se uma acalmia.*” (FREUD, idem, ibidem) Dito intervalo, refere-se ao período de latência, que se estende até o início da puberdade, ocasião em que a sexualidade volta a se manifestar de maneira intensa.

Retomemos pois a importância das descobertas freudianas sobre a sexualidade infantil e como estas causaram controvérsias na época. O aspecto que já está presente na obra de 1905, é o tema da bissexualidade como constituinte do ser humano, que, juntamente com as concepções sobre a sexualidade infantil contidas neste trabalho de Freud, configuram a psicanálise como um paradigma que se contrapõe aos saberes médicos de então.

O tema das perversões, que era enfocado no âmbito das aberrações ou degenerações, inatas ou adquiridas, é incompatível com o pensamento defendido por Freud. Nesta visão, Freud ressalta a impropriedade em se utilizar o termo perversão com a conotação que lhe era conferida.

“Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura.” (FREUD [1905] 1976: 163)

O acréscimo que Freud faz em 1915 ao texto original, explicita esta questão: segundo o autor a perversão é constituinte da sexualidade normal. Práticas até hoje referidas à perversão, como a homossexualidade, não apresentam, portanto, pelo viés da psicanálise, a conotação de patologia, de aberração.

“... a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independente de seu sexo - que recai igualmente em objetos masculinos e femininos - (...) é a base original ...”. (FREUD [1905] 1976: 146)

Parece claro que o autor nega qualquer dependência entre o sexo biológico e a escolha objetal, mostrando que se trata de uma característica do ser humano.

Para Freud, a sexualidade humana é infantil, perversa e polimórfica, sem objeto definido. O que é considerado pelo senso comum, como “ato sexual normal” é precedido por práticas que se distanciam da sexualidade enquanto ato destinado à procriação ou perpetuação da espécie. Práticas como contemplação, exibição, atos de apalpar, cheirar, sugar, entre inúmeras outras, são utilizadas como

fonte de prazer, promovendo e mantendo a excitação, até o momento da consumação do ato sexual. Neste contexto, Freud destaca sobre o prazer que advém do contato entre as mucosas labiais dos parceiros, contato conhecido como beijo, comum durante o ato sexual, embora não pertença ao aparelho genital, mas sim, ao aparelho digestivo. É neste sentido que Freud declara que, para a psicanálise, a sexualidade humana é perversa, polimórfica e infantil, sem objeto determinado. O ato sexual dos adultos, dito normal, é praticado entre sujeitos de sexos biológicos distintos, e é precedido por um reviver das primeiras experiências que geraram prazer. Diferentemente das outras espécies, na organização da sexualidade humana pode ocorrer uma priorização, ou um estancamento em qualquer uma destas práticas.

O conceito de perversão, a partir de então, não pode ser visto com sentido de anormalidade. A diversidade de objetos e de práticas sexuais, são partes integrantes do humano. Sendo assim, a conotação de perversão enquanto patológica, não se aplica à diversidade de práticas sexuais, na esfera humana.

A partir deste enfoque, faz-se necessário retomar o tema da pulsão. Este conceito, central à teoria psicanalítica, que aparece no texto de 1905, será aprofundado pelo autor no texto de 1914, *“A Pulsão e suas Vicissitudes”*.

A concepção de pulsão está referida exclusivamente à sexualidade humana, sendo contraposta ao conceito de instinto na biologia. Segundo Freud (1914), a pulsão corresponde a

“... um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.” (FREUD [1914] 1976:142).

Ou seja, a pulsão é um conceito limite entre o psíquico e o físico, devendo ser considerada como uma exigência de trabalho para a vida psíquica. Possui qualidades específicas em relação às suas fontes somáticas e a seus fins. Suas fontes estão localizadas na erogeneidade, na excitabilidade de um órgão, e seu fim consiste em fazer cessar tais excitações.

Segundo Freud, o conceito de pulsão (*Trieb*), pode ser melhor compreendido através de um paralelo com o conceito de estímulo na fisiologia. Neste caso, o estímulo fisiológico corresponde a uma excitação externa, provocando uma ação também externa, que tem por objetivo a remoção da fonte de estimulação. Contrariamente, a fonte de excitação da pulsão é interna, vem de dentro do organismo, constituindo-se em medida de exigência ao psiquismo, através de uma pressão constante, à qual o organismo não consegue escapar. Cabe salientar, entretanto, que a fonte da pulsão é internalizada como consequência da erogeneização de partes do corpo da criança, através dos cuidados da mãe. É a mãe, enquanto encarna o Outro, enquanto representante da linguagem, que erotiza a criança, sendo que com a experiência de satisfação, e via repressão primária, os representantes

pulsionais são inscritos no aparelho psíquico. Assim, a fonte da pulsão passa a ser interna, exigindo uma satisfação, mesmo que parcial, pois o que está reprimido insiste em aparecer.

A característica da pulsão é, assim, a de ser uma força constante e não uma força momentânea, como ocorre com o instinto animal ou biológico, que cessa sua pressão após a satisfação de uma necessidade qualquer. Neste enfoque, a pressão ou força da pulsão, não permite qualquer aproximação à biologia.

De acordo com Freud, a pressão constante (*Drang*), é o fator motor, a força, a essência da pulsão, que tem por finalidade (*Ziel*), a satisfação, a qual será alcançada eliminando-se a estimulação na fonte da pulsão, e para tanto, é necessário o objeto (*Objekt*). Entretanto, algumas questões referentes à *Ziel* e ao *Objekt*, introduzem certos elementos complicadores para a compreensão da dinâmica da pulsão. Em relação a *Ziel*, Freud destaca que diferentes vias apontam para a mesma finalidade, ou seja, a pulsão se desloca até uma finalidade intermediária, que por sua vez, desliza a outra finalidade também intermediária, que por sua vez, desliza a outra finalidade, também intermediária, numa espécie de ramificação associativa à finalidade inicial. Neste deslizar, a finalidade da pulsão, que é a satisfação, é sempre parcial, e portanto, incompleta. Esta incompletude é decorrente do próprio conceito de objeto.

Com relação ao objeto, Freud ressalta que este é o que há de mais variável na pulsão, que originalmente não se encontra ligada a ele. A ligação do objeto à pulsão ocorre para que a pulsão possa ser satisfeita. Devido a este fato, o objeto pode ser trocado quantas vezes forem necessárias, no decorrer das vicissitudes da história de vida de cada sujeito. Entretanto, como este objeto é sempre um substituto do objeto perdido, logo variável, a pulsão apresenta satisfações parciais, o que implica numa eterna insatisfação.

Em relação ao objeto e à finalidade, Freud destaca a existência de desvios nas trajetórias de ambos. *“Parece provável que a pulsão sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto.”* (FREUD [1905] 1976: 149) É justamente porque a pulsão não tem objeto determinado, como o instinto, que a questão da sexualidade do ser falante (ser que se constitui por representação) não é linear. Não há, na pulsão, saber sobre o objeto, como ocorre no instinto animal.

Esta concepção, ainda polêmica nos dias atuais, problematiza outras concepções (médicas, filosóficas, morais), pois autoriza a escolha homossexual de objeto, juntamente com outras escolhas de objeto, na diversidade de práticas sexuais do sujeito falante.

Um último componente da pulsão, é a fonte (*Quelle*), que se refere ao processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é

representado, na vida mental, pelos representantes da representação da pulsão¹² (*Vorstellungenrepräsentans*). O representante pulsional, embora represente a pulsão, não representa para o sujeito o que é a sexualidade, ou seja, não decorre daí, um saber sobre o sexo. A significação da sexualidade advirá via metáfora paterna, na vivência do complexo de Édipo, conceitos a serem apresentados no decorrer deste texto.

Até este ponto, vê-se o quão inadequada é a utilização do conceito de instinto em psicanálise. O conceito que se aplica à complexidade do aparelho psíquico humano, é o de pulsão.

A partir destas considerações, privilegiando o conceito de pulsão, nos aproximamos de uma possível resposta em relação ao enigma da masculinidade/feminilidade, não respondido pela anatomia e psicologia, conforme observamos no início deste trabalho.

Sobre narcisismo ... e identificações

Lacan, estudando Freud, retoma a questão da pulsão para destacar que:

“A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante ...”. (LACAN, 1988: 157)

¹² Conferir página 20.

São as estimulações constantes da pulsão, com fontes no próprio corpo, que determinam o funcionamento do aparelho psíquico.

Sobre a invenção freudiana, o constructo do aparelho psíquico, Mascarello o define como sendo uma

“... estrutura interposta entre a excitação e a descarga, para impedir o esvaziamento da energia vinda desde o mundo exterior. É um sistema de barreiras que trava o funcionamento irrestrito do princípio do prazer, fuga que reduziria a zero, à indiferenciação, à inércia”. (MASCARELLO, 1994: 106)¹³

Com o decurso da maturação infantil, lenta e progressivamente, uma nova instância, o ego, tende a se diferenciar na criança, e neste sentido, o meio externo se reveste de grande importância. As pulsões auto-eróticas, associadas ao ego recém-inaugurado, instauram o estágio do narcisismo (primário).

O conceito de narcisismo foi introduzido na psiquiatria em 1899, por Paul Näke, e estava associado à categoria das perversões. Através da psicanálise, este conceito adquire novo enfoque. No ensaio de 1914 *“Introdução ao Narcisismo”*, Freud postula o narcisismo como *“... o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de auto-preservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva”*. (FREUD [1914] 1976: 90)

¹³ Refletindo sobre textos psicanalíticos, a autora ressalta que a primazia do princípio do prazer visa resgatar o estado de completude da primeira experiência de satisfação da criança, obtida via pulsão oral.

Ainda pouco diferenciado, o ego recém instaurado é garantido pela mãe nutriz ou seus representantes, gerando no bebê um estado de completude. Este estado narcísico é regido pelo princípio do prazer. *“Esse estado em que nada se desejava porque nada faltava, porque se era um com a coisa, ali onde não havia sujeito desejante nem eu que o representasse”*. (MASCARELLO, 1994: 106)

Como observa Mascarello, trata-se de uma relação narcísica (primária), sem fronteiras demarcatórias, sem sujeito, já que não há manifestação de desejo por parte do bebê. Em decorrência do estágio narcísico em que a criança se encontra, seus afetos são dirigidos a ambos os progenitores, pois ela ainda não os diferencia. Trata-se, neste caso, daquilo que Freud denominou como identificação primária, onde, mesmo antes de qualquer possibilidade de escolha objetal, a identificação é direta e imediata, na relação da criança com os pais, construindo-se a partir daí, o ego.

De acordo com o texto freudiano de 1912, *“Totem e Tabu”*, esta identificação pertence à ordem do mito, do pai da horda primeva, ao modo canibalístico de incorporação. Conforme o autor, esta identificação pode ser vista

“... como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo desta maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nesta etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta.” (FREUD [1921] 1976: 134)

A importância da identificação primária, que atua como marco inaugural para o desencadeamento de futuras identificações, pode ser observada no seguinte trecho “... *os efeitos das primeiras identificações na mais primitiva infância serão gerais e duradouros*”. (FREUD [1923] 1976:45)

Retomando a construção do ego que consiste, inicialmente, em um distanciamento do narcisismo primário, a criança se defronta com a realidade, ela e a mãe são separadas, o que é revelado ao final da experiência de satisfação. A partir disso, via identificação, estrutura-se o ideal de ego da criança, a qual adota um traço do objeto libidinal como próprio. A primeira identificação, direta e imediata, constrói o ego ideal, remetendo ao estágio do narcisismo primário. Com a quebra do narcisismo primário, e as exigências do mundo externo, também via identificação, agora identificação secundária, constitui-se o ideal do ego.

A criança se dá conta de que não é o centro das atenções da mãe. Suas demandas, por vezes, são preteridas. Agora há que se comparar com algo exterior a si própria, e percebe suas limitações. A mãe é poderosa, capaz de suprir (ou não) suas demandas, e como tal, converter-se em um ideal a ser igualado. Desta forma, um ideal de ego lhe é imposto de fora para dentro, não o encontra mais em si mesma. Como tentativa de obturar o buraco decorrente de sua perda (perda do narcisismo primário), a libido do ego é deslocada, como em uma espécie de investimento, a este ideal, via identificação.

A consequência desta transação, inicialmente, é a diminuição das cargas libidinais à disposição do ego, a não ser que considerássemos o ego como fonte inesgotável de libido. Entretanto, a satisfação obtida pelo retorno destas cargas ao ego, agora avalizadas pelo ideal do ego, voltam a fortalecê-lo. O ego toma um traço do objeto, via identificação. Esta é a dinâmica que engendra o narcisismo secundário.

O ego, o eu, primeiro componente do psiquismo a se diferenciar do id, o isso (atemporal, oceânico, pulsional, dirigido ao princípio do prazer), inaugura o que Freud denominou por princípio da realidade. Ligado em parte à consciência, é o suporte do processo de identificação. A abordagem do tema das identificações, no contexto da psicanálise, é tarefa bastante complexa, uma vez que se torna impossível deixar de correlacioná-lo às temáticas do complexo de castração e do complexo de Édipo, conceitos nucleares na concepção freudiana de estruturação do psiquismo.

Sobre castração ... Édipo ... identificações... e diferenciações...

Um dos primeiros textos freudianos que aborda o tema da castração é o texto *“Sobre as teorias sexuais das crianças”*, de 1908. Nele, o autor destaca, em primeiro plano, a concepção infantil da “crença na universalidade do pênis”, isto é, a atribuição de pênis a todos os seres, masculinos e femininos. Sabe-se que na

organização libidinal fálica, o pênis é a zona erógena prevalecente, e portanto, objeto auto-erótico revestido de intenso valor. Tal fato não permite ao menino, a possibilidade de conceber um “outro ser”, análogo a si, destituído de tão precioso órgão.

“As palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear sua percepção. Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta invariavelmente, com intenção consoladora: ‘O dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer’.” (FREUD [1908] 1976: 219)

Esta fantasia, de que o pênis é pequeno e que ainda vai crescer, também é compartilhada pelas meninas.

Neste momento organizador da sexualidade, o menino reveste de interesse seu órgão genital, e as práticas masturbatórias são iniciadas. Em relação a isto diz Freud: *“Seus pais e sua ama o surpreendem neste ato e o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis”*. (FREUD [1908] 1976: 220) Tais ameaças, reais ou fantasísticas, somadas à percepção das diferenças sexuais anatômicas, constituem o cerne do conceito fundamental de castração em Freud, o qual se refere, assim, à fantasia da perda do pênis, em decorrência do desconhecimento anterior das diferenças anatômicas entre meninos e meninas.

O termo castração se reveste de máxima importância, pois trata-se de um conceito fundamental em psicanálise. A questão da castração, refere-se à falta, à incompletude, à falta em ser, a falta de um objeto determinado da pulsão. É porque algo falta, é porque o objeto está para sempre perdido, que o sujeito se constitui como sujeito desejante, portanto, há que simbolizar esta castração.

Freud trata o tema da castração em diferentes textos. Em “*A Organização Genital Infantil*”, de 1923, uma adição à teoria sexual de 1908, Freud aponta para novos conceitos. O pênis da menina, pequenino, que ainda iria crescer, não cresceu ... ela o perdeu. Lentamente, as crianças concluem que a falta de pênis é o resultado de uma castração. Ora, a associação que faz o menino, é automática “se aconteceu com ela, também é possível de ocorrer comigo”. Desta forma, aquilo que era uma ameaça em 1908, torna-se um fato no texto de 1923, através da constatação das diferenças entre os sexos.

Entretanto, para meninas e meninos, nem todas as mulheres teriam o mesmo destino. Algumas mulheres adultas e poderosas como a mãe, não seriam castradas, seriam fálicas. A partir de então, o complexo de castração terá feições específicas para cada sexo. Frente à experiência de castração, delineiam-se os campos da masculinidade e da feminilidade, com suas peculiaridades.

Confrontada com a evidência da percepção do órgão genital masculino, a menina passa a perceber seu próprio órgão como pequeno e inadequado, registrando

assim, a marca de uma diferença, de uma falta. Instala-se nela a inveja do pênis, a face feminina do complexo de castração. Lacan posteriormente retoma Freud para ressaltar que: *“Inveja não de um órgão biológico, mas como símbolo da falta, da incompletude — a instância do falo”* (Lacan, In: NASIO, 1978). Falo como significante da falta, do desejo. Freud já havia destacado a importância do falo nesta fase: *“Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.”* (FREUD [1923], 1976: 180).

Se na menina, a ausência do pênis desperta a inveja, no menino a percepção da ausência do pênis nas mulheres, provoca o medo de perdê-lo, o medo de ser castrado.

Em ambos, a experiência do complexo de castração marca a falta, a incompletude, significando simbolicamente a primeira experiência de satisfação outrora vivenciada.

Freud destaca que através desta fantasia de castração, a diferenciação entre os sexos se configura para as crianças¹⁴. Entretanto, esta diferenciação é estabelecida de maneira limitada e distorcida, ou seja, o genital feminino, a vagina,

¹⁴ A questão que se apresenta aqui é a questão fálica.

não é reconhecido como tal¹⁵, restando como alternativas diferenciais, duas possibilidades que não masculino e feminino, a saber: masculino ou castrado. Neste contexto, pode-se concluir que a perda de pênis na menina, implica em um “ter havido”, já que só se pode perder quando se têm. A este pênis que “*pode faltar*”, Freud (1923), conceitua como falo.

Neste sentido, apenas um sexo é considerado, o masculino, embora com duas maneiras de manifestação: presente ou ausente, sendo que o falo é o representante desta presença/ausência.

É enquanto “falta” que o objeto fálico e a castração situam-se nos registros do imaginário e do simbólico¹⁶, portanto, distantes da anatomia.

O complexo de castração está indissociado da concepção do complexo de Édipo, desenvolvida por Freud, tomando como modelo o mito da tragédia grega que leva o mesmo nome. Os já iniciados nos conceitos psicanalíticos poderão reconhecer na passagem que se segue, os primórdios daquilo que seria chamado por Freud de complexo de Édipo.

¹⁵ Não se trata de uma falha de percepção ou da inexistência material da vagina, mas de um desconhecimento, da ausência de um significante que produza um significado frente ao inominável, como ensina Lacan.

¹⁶ Conferir os conceitos nas pág. 69 e seguintes.

Em 1905, conforme já expusemos, Freud anunciava, em contraposição ao pensamento da época, as manifestações da sexualidade na criança, desde o nascimento. Posteriormente, em 1909-1910¹⁷, o autor irá destacar que tais manifestações da sexualidade infantil, são dirigidas aos próprios pais. Nesta abordagem, Freud discorria sobre a situação em que a criança elege a um dos progenitores como objeto de seus desejos eróticos, revelando, no caso do menino, o desejo de ocupar o lugar do pai na relação com a mãe, ou o lugar da mãe na relação com o pai, em se tratando da menina. Esclarecia ainda que os sentimentos envolvidos em tal dinâmica, seriam tanto de índole terna como hostil, e que a formação deste complexo estaria destinada à repressão. Constituiria-se, desta forma, o *Kernkomplex*, (o complexo nodular de todas as neuroses).

Em outro texto, ainda de 1910a, Freud utiliza pela primeira vez o termo complexo de Édipo, destacando sua importância e influências nas determinações e na eleição do objeto sexual por homens adultos.

Os antecedentes do complexo de Édipo no menino se caracterizam por sentimentos de ternura dirigidos à mãe, a qual é responsável pela satisfação de suas necessidades, e também, de um especial interesse pela figura paterna, a quem o menino admira. Posteriormente, ao tomar a mãe como objeto de suas pulsões

¹⁷ Trata-se da Quarta Conferência pronunciada na *Clark University*, Estados Unidos.

libidinais, o pai, até então admirado, converte-se em rival, já que se torna um empecilho às demandas do menino em direção à mãe. A relação com o pai adquire *nuances* de hostilidade, e culmina no desejo de tomar seu lugar junto à mãe: esta é a dinâmica do complexo de Édipo positivo¹⁸. Freud diz:

“Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, a pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede este desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo.” (FREUD [1910a] 1976: 154)

Frente ao complexo de Édipo, apresentam-se duas possibilidades de satisfação: uma seria insistir na ligação com a mãe, ocupando o lugar do pai, o que caracterizaria a postura ativa. A outra possibilidade seria substituir a mãe e eleger o pai como objeto, o que caracterizaria a postura passiva. Entretanto, ambas trariam consigo a ameaça da perda do pênis, no primeiro caso como castigo, e no segundo, como premissa. Quanto a este dilema infantil, Freud ressalta:

“Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nesta parte do seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais neste conflito. Triunfa normalmente a primeira destas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo”. (FREUD [1924] 1976: 221)

¹⁸ No Capítulo III d’*“O Ego e o Id”* (1923a), Freud descreve o complexo de Édipo de forma mais detalhada, discorrendo sobre as concepções de complexo positivo, negativo, completo, etc., para demonstrar que as identificações não são feitas pela criança com apenas um dos progenitores, mas com ambos. Neste texto a noção de bissexualidade psíquica adquire destaque na compreensão do tema da identificação.

As cargas libidinais que investiam os objetos parentais sofrem a ação da repressão, permitindo que a criança abandone, assim, seus primitivos objetos sexuais e possibilitando sua identificação a eles (no tipo caracterizado por Freud como identificação a um traço).

O menino tende a se identificar com o pai, e desta maneira, no futuro, irá escolher outra mulher como objeto, mantendo com a mãe uma relação objetal afetuosa, uma vez que o pai interdita a relação entre filho e mãe.

Chega o momento em que o complexo de Édipo sucumbe à repressão, e é neste sentido que o complexo de castração tem um papel fundamental, pois as crianças vivenciaram anteriormente situações de “perdas” de partes integrantes de seu corpo (seio materno, fezes, etc.). Estas experiências geraram angústia. Na organização fálica da sexualidade infantil, as ameaças, veladas ou explícitas, frente às práticas masturbatórias do menino, adquirem um significado perturbador. Estas ameaças, realizadas ou fantasiadas, adicionadas à constatação das diferenças anatômicas entre os sexos que não mais podem ser negadas, geram, no menino, a angústia de castração.

“A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição”. (FREUD idem: 221)

Inicia-se então o tempo de latência, que se caracteriza como aquele em que as experiências sexuais edípicas caem sob o poder da repressão.

Em condições favoráveis, o complexo de Édipo tende à dissolução. Caso contrário, mesmo submetido às forças da repressão, continuará manifestando toda sua energia.

Para a menina, o processo de identificação não é simétrico ao do menino, e, por suas especificidades, será abordado na sequência do trabalho.

O complexo de Édipo na menina...

Até 1925, as diferenças do complexo de Édipo no menino e na menina não haviam sido problematizadas por Freud, embora sua clínica já apontasse para uma assimetria entre ambos. Em *“Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”*, Freud diria:

“Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deveriam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes.” (FREUD [1925] 1976: 310)

Em “*Sexualidade Feminina*”, de 1931, Freud irá comentar de sua surpresa ao descobrir a importância da organização pré-edípica da sexualidade para a menina, apontando assim, a um não paralelismo puro entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino. A intensidade desta ligação da menina à mãe seria de tal forma significativa que, segundo Freud, a menina só alcançaria a organização edipiana positiva, isto é, a eleição do pai como objeto de suas pulsões libidinais, após superar os momentos da organização libidinal dominados pelo complexo negativo, ou seja, após superar o período pré-edípico, onde a mãe é o objeto das pulsões libidinais da menina.

Embora comum a ambos os sexos, a fase pré-edípica na mulher é, segundo Freud, mais intensa e duradoura, e sua ação incide em peculiares alterações no destino da feminilidade. De acordo com o autor, esta diferença justifica alguns aspectos até então pouco compreensíveis da sexualidade feminina. A partir de então, através de sua clínica, Freud aponta os casos de mulheres que repetem, com o marido, o mesmo padrão de relação que mantinham com suas mães, ou seja, embora o marido devesse ser o herdeiro do relacionamento da jovem com o pai, revela-se como herdeiro de seu relacionamento com a mãe¹⁹. Para o autor, não é tarefa árdua esclarecer a questão:

¹⁹ Cabe ressaltar, conforme já observei, que na fase pré-edípica ambos os genitores são objetos de identificação, uma vez que a criança ainda não percebe as diferenças entre os sexos.

“Isto é facilmente explicado como um caso óbvio de regressão. O relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher se faz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetivas.”(FREUD [1931] 1976: 265)

Outro aspecto a ser considerado, segundo Freud, é a hostilidade da menina frente à sua mãe. Segundo o autor, esta hostilidade não está atribuída à rivalidade edípica, posto que o complexo de Édipo nas mulheres é um momento posterior, servindo, entretanto, para oportunizar a transferência da anterior pendenga entre filha e mãe.

Freud pondera, então, sobre os possíveis elementos que operam, na menina, o afastamento da mãe enquanto objeto, em direção ao pai. Para o autor, um primeiro fator reside na ânsia desmesurada de exclusividade da criança, a qual, por sua absoluta dependência na realização de sua satisfação, não admite dividir seu objeto provedor. *“Na tensão dos processos de desenvolvimento, porém, acontece regularmente que a libido abandona sua posição insatisfatória, afim de descobrir outra nova.”* (FREUD, idem:266)

Outro fator que se reveste de maior significação no desprendimento da mãe, recai no efeito do complexo de castração sobre a menina, pois a diferenciação

anatômica entre seu sexo e o dos meninos não pode ser negada, trazendo como consequência a inveja fálica.

A atividade masturbatória na menina, apresenta-se como outro possível fator para o distanciamento e hostilidade em relação à mãe. Primeiramente, a masturbação clitoriana é iniciada de maneira espontânea. Posteriormente, através das estimulações advindas dos hábitos de higiene, a masturbação poderá ser acompanhada por fantasias de sedução, por parte da mãe, ou outra pessoa próxima. Neste sentido, porém, Freud ressalta alguns complicadores:

“A proibição da masturbação, como vimos transforma-se num incentivo para abandoná-la, mas torna-se motivo para rebelar-se contra a pessoa que a proíbe, ou seja, a mãe, ou o substituto materno que, mais tarde, normalmente se funde com esta”.
(FREUD, idem:267)

Segundo o autor, a insistência na masturbação clitoriana, parece abrir a via para o desenvolvimento de uma posição pautada na atividade. Diz Freud: *“Quando atinge a maturidade, sua escolha de objeto ainda pode ser influenciada por este intuito persistente.”*(FREUD, idem, ibidem)

Assim, a proibição da livre atividade sexual da menina é, também, um importante fator no seu desprendimento da mãe. Segundo Freud, *“O mesmo motivo entra em funcionamento após a puberdade, quando a mãe assume seu dever de guardião da castidade da filha.”* (FREUD, idem, ibidem)

Como observamos anteriormente, a constatação das diferenças sexuais anatômicas despertaram, na menina, o desejo de um órgão igual ao do menino. Inicialmente, ela considera seu destino como um infortúnio pessoal, idéia que será, gradativamente, deixada para trás, descobrindo que até mesmo sua mãe é castrada.

Outro fator de queixa da menina contra a mãe, é o de que esta não a teria amamentado suficientemente.

Para Freud, entretanto, o mais importante fator do desprendimento da figura materna é a reprovação que a filha outorga à mãe, por tê-la trazido ao mundo como mulher, ou melhor, desprovida de pênis.

Embora a maioria destes fatores seja comum a ambos os sexos, Freud ressalta que, no caso do menino, a ambivalência afetiva frente à mãe é resolvida, permitindo manter íntegra a relação com ela, o que, como vimos, não ocorre com a menina. Segundo o autor, esta diferença situa-se no fato de que, no primeiro caso, no menino, a hostilidade é transferida ao pai. Para a menina, a rivalidade com o pai não apresenta a mesma intensidade e alcance, como no caso do varão.

Através da análise de suas pacientes, Freud esclarece que este período de extrema vinculação da menina com sua mãe, envolve fins tanto de ordem passiva, quanto de ordem ativa, determinados pela história de cada menina. Em relação ao fato, Freud salienta:

“Pode-se facilmente observar que em todo campo da experiência mental, não simplesmente no da sexualidade, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa. Tenta fazer ela própria o que acabou de ser feito a ela.” (FREUD, idem: 271)

Este processo, parece indicar, segundo Freud, uma rebelião contra o submetimento frente ao mundo. A menina, ao brincar com sua boneca ou um irmão menor, reproduz a mesma situação vivenciada passivamente, agora de maneira ativa. Entretanto, nem todas as crianças conseguem atuar no sentido de reverter fins passivos em fins ativos. *“O comportamento de uma criança a este respeito pode capacitar-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua sexualidade.”*(FREUD idem, ibidem)

Conforme a citação, atividade e passividade não estão referidas ao sexo biológico sendo, portanto, atributos de homens e mulheres, indiscriminadamente.

Devido ao tema deste nosso estudo, cabe aqui frisar a importância da vinculação da menina com sua mãe. Diz Freud: *“Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens”* (FREUD, idem: 260). Freud revela, ainda, que os casos de forte apego de algumas mulheres à figura paterna, seriam, em realidade, uma herança do apego

originalmente orientado à figura materna. O caso da jovem homossexual, texto de 1920, esclarece tais afirmações.

Para uma melhor compreensão do caso, consideramos adequado abordar algumas passagens deste importante texto, sugerindo sua leitura em Freud. Trata-se de uma jovem de dezoito anos, encaminhada a Freud por seus pais, em função de seu envolvimento afetivo com uma “dama” dez anos mais velha.

A inveja fálica, decorrente da comparação de seus genitais com os de seu irmão, marcou significativamente a jovem. Ao ingressar na organização edípica, o desejo de obter um pênis é substituído pelo desejo de obter um filho de seu pai. Por volta dos treze anos de idade, encontrava-se em pleno reviver de seu complexo de Édipo. A forte inclinação por crianças, neste período, é repentinamente abandonada, passando a jovem a manifestar interesse por mulheres mais velhas. Este momento é coincidente com a gravidez de sua mãe. A partir de então, de acordo com Freud, a jovem se torna homossexual. Identifica-se ao pai, e adota a mãe como objeto erótico, numa espécie de regressão à primeira identificação fundamental (narcísica). Entretanto, a mãe é refratária às demandas de amor da filha. Freud esclarece que as relações entre ambas sempre foram marcadas por uma dubialidade afetiva. Sua mãe se comportava em relação a ela como uma concorrente hostil, afastando-a de seu pai, rivalizando-se com a filha, ante a beleza física desta. Ao afastar-se do pai, uma nova oportunidade de resgatar o amor materno pleno se oferece para a jovem. Entretanto, a

mãe é indiferente aos anseios de amor da filha, restando à esta, como saída, buscar um substitutivo, neste caso, a mulher pela qual a jovem se apaixona. “*A jovem, tornando-se homossexual, deixa os homens para a mãe (noutras palavras, ‘se se retirasse em benefício’ dela)...*” (FREUD [1920] 1976: 197)

De acordo com Freud, a jovem não manifestava nenhum pudor em demonstrar ao pai suas inclinações frente à dama, ao contrário, expunha-se em locais em que o encontro com ele seria praticamente inevitável. Certo dia, deparam-se, ela e a dama, com o pai. Este lança-lhes um olhar de reprovação, não desaperecebido pela dama. Ao perguntar à jovem sobre aquele homem, esta lhe responde ser seu pai, o qual ficara furioso ao vê-las juntas. Contrariada ante a revelação, a dama se afasta, pedindo à jovem para não mais procurá-la. Alguns momentos depois, a jovem tenta se suicidar, atirando-se no fosso por onde circulavam os trens. Este foi, aliás, o elemento que motivou os pais da jovem, a encaminhá-la para Freud.

Entretanto, a tentativa de suicídio da jovem, através da análise, revelou que seu ato não fora decorrente do desespero em perder sua amada. Uma série de sonhos corroboraram para uma interpretação mais profunda.

“... significava a consecução do próprio desejo que, quando frustrado, a impelira ao homossexualismo: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela ‘caíra’ por culpa do pai. O fato de, naquele momento, a senhora haver lhe falado exatamente nos mesmos termos que o pai e proferido a mesma proibição, forma o elo vinculatorio entre esta interpretação profunda e a

superficial, de que a própria jovem estava ciente"²⁰. (FREUD, idem 251)

Ao perceber sua mãe grávida, a jovem se sente frustrada por não ter recebido do pai o filho até então esperado. Retorna seu amor pré-edípico dirigido à sua mãe. Novamente é frustrada, sua mãe não lhe é receptiva, restando à jovem, como saída, uma outra mulher como objeto.

A organização pré-edípica, entretanto, é no mínimo intrigante. Faz-se necessário compreender as razões pelas quais um amor tão fundamental há que ser abandonado. E mais ainda, de que maneira se efetuará tal deslizamento em direção ao pai. As respostas a estas perguntas podem ser obtidas, inicialmente, através do estudo do tema da castração, já desenvolvido neste trabalho.

A partir da maneira em que meninos e meninas se situam frente à castração, conseqüências psíquicas peculiares a cada um dos sexos passarão a determinar suas experiências edípicas. No caso do menino, a angústia da castração o levará ao abandono do seu objeto de amor e à adoção do pai como objeto de identificação, o que apontaria para a masculinidade, embora não seja esta a única saída.

²⁰ No texto, o editor de Freud assinala que a expressão "*sie kann nieder*", significa, tanto cair, quanto dar a luz, parir.

Em relação à menina, o lance decisivo de seu afastamento da figura materna se dará ao descobrir que sua mãe, até então fálica, poderosa e completa, também é destituída de falo, exatamente à sua imagem e semelhança. Desta forma é que o amor então dirigido à mãe, pré-edípico, é deslocado ao pai, deixando em seu lugar o ódio, já que responsabiliza a mãe por tê-la concebido castrada. O deslocamento do amor ao pai marca a entrada da menina no complexo de Édipo. Convém ressaltar que na versão do complexo de Édipo anterior à de 1925, a menina se identificava à mãe, para ser amada pelo pai. No caso da jovem homossexual, após uma decepção com o pai, e sendo frustrada posteriormente pela mãe, a menina agora identificada ao pai, toma como objeto de amor uma mulher, como sua mãe.

No texto de 1924 *“A Dissolução do Complexo de Édipo”*, Freud contempla três possibilidades para a saída da inveja fálica, ao final do complexo de castração na menina:

A primeira saída, seria a inibição de sua sexualidade, decorrente de seu sentimento de inferioridade ao comparar seu “pequeno órgão”, com o do menino.

Na segunda saída, pela não aceitação de sua ferida narcísica, a menina manteria a esperança de um dia ser dotada de um órgão semelhante ao do menino, insistindo na recusa em aceitar sua falta, o que a levaria a comportar-se como um homem.

Através destas duas vertentes, poderia ocorrer na menina, a instalação do complexo de masculinidade. Sobre este complexo, Freud ressalta:

“Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar desta opinião, insiste em ser como um homem”. (FREUD [1925] 1976: 315)

Acrescente-se que, segundo Freud, na organização pré-edipiana da sexualidade, as estimulações masturbatórias na menina são de caráter masculino, ou seja, eminentemente clitorianas, e assim, o deslocamento para a vagina, órgão feminino, poderá não se processar, comprometendo, assim, o caminho para a feminilidade.

A terceira possibilidade é o caminho para a feminilidade. A menina desliza em direção ao pai, aquele que tem o que lhe fora negado pela mãe, que também não tem falo, sendo portanto, falha e incompleta. Posteriormente, o desejo de obter do pai um pênis, é substituído pelo desejo de obter dele um filho. Assim se abriria o caminho para a feminilidade, segundo Freud.

“Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com este fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A

menina transformou-se em uma pequena mulher.” (FREUD [1925] 1976: 318)

Desta maneira, segundo Freud, há o abandono do desejo de obter um pênis, em função do desejo de obter um filho, ou seja, um objeto substituto.

Posteriormente, esclarece Freud, frente a um desengano qualquer, a vinculação ao pai pode ser abandonada, podendo assim ocorrer uma identificação com o mesmo, isto é, a retomada da identificação narcísica ou imaginária, e a partir daí, o retorno ao anterior complexo de masculinidade, retomando a mãe como objeto amoroso, conforme pode-se observar no caso da jovem homossexual.

A indissociação entre os temas dos complexos de castração e de Édipo não pode ser negada, ainda que estes apresentem *nuances* diferentes nos dois sexos. Sobre a distinção entre a castração masculina e a feminina, ou seja, os caminhos para a masculinidade e feminilidade, devemos ter em mente, conforme já foi ressaltado, que o menino vive a angústia da ameaça de castração, enquanto a menina vivencia, como inveja do pênis, a angústia da castração.

Outra importante característica diferencial, incide no fato de que, no menino, o complexo de Édipo se dissolve com a renúncia ao amor da mãe, uma renúncia provocada pela angústia da castração. Na menina, o complexo de Édipo é possibilitado pelo complexo de castração.

Ainda uma terceira diferença entre homens e mulheres, aponta para a troca de objeto de amor e de zona erógena na dinâmica edipiana da menina, fatores de dificuldades não observados no menino. Em relação a tais diferenças, Freud esclarece:

“Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino (...) sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina”. (FREUD [1931] 1976:262)

A dificuldade da mulher na consecução da feminilidade, além dos fatores complicadores acima apontados, é determinada por circunstâncias culturais:

“não existe nenhuma atração automática pelo sexo oposto que possa guiar a menina em direção ao amor de seu pai. Não é - como nos animais - o instinto que comanda o destino sexuado, mas antes um artifício, um mecanismo psíquico inconsciente, em suma, um fato de cultura, mais do que da natureza”. (ANDRÉ, 1987:192)

Segundo Freud, o amor dirigido ao pai, na dinâmica feminina do complexo edipiano, atua como encobridor do amor primordial voltado à figura

materna, portanto, não apresenta alterações significativas. No caso do menino, o amor edipiano à mãe, é literalmente abandonado, na maioria dos casos.

Articulando as questões do complexo de Édipo e das identificações, cabem aqui algumas considerações.

Ao ingressar na organização edípica, a criança vivencia sentimentos ambivalentes de afeto em relação aos pais; sentimentos acompanhados de angústia. Com a dissolução do complexo de Édipo, a catexia que investia o objeto, a mãe, no caso do menino, sofrerá uma dessexualização, e será transformada em uma identificação com a mãe, ou em uma intensificação da identificação com o pai. Freud pondera que qualquer uma dessas possibilidades dependerá de outras variáveis, destacando, no entanto, a importância da *“bissexualidade originalmente presente na criança.”* (FREUD [1923a] 1976:47) A primeira variável dependerá do predomínio de uma das disposições sobre a outra. Se a criança abriga uma supremacia da posição masculina, a identificação será dirigida ao pai, e vice-versa. A segunda variável, bastante importante, derruba por terra a fórmula do complexo de Édipo, “ódio ao pai, amor à mãe”. Através da noção de *“complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo...”* (FREUD idem, ibidem), introduzida pela concepção de bissexualidade, Freud irá mostrar que o menino (ou a menina), alterna sentimentos de amor e ódio a ambos os progenitores, isto é, também apresenta uma postura

afetiva, feminina e sedutora, em relação ao pai, tomando a mãe como objeto de rivalidade (e vice-versa).

Tais considerações tornam-se fatores complicadores para o destino das identificações na dissolução do complexo de Édipo.

“É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva (...) a partir da identificação em consequência da rivalidade. Em minha opinião, é aconselhável em geral (...) presumir a existência do complexo de Édipo completo (...) A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais”. (FREUD [1923a] 1976:49)

Nesta citação, ainda que não de maneira explícita, o autor aponta para a relativização da sexualidade humana, em relação à escolha de objeto, a qual contrariamente ao observado na biologia, não apresenta fórmulas definidas. O complexo de castração e o complexo de Édipo, revelam-se decisivos na diferenciação entre feminilidade/masculinidade. Embora existam as duas tendências, dependendo da história de vida de cada um, a masculinidade ou feminilidade aparecerá como dominante.

Na continuidade do texto, Freud ressalta:

“O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego”. (FREUD, idem: 49)

Poderíamos supor que o superego se formaria em decorrência dos resquícios das primitivas escolhas de objeto do id, cumulativamente sobrepostos no ego. Entretanto, segundo Freud, o superego apresenta um caráter duplo, ou seja, o desejo de ocupar o lugar do pai (ser o pai), é seguido pela proibição em tentar fazê-lo, (não podes ocupar o seu lugar), sendo esta, aliás, a razão de sua gênese, isto é, reprimir os conteúdos relativos ao complexo de Édipo.

Como se pode perceber, a questão do ideal do ego é concernente ao tema da identificação, e, no decorrer de sua obra, Freud vai pontuando a importância do processo de identificação. Em 1921, no texto *“Psicologia das Massas e Análise do Ego”*, o autor prioriza o tema e escreve o Capítulo III, *“Identificação”*, onde descreve as várias modalidades que esta pode assumir.

Conforme já abordamos, a primeira identificação é a identificação ao pai da horda primeva, nos antecedentes do complexo de Édipo, comparável à fase canibalística, já que o canibal só come os inimigos aos quais admira, situação em que

o ter se confunde com o ser, isto é, as qualidades do inimigo, passam a ser de quem o devora.

Um segundo tipo de identificação, chamada identificação a um traço, por ser limitada, apropria-se de um só traço do objeto de rivalidade ou do objeto amado. No caso, onde o objeto é de rivalidade, Freud apresenta o exemplo da filha que se identifica à tosse permanente da mãe, revelando o desejo de ocupar seu lugar junto ao pai. A partir daí, sob a influência do complexo de culpa, segue o sofrimento: *“você queria ser sua mãe e agora você a é - pelo menos no que concerne a seus sofrimentos”* (FREUD [1921] 1976:135). Esta é também a dinâmica da formação de sintomas histéricos. Em se tratando da identificação ao objeto de amor, Freud cita como exemplo o caso Dora, a qual se identifica ao sintoma da pessoa amada, o pai. Neste caso, *“... a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu para a identificação”*. (FREUD idem: ibidem)

Uma terceira modalidade de identificação, refere-se às situações em que a identificação ao objeto é isenta de investimento de carga libidinal, muito comum em contextos que envolvem convívio ou proximidade. Freud cita o caso do pensionato, onde algumas moças são tomadas por aquilo que o autor denomina infecção psíquica quando reagem da mesma forma que a colega que recebe uma carta de seu namorado, cujo conteúdo despertara seu ciúme. Neste caso, Freud ressalta:

“As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Seria errado supor que assumem o sintoma por simpatia. Pelo contrário, a simpatia só surge da identificação...”. (FREUD[1921] 1976: 135)

Esta identificação aponta para a possibilidade ou desejo de experienciar a situação invejada. Este tipo de identificação, destituído de investimento libidinal ao objeto de identificação, é de máxima importância para o estabelecimento de laços sociais, conduzindo à empatia, e limitando a agressividade.

A questão da homossexualidade

A identificação narcísica ou identificação primária, conforme observamos na jovem homossexual, é uma das modalidades de identificação, e, neste texto freudiano de 1921 (*“Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”*), é retomada em relação à homossexualidade masculina. Segundo Freud, através da dissolução do complexo de Édipo, ao invés de abandonar a mãe como objeto de escolha, o filho se identifica com ela, *“... transforma-se nela e procura então objetos que possam substituir o seu ego para ele, objetos aos quais possa conceder um amor e um carinho iguais ao que recebeu de sua mãe”*. (FREUD, *idem* 137)

Esta concepção sobre a identificação narcísica, já havia sido desenvolvida por Freud em 1910, no ensaio *“Uma Recordação Infantil de Leonardo*

Da Vinci". Neste texto, algumas passagens referentes à fidelidade do filho à mãe, merecem destaque:

"Quando parece perseguir outros rapazes, e tornar-se seu amante, na realidade está fugindo de outras mulheres que o possam levar à infidelidade (...) o homem que dá a impressão de ser sensível somente aos encantos de outros homens sente-se, na verdade, atraído pelas mulheres, como qualquer homem normal; mas em cada ocasião procura transferir imediatamente a excitação provocada pela mulher para um objeto masculino e, deste modo, repete incessantemente o mecanismo pelo qual adquiriu sua homossexualidade". (FREUD [1910] 1976: 92)

Freud trabalhou o tema da homossexualidade, especificamente, nestes três textos (1901-05, 1910 e 1920), referentes a históricos clínicos.

A percepção posterior de Freud sobre o caso Dora, reforça uma questão teórica importante para a psicanálise, no sentido de desvincular a relação de exclusividade entre a estrutura perversa e o homossexualismo.

Dora, diferentemente da jovem homossexual, relatada por Freud, era uma paciente em que predominavam sintomas histéricos, e que, na revisão do caso, apresenta uma escolha homossexual de objeto.

Texto importante para refletir sobre as questões de identificação e homossexualidade em psicanálise, *"Fragmento da Análise de um caso de Histeria"*, de 1901-05, relata o tratamento de Dora. Por se tratar de um caso extenso e complexo,

sugerimos sua leitura em Freud e, posteriormente, na visão de autores lacanianos.

Apresentamos um relato rápido do caso:

Acometida por diversos sintomas histéricos (tosse incessante seguida de afonia, perda de memória, entre outros) e após ameaça de suicídio, Dora fora encaminhada a Freud pelo pai, um próspero industrial, altamente inteligente e ativo, a quem Dora era muito apegada, principalmente após as sucessivas doenças que acometeram seu progenitor. Sua mãe, o oposto do pai, era uma mulher de poucos dotes intelectuais, estando voltada unicamente, de maneira exacerbada, à limpeza e conservação de móveis e utensílios do lar. Seu único irmão, um ano e meio mais velho, servira, na infância, como um modelo para Dora.

Em um dos episódios de enfermidade do pai, a família se decide a mudar para uma região propícia à convalescença do doente. Neste local, travam conhecimento com o senhor e a senhora K, a qual passa a cuidar do enfermo com máxima dedicação. A partir de então, toda uma trama se estabelece.

Apesar de sexualmente impotente, o paciente se transforma em amante da senhora K. Por ocasião das viagens do senhor K, Dora ocupava o lugar de mãe dos dois filhos do casal K, permitindo à mãe real, ocupar-se de seu pai. Por sua vez, o pai de Dora faz semblante (vistas curtas) frente ao visível interesse do senhor K por sua filha, a qual, com grande frequência, recebe de seu galanteador, presentes e declarações apaixonadas. Nem mesmo o beijo na boca que lhe dera o senhor K, fora

suficiente para que Dora o delatasse, o que fez com que Freud inferisse que Dora pudesse gostar de tais investidas.

Vários episódios envolvendo os dois novos casais são destacados durante a leitura do texto, revelando um acordo tácito entre o quarteto.

Entretanto, de certa feita, em um passeio na região dos lagos, quando se encontravam a sós, o senhor K se dirige a Dora e lhe diz: *“Você sabe que minha esposa nada representa para mim”*. Surpreendentemente, Dora o esbofeteia e foge em disparada para sua casa. O acordo de cumplicidade é então rompido. Dora conta à sua mãe sobre o assédio do senhor K, esperando que esta levasse o caso ao conhecimento do marido, e pudesse, assim, intervir em favor de Dora, o que em parte ocorre. O senhor K, além de negar o problema, atribui a acusação às fantasias da jovem, uma vez que a mesma, segundo o depoimento da senhora K, vinha se interessando pelas questões sexuais, dedicando-se, inclusive, a leituras referidas ao tema.

O pai de Dora concorda com a justificativa do senhor K, e Dora, por sua vez, passa a exigir de seu pai a ruptura com o casal, em especial, com a senhora K, chegando a ameaçar suicídio se não fosse atendida. A partir de então, Dora passa a ser acometida por alguns sintomas, deixando seu pai apreensivo, o que culmina com seu encaminhamento para o tratamento com Freud.

Em uma sessão com Freud, Dora mostra sua indignação pelo fato de seu pai entregá-la ao senhor K, em favor da ligação com a esposa deste. Como resposta, Freud pontua sobre a deliberada participação de Dora, tirando-a do lugar da *“belle indifférence”*²¹, destituída de qualquer mácula. Anteriormente à cena do lago, uma série de elementos destacados por Freud, serviram para demonstrar o interesse que Dora nutria em relação ao senhor K, não sendo, portanto, pertinente tamanha revolta. Fato é que, a partir da cena do lago, algo mudara.

Durante o tratamento, Freud observa que os sintomas de Dora perseguiam uma finalidade, isto é, a separação de seu pai “daquela mulher”. Se seus argumentos não lograssem êxito, partiria, então, para uma “estratégia” mais radical, e se também não adiantasse, no mínimo se vingaria do pai, já que era de seu conhecimento o amor que este nutria pela filha. “(‘ou ela ou eu’), *pelos situações que costumava criar, pelas intenções suicidas que deixava transpirar - por tudo isto, ela estava claramente se colocando no lugar da mãe*”. (FREUD, [1901-05] 1976:53), ou da senhora K, admite Freud, concluindo que Dora estaria revivendo a relação edipiana até então, encoberta, ressurgida a partir do episódio ocorrido na cena do lago.

²¹ Freud volta a citar essa expressão perto do fim de seu artigo sobre o recalçamento (1915), onde a atribui a Charcot.

Dora recusa a interpretação de Freud e após algumas sessões, termina com o tratamento, o qual se estendera por apenas três meses.

Somente "a posteriori" é que Freud iria se dar conta de que o verdadeiro interesse que mantinha Dora naquela posição, era sua ligação homossexual à senhora K. Nas notas que acrescenta a este relato em 1923, Freud reconhece ter subestimado o amor homossexual de Dora pela senhora K, atribuindo tal erro ao precoce término do tratamento.

Conforme nos aponta Lacan, durante todo o caso, Freud se manteve ambíguo em relação ao objeto do desejo de Dora... ora o senhor K, ora o pai.

— E o senhor K, onde é que entra neste caso ? Para Lacan,

"... a histérica é alguém que ama por procuração, e vocês vão encontrar isso numa multiplicidade de casos clínicos; a histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda este objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo."(LACAN, 1995: 144)

Nesse sentido, o senhor K atuaria como polo identificatório, ou seja, *"é na medida em que ela é o senhor K, é no ponto imaginário constituído pela personalidade do senhor K que Dora está ligada ao personagem da senhora K."* (LACAN, idem, ibidem) A questão que Dora se coloca e cuja resposta procura através de um homem, é *"o que é uma mulher"*.

Para Dora, a senhora K incorpora a função feminina, enquanto objeto de desejo de um homem. É sobre isto que Dora nada sabe, o que é ser mulher.

Segundo o que Freud já intuira na revisão do caso, Lacan nos mostra que a questão de Dora é a senhora K. Através da bofetada desferida no senhor K, após declarar que sua esposa nada significava para ele, Dora toma o partido da senhora K. *“... se ela nada é para você, o que é então você para mim ? Com efeito, o senhor K só tinha valor para Dora na medida em que aparecesse como desejando a senhora K.”* (LACAN, 1995:147)

Este autor destaca que as palavras do senhor K destroem a dupla polaridade da identificação histórica de Dora. Por um lado, a identificação masculina, tanto em relação ao senhor K, ou a seu próprio pai, que lhe permitia contemplar a senhora K. Por outro lado, a identificação feminina, no sentido de que desejaria ser amada, tanto pelo senhor K, quanto por seu pai, da mesma forma pela qual seu pai ama a senhora K.

Alguns aspectos diferenciais entre a estrutura neurótica e a estrutura perversa, merecem destaque. Se na histeria, a pergunta é o que é ser uma mulher para um homem, na perversão não há pergunta, o outro sexo está elidido. Na neurose, está suposto o atravessamento do Édipo; na perversão acontece uma regressão ao primeiro momento do Édipo. Em relação à dinâmica identificatória, o neurótico se identifica a um traço do objeto, a identificação é simbólica, parcial; na perversão o objeto de

identificação é também o objeto de escolha libidinal – a identificação é total, o outro é completo, não presentificando, portanto, a castração.

Como se pode perceber, o tema das identificações ligado à questão da sexualidade, é de extrema relevância na estruturação do psiquismo em psicanálise.

Com relação ao fato, consideramos pertinente, pontuar uma passagem do texto “*A Psicogênese de Um Caso de Homossexualidade Feminina*”, já citado neste trabalho, onde Freud comenta sobre a impossibilidade do tratamento psicanalítico modificar a escolha de objeto homossexual:

“... o sucesso consistia essencialmente em facilitar o acesso ao sexo oposto (até então barrado) a uma pessoa restrita ao homossexualismo, restaurando assim suas funções bissexuais plenas”. (FREUD [1920] 1976:189)

Esta fala está em conformidade com o conceito de não ter a pulsão um objeto pré-determinado, e de não haver, portanto, relação ou fórmulas fixas para a sexualidade humana. Freud concebe as escolhas objetais, como estando relacionadas às vicissitudes das pulsões na história de vida de cada sujeito.

Contribuições de Lacan para a leitura de Freud: as identificações e o tema do imaginário ... a questão da identidade.

O ensino de Lacan está pautado em três registros: Real, Simbólico e Imaginário (RSI). Estes três registros nunca aparecem isolados e sim, sempre articulados, condição necessária para o surgimento do sujeito. Esta concepção de diferentes registros psíquicos, constitui-se em contribuição essencial de Lacan, para o retorno à Freud.

O registro do real aponta para o real do corpo pulsional, sem significantes que dele dêem conta.

O registro do simbólico está referido ao inconsciente, estruturado como uma linguagem. É do campo do simbólico a questão dos significantes. O significante advém do Outro (grande Outro), marcando o sujeito, fundando-o enquanto sujeito do inconsciente, efeito de linguagem.

O registro do imaginário, constitui-se a partir da experiência do espelho²². O estágio do Espelho é o momento lógico em que a criança, frente ao espelho, ou frente a um outro (o semelhante), visualiza a imagem de seu próprio

²² O conceito de estágio de Espelho é trabalhado inicialmente, por Lacan, no artigo "A Família", de 1936.

corpo. Ao contemplar sua imagem refletida no espelho, a criança não se reconhecerá. Ao contrário, irá percebê-la como sendo a de um outro, um outro ser concreto, de quem se aproximará ou a quem tentará apreender. Este engano nos permite inferir sobre um estado confusional primeiro da criança entre si e o objeto, e que pode ser observado através da *“...relação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes, e que atesta, sem equívoco, que é sobretudo no outro que ela se vivencia e se orienta no início”* (DOR, 1992: 79).

Um exemplo claro de tal afirmação, pode ser observado nas situações em que uma criança chora quando vê outra criança apanhar, ou então cair. Cabe lembrar que a criança ainda não atingiu a maturação neurológica que lhe permite uma coordenação motora equilibrada, e o conhecimento específico do próprio corpo. Nesta dinâmica do estágio do espelho, o fantasma do corpo fragmentado se perde, dando lugar à imagem do corpo unificado. É a partir da relação com o semelhante que advém a estruturação do registro do imaginário. A criança logo descobrirá que o outro do espelho não é um outro real, que a imagem que procura apreender é dela mesma, passando a se identificar com esta imagem antecipada de completude do próprio corpo. Trata-se de uma identificação primordial com a imagem do próprio corpo, um eu ideal que advém de uma conquista referida ao registro do imaginário, uma vez que

se trata de algo não real, mas de uma imagem, algo que não é ela, embora ela se reconheça naquele lugar.²³

O que era até então um corpo desarticulado, passa a ser uma totalidade unificada. *“A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim, sua relação primordial”*. (DOR, 1992: 80) O estágio do espelho, entretanto, possibilita à criança uma experiência ambivalente (assim nos permitimos articular). Se por um lado, possibilita a apreensão antecipada da imagem, por outro, levará a criança a se deparar com a experiência da falta. Ao comparar seu próprio corpo com a imagem refletida no espelho, uma imagem completa, a criança experimenta, ainda que através do imaginário, a sensação de que alguma coisa poderá faltar. Como diz Lacan, *“É na relação especular que o sujeito tem a experiência e a apreensão de uma falta possível, de que alguma coisa mais além pode existir, alguma coisa que é uma falta”*. (LACAN, 1995:179)

O estágio do espelho insere a criança, portanto, em duas dimensões distintas, a da completude e a da incompletude. Advém daí, a questão do falo, o significante da falta, objeto imaginário com o qual a criança irá se identificar.

²³ A identificação imaginária em Lacan, é correlata à identificação primária, postulada por Freud, onde os afetos da criança serão dirigidos indiferenciadamente a ambos os progenitores.

Entretanto, a identificação imaginária é uma identificação enganosa, já que se trata de uma imagem também enganosa, ilusoriamente completa, antecipada por uma imagem unificada do próprio corpo, ainda fragmentado, na percepção da criança.

Esta experiência aponta para a alienação relativa ao imaginário, pois o que a criança supõe ser um conhecimento, é apenas a percepção de uma imagem, o que a distancia de si, marca o lugar do engano, já que ao se identificar (identificação imaginária), aliena-se, não encontrando a si mesma, mas apenas a própria imagem.

“O re-conhecimento de si a partir da imagem do espelho efetua-se por razões óticas — a partir de índices exteriores e simetricamente invertidos. Ao mesmo tempo, é, portanto, a unidade do corpo que se esboça como exterior a si e invertida. A própria dimensão deste reconhecimento prefigura, para o sujeito que advém, na conquista de sua identidade, o caráter de sua alienação imaginária, de onde delineia-se o ‘desconhecimento crônico’ que não cessará de alimentar em relação a si mesmo”. (DOR, 1992: 80)

Embora enganosa, esta experiência é fundamental para a formação do eu ideal (completo e imaginário), via de acesso às identificações posteriores. Importante, portanto, para a construção da identidade. Ainda que uma experiência ao nível do imaginário, de alguma maneira, este imaginário se encontra atrelado e dependente do simbólico.

Aqui, fazemos um parêntese para tratar o tema da identidade – identidade de gênero – importante neste trabalho.

Identidade não é um conceito psicanalítico – a psicanálise se ocupa, como vimos, em teorizar, através da clínica, a importância dos processos identificatórios na diferenciação do psiquismo e na constituição do sujeito.

A noção de identidade será construída a partir do estágio do espelho, ligada ao eu, à imagem corporal e ao outro – construção do registro do imaginário.

"Identidade, nesta concepção, é ficção do imaginário através da qual o sujeito se representa como 'eu' (a parte consciente do ego) procurando dar unidade e coerência a esta representação. A identidade como representação ficcional do eu, elaboração do registro do imaginário, procura dar conta das contradições do sujeito, organizando-as numa história de vida coerente, unitária". (LAGO, 1998:4-5)

A construção da identidade está marcada, como os processos inconscientes de constituição de sujeito psíquico, pela questão da diferenciação sexual. A identidade construída para historizar o eu, é uma identidade de gênero. Robert Stoller (1993), com suas investigações, procura demonstrar o peso da atribuição social na construção da identidade de gênero.

Aqui, consideramos importante a discussão (que vem na esteira do tema da fragmentação de identidade na pós-modernidade) sobre o desdobramento da

identidade de gênero em, além das identidades masculina e feminina, identidades homossexual, gay, lésbica, e quantas forem as práticas sexuais.

Acreditamos, acompanhando Stoller e outros autores²⁴ que as identidades de gênero se constroem como masculinas ou femininas, de homens ou mulheres, independentes da orientação do desejo de cada homem ou mulher, de suas “escolhas” de objeto, das práticas através das quais vivenciam suas sexualidades, buscando a satisfação de suas pulsões. Fecha o parêntese.

O registro do simbólico, está referido ao campo da linguagem, e, se a criança ainda não fala, ela é falada, surgindo num lugar marcado simbolicamente, e neste sentido, necessita da mãe para que esta autentique a descoberta de sua completude. Ao dizer de quem é aquela imagem, o Outro, tesouro do significante, encarnado pela mãe, garante esta aquisição da criança.

“Lacan parte do princípio de que a linguagem pré-existe ao sujeito, de que o Outro, morada do significante, já está aí (...) Como diz Miller, o sujeito advém tributário do significante”. (RIAVIZ 1996: 35)

Ao captar sua imagem, através do outro do espelho, a criança se distancia de si mesma, alienando-se no espaço imaginário, numa identificação

²⁴ Conferir Freire Costa, 1998.

narcísica que há de ser quebrada, para que possa se constituir enquanto sujeito, sujeito desejante. É a partir da identificação ao significante que advém do Outro, que o sujeito poderá se livrar de seu cativo narcísico. A criança se identifica com traços que vem do Outro, e somente através do reconhecimento deste Outro pode ser constituído o ideal do eu, o qual surge deste lugar simbólico.

Ao confirmar de quem é aquela imagem, a mãe atua como vetor de fornecimento de significantes para a criança, marcando seu ingresso na dimensão da linguagem, portanto, o ingresso no registro do simbólico. *“É a partir destes significantes, que atuam como traço unário, que se constitui o ideal do eu, via identificação do sujeito ao significante”* (STOTZ, 1998: 116)

O ideal do eu constitui-se através de identificações a um traço que vêm do Outro. Porém, é também o ideal do eu quem dirige o sujeito no campo do registro do imaginário.

“O ideal do eu advém do campo simbólico e, segundo Lacan ‘é o que corresponde às coordenadas inconscientes do eu ...’, pois ficam sob efeito de repressão”. (STOTZ, idem, ibidem)

Cabe aqui destacar, que tanto o eu ideal, como o ideal do eu, são instâncias referidas ao narcisismo. Enquanto o eu ideal se encontra associado ao estado fusional, global, perfeito, e, portanto, indiferenciado, característica do narcisismo primário, o ideal do eu, constitui-se através da tentativa de retorno ao narcisismo. O ideal do eu, está referido a um único traço que vêm do Outro, razão pela qual Lacan denomina identificação ao traço unário, contrariamente à identificação narcísica, onde o outro é apreendido em sua totalidade. Entretanto, o ideal do eu se instaura a partir da quebra narcísica, da constatação de uma falta que venha, de alguma maneira, abalar o estado de completude da díade, até então perfeita, isto é, a criança e a mãe enquanto provedora. Por mais que a criança deseje, a mãe não pode atender ao bebê em todas as suas necessidades, e assim, a falta é presentificada. A criança, ao preço da angústia causada pela falta, percebe que a mãe é um outro que não ela mesma. É desta forma, ao se identificar aos traços que advém do Outro, que o narcisismo volta a ser restabelecido (o que Freud denominou de narcisismo secundário). Através do traço que advém do Outro, gerador do ideal do eu, podemos inferir que o sujeito constitui-se a partir do Outro. Entretanto, como se trata de uma identificação a um traço, e não de uma especularização totalizadora, como ocorre no narcisismo primário, o sujeito pode ser viabilizado.

Através destes enfoques, fica reforçada a assertiva freudiana, de ser a identificação a primeira forma de relação afetiva entre duas pessoas, onde o eu de uma adota certas características do objeto, como suas. O sujeito toma traços do objeto amado e perdido, via identificação.

Cabe aqui retomarmos algumas considerações referentes ao tema das identificações. Em Lacan, a identificação imaginária está referida à constituição do eu ideal. Trata-se de uma identificação narcísica, onde a criança se identifica a um “outro” semelhante. Na identificação simbólica, a criança se identifica a um traço do “Outro”, constituindo o ideal do eu. A identificação simbólica é correlata à identificação proposta por Freud, ao final do Édipo, que tem como herdeiro o superego.

As identificações, que possibilitam, assim, a organização do psiquismo em componentes diferenciados, fundamentam também o processo de diferenciação sexual, na visão psicanalítica.

... de Édipo... castração... e diferenciações, segundo Lacan...

"Amei meu filho com toda a força sobrenatural que um sentimento muito forte nos permite. Queria que ele fosse melhor em tudo: o mais bonito, o mais inteligente, o mais bem vestido, o mais estudioso e comportado. Lutei muitas vezes com a força de minhas próprias mãos para que ele seguisse as regras que eu - a mãe perfeita - considerava as certas (...) Queria que me perdoasse (...) Que me perdoasse por tê-lo sonhado à minha imagem e semelhança ... (ARAÚJO, 1997: 14-15)

Eu abracei Cazuza como se quisesse que ele entrasse dentro de mim novamente". (ARAÚJO, idem: 27)

No texto de 1923, "*A Organização Genital Infantil*", Freud destaca o que denominou primado do falo, o qual, conforme já observamos, é decorrente da concepção infantil da primazia do genital masculino, por ocasião da descoberta das diferenças entre os sexos. Tal descoberta aponta para uma falta imaginária, a qual há que ser simbolizada. Assim, para ambos os sexos há um único genital, representado pelo falo, que pode estar presente ou ausente. Lacan, retomando Freud, ressalta que, nesta passagem, vê-se que não se trata de um primado do genital, mas do primado do falo, razão da castração não incidir sobre o pênis, mas sobre o falo.

Frente a estas colocações, é importante explicitar o conceito relevante que Lacan nos apresenta em relação ao tema da falta de objeto. Em seu “*Seminário IV*” de 1956-57, “*A Relação de Objeto*”, Lacan apresenta três possibilidades de manifestação da falta de objeto. Tais modalidades variam segundo a natureza da falta e o tipo de objetos relacionados, e são determinadas pelas relações da criança com sua mãe, enquanto o Outro provedor.

A primeira das faltas relacionadas por Lacan, é a frustração, que é a falta imaginária de um objeto real, o seio. Enquanto provedora das necessidades da criança, a mãe, pode estar ora ausente, ora presente, tornando-se objeto de apelo para a criança. Assim, como provedora, acalma as necessidades físicas, dando-lhe leite. Enquanto objeto de apelo, pode lhe dar ou não, signos de amor. A frustração, deste modo, refere-se à frustração de amor que a criança compensa ao satisfazer sua necessidade.

O seio apresentado até agora como objeto de necessidade, quando não é oferecido à criança pela mãe, gera frustração, revelando-se assim, uma falta imaginária de um objeto real. Falta imaginária, pois no real nada falta.

A partir de então, o seio passa a ter uma significação simbólica, ou seja, tem função como parte de objeto de amor. O objeto real, o seio, torna-se elemento do objeto simbólico, passível de ser substituído por qualquer outro objeto.

A segunda modalidade de falta, é a privação, onde a falta é real, enquanto o objeto é simbólico, ou seja, o objeto de que se trata aqui, é o falo simbólico. Para que haja uma falta, um buraco no real, é necessária a simbolização desta falta. Porque podemos supor que algo existia ali, agora supomos que algo falta.

O que supostamente falta à mãe, enquanto mulher, é o pênis, mas não é um pênis qualquer, e sim um pênis em estado simbólico.

A terceira modalidade de falta, é a castração, uma falta simbólica de um objeto imaginário. A castração implica na interdição do incesto, pois a castração a ser simbolizada, é a castração materna.

A castração refere-se ao falo como um objeto imaginário a ser renunciado, presentificando-se enquanto falo simbólico ao final do Édipo.

A castração está fundamentalmente articulada com a ordem fálica, e não com o registro do pênis. É a noção de falta de pênis que promove o objeto fálico, introduzindo-o para além da anatomia.

A noção de falta sugere a idéia de uma presença anterior, ou seja, de algo que já existira. Esta falta do pênis, está atrelada ao registro do imaginário, pois é ao presumir a completude imaginária que a criança pressente que algo pode faltar.

“Esta construção imaginária, que invoca imperativamente uma falta adiante do real dessa diferença, postula implicitamente a existência de um objeto, ele próprio imaginário: o falo. Este objeto imaginário sustenta, de um extremo a outro, o fantasma alimentado pela criança a partir do momento em que ela insiste em conceber como faltante algo que imagina dever encontrar-se ali”. (DOR, 1992: 75)

Conforme Hugo Bleichmar, o falo é a presentificação de uma ausência, pois o conceito de falo surge em relação a algo que se crê existir. *“O pênis é, então, uma presença que se define em relação a uma ausência possível e uma ausência que se torna possível em relação a uma presença suposta”.* (BLEICHMAR, 1991: 35)

Inicialmente, a diferenciação entre os sexos atua em conformidade com o falo enquanto objeto imaginário, o qual, entretanto, será determinante na

estruturação da dialética edipiana, já que promoverá uma operação simbólica inaugural. *“A referência ao falo não é a castração via pênis, mas a referência ao pai, ou seja, a referência a uma função que mediatiza a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança”*.²⁵ (DOR, 1992: 73)

Desta forma, a dinâmica do complexo de Édipo se dará, então, em relação ao lugar ocupado pelo falo no desejo da mãe, da criança e do pai, através de uma dialética que se estenderá sob a forma do ser e do ter (o falo). Lacan introduz assim, novos conceitos teóricos importantes para a compreensão do complexo de Édipo.

Vimos em Freud, a maneira como a menina se desprende da mãe incompleta, imaginariamente castrada, em direção ao pai, adotando o desejo de um filho como saída reparadora do narcisismo ferido, em consequência do complexo de castração.

A partir daí, a mãe apresentada por Lacan, na dinâmica do complexo de Édipo, é esta mulher — ser em falta, incompleta, em relação ao falo. Falo, este

²⁵ Lacan ajuda a esclarecer o distanciamento da psicanálise em relação às explicações biologizantes quando introduz os conceitos de função paterna, referida à introdução da lei, e de função materna, remetendo à pessoa encarregada da maternagem, o Outro.

significante da falta, da incompletude, que está, então, sempre presente na relação mãe e filho, não uma relação dual, portanto, uma tríade — mãe, criança, falo.

Na completude não há falta, portanto, não há desejo, não há castração. De acordo com Lacan, a falta é a única instância capaz de promover o desejo. É neste sentido que a criança ocupa o lugar de objeto do desejo materno, atuando como agente que complementa a falta materna. Uma vez neste lugar, torna-se parte do corpo da mãe, transformando-a em uma mulher plena. Embora parida, a criança ainda não é posta no mundo, ao menos enquanto sujeito.

Três tempos são observados na visão lacaniana do complexo de Édipo. No primeiro tempo, a experiência fundamental da criança frente à mãe, é de pura dependência.

“... é a experiência de seu não ter, é a experiência da frustração. Lacan põe a frustração como o verdadeiro centro da relação mãe-filho. E ainda que a frustração da criança enquanto ligada à mãe — e dependente da mãe — apareça em primeiro plano, o mais importante é a frustração da mãe, não a da criança — a frustração da mãe como mulher”. (MILLER, 1995: 64)

A frustração é o afeto decorrente da experiência de uma perda imaginária, sentida pela mulher em relação a um objeto real, o pênis. Trata-se de uma

experiência imaginária, porque, na realidade, a mulher nunca foi aparelhada com um pênis.

O filho vem ocupar o lugar de falo, tamponando a falta deixada pela frustração. Entretanto, o aparente Nirvana deste estágio fusional tende a esmorecer. Neste caso, a criança imaginária, enquanto falo imaginário, complemento da falta e habitante da fantasia materna, é contraposta à criança real²⁶. Segundo Lacan, esta posição ocupada pela criança imaginária, enquanto objeto do desejo materno, transcende ao próprio objeto, uma vez que é a criança o polo que atua no resgate do narcisismo da mãe.

A criança percebe que a completude de sua relação com a mãe é quebrada. Ao constatar não ser tudo para a mãe, já que a mesma apresenta outros interesses, a criança irá se identificar ao objeto de desejo da mãe, ao falo, visando completar, preencher (o buraco), a falta presenciada na mãe. “*Para agradar a mãe, é preciso e é suficiente ser o falo*” (LACAN, 1970: 86). Ao aceitar o filho como complemento de sua falta, a mãe impõe seu desejo a ele, levando-o a não manifestar outro desejo, que não o dela próprio. Neste caminho, enquanto ser não desejante de algo além desta relação, a criança não reconhece a falta, excluindo-se como ser desejante, mantendo-se na posição de completude. A forma como a mãe viveu a

²⁶ Freud já havia apontado para esta questão, frisando que os casos de depressão pós-parto, atestam o abismo existente entre a criança sonhada pela mãe, e a criança parida.

própria castração, favorece ou não, a castração do filho. “*O determinante para cada sujeito é a relação da mulher que se encontra como sua mãe, a relação desta mulher com a própria falta*”. (LACAN, in MILLER, 1995: 63)

Antes de introduzirmos o segundo tempo do Édipo em Lacan, consideramos adequado abordar alguns esclarecimentos em relação ao “pai” na dinâmica edipiana. Frequentemente nos deparamos com uma mesma dúvida, entre os não iniciados nos conceitos psicanalíticos: — Como se justifica o complexo de Édipo em crianças órfãs?

Os conceitos de pai real, imaginário e simbólico, e a noção de função paterna, esclarecem o problema. Segundo Lacan, o pai que intervém no complexo de Édipo, não é o pai real, e sim, o pai imaginário, ou seja, o pai fantasiado pela criança, e o pai simbólico, representado através do discurso materno. Presente ou não, o pai real é um coadjuvante no que está edipianamente em questão. Porém, em relação ao pai imaginário e simbólico, a presença ou ausência são atributos determinantes, enquanto associados a uma evolução psíquica estruturante para a criança. O que determina a relação edípica é a mediação da mãe, ou seja, o discurso que a mãe faz, presentificando o pai. “*O que, para a criança, é estruturante, é que ela possa fantasiar um pai, isto é, elaborar a figura de um pai imaginário, a partir da qual ela investirá, interiormente, a dimensão de um pai simbólico*”. (DOR, 1997: 29)

Portanto, é de pouco valor que na realidade este pai esteja presente ou ausente, pois o

pai é presentificado ou não, pelo discurso da mãe. O que é mais importante, é a função paterna, advinda do pai simbólico, o pai significado pela mãe. A criança constata que há um objeto do desejo materno e quer ser o falo para esta mãe.

Esta é a operação simbólica inaugural, cuja resolução se dá através do que Lacan concebeu como a metáfora do Nome do Pai²⁷. É o pai simbólico que atua como instância mediadora do desejo da mãe, do desejo do Outro. Somente a atribuição fálica ao pai, é que irá configurá-lo como pai simbólico, o representante da lei, “... o pai enquanto mediação estruturante do interdito do incesto” (DOR, 1997: 41).

Retornando ao Édipo em Lacan: assim, no segundo tempo, através do discurso da mãe, mediado por ela, interpõe-se o pai imaginário, como objeto de rivalidade. Num duplo sentido, o pai intervém, privando o menino de seu objeto de desejo, a mãe, e privando a mãe de seu objeto fálico, o filho. “*Em relação ao filho: não te deitarás com tua mãe. E com respeito à mãe: não reintegrarás teu produto*”

²⁷ Metáfora e metonímia são termos da lingüística. O primeiro indica a substituição de uma palavra por outra, pertencente a um contexto diferente. O segundo designa o deslizamento de uma palavra a outra, apresentando um elo de associação, de contiguidade, entre ambas. Jakobson relacionou estas concepções aos mecanismos (inconscientes) de deslocamento e condensação, que, de acordo com Freud, atuam na formação dos processos do inconsciente. Tais mecanismos que se evidenciam nos sintomas, sonhos, chistes e atos falhos, são característicos do processo de funcionamento do aparelho psíquico. Lacan, defendendo a idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem, desenvolve a contribuição de Jakobson, utilizando os conceitos de metáfora e metonímia como concepções fundamentais na sua leitura da psicanálise freudiana. Segundo Lacan (1988:246), em relação à metáfora “... é na substituição do significante ao significante que se produz um efeito de significação ...” e quanto à estrutura metonímica, o que há “... é a conexão do significante com o significante ...”.

(LACAN, 1970: 89). Neste sentido, o desejo de ambos, mãe e filho, passa a depender do desejo do pai, do Outro do outro, ou seja, da lei paterna.

Ante o impasse, duas possibilidades se abrem frente à criança: ser ou ter o falo. Segundo Dor (1997) esta é a dialética fundamental na dinâmica edipiana, o momento determinante para a inscrição da criança na função fálica, ou seja, o momento em que a criança, ou permanece identificada com o objeto que preenche a falta da mãe (ser o falo), ou então, renunciando a este lugar, identifica-se com o pai, enquanto aquele que tem o falo, o objeto do desejo do Outro (ter o falo). *“É pelo lado do pai, de fato, que o falo, apenas imaginário na relação mãe-criança, pode receber seu fundamento simbólico”* (ANDRÉ, 1987:194).

Nesta segunda possibilidade, o pai imaginário, introduzido pela mãe, cede lugar ao pai simbólico, trazendo, conforme nominada por Lacan, a metáfora do Nome do Pai, a qual atua como instância mediadora do desejo da criança, isto é, instaurando o registro da castração e da estrutura psíquica. Dor (1997), comentando Lacan, ressalta que estes momentos do processo edipiano são fundamentais para o sujeito. Momentos em que a relação desejo/falo são determinantes para a concretização das organizações estruturais²⁸, sejam elas,

²⁸ A partir da posição ocupada pelo sujeito frente à castração, ou seja, a simbolização da castração, é que se configura uma determinada estrutura psíquica.

“... perversas, obsessivas, histéricas ou psicóticas, das quais se pode referenciar a posição, a partir de fatores favoráveis que intervêm nas interferências dos desejos recíprocos da mãe, do pai e da criança, em relação ao objeto fálico”. (DOR, 1997: 25)

Sintetizando, a articulação do desejo da criança, frente à dialética edipiana do ser ou ter o falo, é determinante para a conformação das estruturas psíquicas, ou seja, indica as vicissitudes que tornam um indivíduo, predominantemente neurótico, ou perverso, ou psicótico.

Assim, a relação ternária (mãe, falo e criança), presente no primeiro tempo, é quebrada pela dinâmica do segundo. No que regula o curso do Édipo, a função fálica supõe quatro protagonistas: a mãe, o pai, a criança e o falo, sendo *“...este último termo, o elemento central em torno do qual vêm gravitar os desejos respectivos dos três outros”* (DOR, idem:26)

Esta conjugação quadrangular é de máxima importância no processo de identificação da criança em relação ao pai, já que o objeto de seu desejo, a mãe, é, em realidade, possuído por outro, ou seja, o pai, cuja lei a mãe mesma referencia.

No terceiro tempo, através de sua intervenção, o pai passa a ser visto, não mais como sendo o falo, o objeto de desejo da mãe, mas sim, como tendo o falo. Este é o momento em que a angústia da castração é deflagrada com todo o seu rigor. A renúncia à mãe fálica, implica na confrontação com o real da diferença entre os

sexos, exatamente aquilo do qual a criança nada quer saber, o objeto suposto faltar, o falo, e também, as consequências deste fato: ser castrado ou não ser castrado. Esta constatação é angustiante porque revitaliza a castração, no caso da menina, e por outro lado, no caso do menino, desperta a ameaça de castração.

Insistimos que se trata de uma castração simbólica, dirigida a um órgão imaginário, ou seja, ao falo. A castração a ser simbolizada, é a castração da mãe.

Ante a perspectiva do terceiro tempo da dinâmica edipiana em Lacan, ter o falo, a criança poderá seguir o caminho que a levará a se aproximar do pai, buscando identificar-se a ele (aquele que tem o falo), aquele que representa a lei, resultando desta identificação o Ideal do Eu, ao final do Édipo.

Através da dinâmica entre o ser ou ter o falo, a criança, menino ou menina, se insere no campo das identificações.

“Segundo o sexo, a criança se inscreverá diferentemente na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico. O menino, que renuncia a ser o falo materno, engaja-se na dialética do ter, identificando-se com o pai que supostamente tem o falo. A menina pode igualmente subtrair-se à posição de objeto do desejo da mãe e deparar-se com a dialética do ter sob a forma do não ter. Ela encontra, assim, uma identificação possível na mãe, pois, como ela, ‘ela sabe onde está, ela sabe onde deve ir buscá-lo, do lado do pai, junto àquele que o tem’”. (DOR, 1992, 88)

Em relação à descoberta freudiana da importância da fase pré-edípica para as mulheres, Lacan ressalta que a eleição do pai, enquanto elemento que encobre

a mãe, não produz para a menina, um significado novo. Nesta concepção, a instância paterna tem função de metonímia (deslocamento) em relação à menina, ao passo que, em relação ao menino, tem função de metáfora (condensação). Isto é, nada muda para a menina, enquanto que o varão abandona a mãe em direção ao pai.

Este novo enfoque produz uma reviravolta fundamental, permitindo questionar as verdadeiras razões (outras possíveis razões) que levam a menina a se afastar da mãe, e também, questionar a terceira via proposta por Freud para a feminilidade, ou seja, o desejo de obter um pênis do pai e posteriormente o desejo de obter, dele, um filho. Enquanto metonímia, segundo André (1987), é ainda a mãe, que se encontra presente como objeto libidinal, mesmo que encoberta pelo pai.

É o processo identificatório que indica o caminho para a feminilidade e a masculinidade. Nesta dinâmica, a criança aceita o real da diferença entre os sexos, aceita a castração (simbólica) e a falta na mãe, articulando-se como ser em falta na conjunção do desejo.

Havemos de nos perguntar, neste momento, se o homossexual atinge o terceiro tempo. Freud sustenta que, no homossexualismo masculino, o menino irá se identificar à mãe, caracterizando o que denomina complexo de Édipo invertido. Na homossexualidade masculina, segundo Lacan, a mãe fálica é a lei. O menino não pode identificar-se ao pai, enquanto aquele que tem o falo, uma vez que a mãe faz deste filho o seu falo, no que anula, apaga, a presença do pai enquanto possível detentor do

falo. Sob este enfoque, Lacan contesta o conceito freudiano de “Édipo invertido”, uma vez que é ao falo, e não à mãe, que o varão irá se identificar. É a mãe quem comanda a lei. Para o filho, ela é a detentora do falo.

Do lado feminino, comentando o texto da jovem homossexual, Serge André (1987) enfatiza que, pela vertente do ódio, a menina se afasta da mãe por constata-la como ser em falta, e pela vertente do ciúme, por perceber que sua mãe, ao ficar grávida, demonstrou, além de sua incompletude, ser desejosa de algo que transcende o lugar da filha enquanto objeto de complemento da mãe, fazendo desmoronar a unidade imaginária entre ambas. A intensidade do amor primordial dirigido à figura materna, torna-se tanto mais relevante, quanto se nutre do narcisismo, levando a menina a identificar-se com o objeto, criando, desta forma, uma equivalência entre os planos da identificação sexuada e a escolha do objeto. A menina está narcisicamente identificada à sua mãe.

O relato de Freud, sobre a tentativa de suicídio da jovem homossexual, corrobora com a questão da identificação narcísica. Conforme expõe no texto “*Luto e Melancolia*”, de 1917, Freud, refletindo sobre as tentativas de suicídio de pessoas enamoradas, ressalta que tais tentativas estariam dirigidas a um objeto perdido, com o qual estariam identificadas, o que denota que por trás do desejo suicida, encontra-se em realidade um desejo homicida, dirigido ao objeto perdido e introjetado no ego. “Assim, suicidando-se, a moça pune também sua mãe, com quem se identificara, e

que deveria ter morrido ao dar a luz o menino que a filha havia desejado. A realização do desejo” (ANDRÉ, 1987:168). Segundo este autor, a tentativa de suicídio da jovem pode ser interpretada da seguinte maneira: “a jovem mata a mãe enquanto polo identificatório, mas isso não a impede de amá-la enquanto objeto”. (Idem, ibidem).

Esta citação está em conformidade com a afirmação freudiana, de que algumas mulheres dificilmente encontrariam um caminho até o homem. A forte vinculação existente entre mãe e filha, e a ambivalência desta relação amorosa, decorrem da dupla posição da mãe como objeto de amor e polo identificatório, sendo que o momento em que a filha mais odeia a mãe, é o mesmo em que deve se identificar a ela.

Esta visão nos auxilia a compreender as razões que levam Lacan a se utilizar da palavra “devastação” para se referir à relação entre mãe e filha. “É que, de fato, esta relação tem todos os traços de uma relação passional para a qual os parceiros não conseguem encontrar a saída, senão em termos de ruptura”. (ANDRÉ, 1987: 189)

Os diferentes destinos do menino e da menina, na dinâmica do complexo de Édipo, são no mínimo intrigantes, incitando-nos à reflexão. – Por que a separação da menina em relação à mãe é tão difícil, se também o menino passa pela mesma experiência?

Por que o menino se identifica ao pai? Qual a saída libertadora que o leva a desatar as amarras de sua identificação com o falo imaginário, que o mantém ancorado ao desejo materno? Comentando Lacan, André nos fala desta questão:

Lacan nos ensinou que uma identificação imaginária só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico, “traço unário”, como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do Outro para arrimar sua identidade. (ANDRÉ, 1987:195)

A menina, obviamente, não encontra no pai nenhuma semelhança para sua identificação, sendo este, sem dúvida, um dos elementos que torna a identificação feminina um processo muito mais complexo que o do menino.

“Tudo o que a mãe pode oferecer como traço simbólico, suporte da identificação, é o falo.” (idem, ibidem) Não há, portanto, um favorecimento que venha privilegiar a identidade feminina, restando, como alternativa, o confronto com a falta no Outro.

Sobre a relação mãe/falo, em referência à menina, André ressalta:

“Quer ela o detenha - como a criança acredita de início - quer não o tenha - como ela vai descobrir - isso implica que ela remete sua filha a um marco que pode lhe significar, mas que não o detém. Ai está sem dúvida a explicação radical ao fato de que a vida sexual feminina esteja de tal modo centrada no amor e na demanda do amor, ou seja, na demanda de se fazer dar pelo outro, aquilo que ele não tem. A falta da mãe, com relação à filha, deve ser vista como dupla falta: falta do significante de

uma identidade feminina, por um lado, e falta de falo, por outro lado” (ANDRÉ, 1987:196).

Como já foi anteriormente observado, na questão da sexualidade feminina, há que se levar em conta a mãe, enquanto polo de identificação, e enquanto escolha de objeto. É necessário então, após acrescentarmos alguns aspectos ao tema da identificação, tentarmos articular a questão da escolha do objeto.

... da identificação ... à escolha de objeto ...

*“Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto o mau gosto.
É que Narciso acha feio o que não é espelho”.*

(Sampa, de Caetano Veloso)

Ao estudar o processo da estruturação do psiquismo humano, Freud distingue duas ordens diferentes. A primeira refere-se à identificação sexuada, isto é, à posição masculina ou feminina adotada, que como vimos, está diretamente ligada à questão edípica. A segunda ordem, refere-se à escolha de objeto, isto é, a criança elegerá como objeto de amor, um homem ou uma mulher.

O termo escolha de objeto, preconizado por Freud, encobre um engodo. Não se trata de um livre arbítrio, onde uma pessoa, deliberadamente elege um objeto em detrimento de outros. Tais escolhas resultam, através das regras que regem a

estruturação do aparelho psíquico, de injunções inconscientes, embora nos transmitam a impressão de serem escolhas pertencentes à consciência.

No texto “*Narcisismo: uma introdução*”, Freud destaca a questão da escolha de objeto, esclarecendo: “... *um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais — ele próprio e a mulher que cuida dele...*” (FREUD [1914] 1976:104). Acrescentando ainda que uma pessoa pode amar:

“(1) *Em conformidade com o tipo narcisista:*

- (a) *o que ela própria é (isto é, ela mesma),*
- (b) *o que ela própria foi,*
- (c) *o que ela própria gostaria de ser*
- (d) *alguém que foi uma vez parte dela mesma*

(2) *Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):*

- (a) *a mulher que a alimenta,*
- (b) *o homem que a protege,*

e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.” (FREUD [1914] 1976:107)

Portanto, a escolha de objeto se efetiva conforme duas possíveis vias. A primeira, denominada anaclítica ou do tipo de apoio, está referida à função materna, ou seja, referida ao Outro primordial, elemento a quem é designada a satisfação das necessidades de sobrevivência da criança. A partir de então, a criança elege seus objetos sexuais através de suas primeiras experiências de satisfação, auto-eróticas, apoiadas em funções fisiológicas necessárias para a sobrevivência.

A atividade oral do recém nascido está, inicialmente, associada à auto-conservação. Entretanto, embora saciado, o bebê continua sua atividade de sugar, uma ação destituída de finalidades vitais. O sugar o polegar, está a serviço da reprodução de um prazer já experimentado na primeira experiência de satisfação com o seio nutriente.

Conforme já foi articulado neste trabalho, a experiência da satisfação, referida à pulsão, é fundante para a organização do psiquismo. Neste momento, privilegamos sua importância relacionada à determinação das escolhas objetais.

Através da função fisiológica de auto-conservação, os lábios da criança adquirem a função de primeira zona erógena. A pulsão sexual torna-se independente da atividade de auto-conservação, a qual permanece dirigida para objetos reais. O reinvestimento da imagem do objeto, ainda que alucinatório, é equivalente a uma percepção real gerando, portanto, satisfação. Desta forma, a pulsão sexual encontra, através do auto-erotismo e da elaboração fantasmática, a independência em relação ao objeto real, e neste processo, liberta-se da submissão exigida pelo mundo exterior, ou melhor, liberta-se de seu objeto anaclítico ou de apoio, encontrando a satisfação no próprio corpo.

Embora as pulsões sexuais se tornem independentes dos objetos externos, esta independência é sempre parcial. As satisfações advindas exclusivamente das atividades auto-eróticas, não garantem a sobrevivência da criança

por muito tempo. A mãe, ou quem quer que exerça esta função, continuará como apoio às necessidades vitais do bebê, e nesta dinâmica, torna-se o seu primeiro objeto de amor. Cabe esclarecer que a criança adota a mãe como objeto de investimento libidinal.

Segundo Freud, o estabelecimento deste objeto sexual nada mais é que um reencontro, pois o primeiro encontro já fora designado pelas pulsões de auto-conservação.

Posteriormente, a criança elegerá seu objeto de amor, orientada pelo modelo experimentado através dos pais ou seus representantes. Para Freud, as imagens parentais correspondem a padrões das futuras escolhas sexuais de objeto. Portanto, ama-se à mãe nutridora, ao pai protetor e a todos aqueles que sucedem à primitiva escolha de objeto.

A segunda via para as escolhas de objeto, é denominada ‘escolha narcísica de objeto’, onde o indivíduo elege como escolha amorosa, um objeto em conformidade com a sua própria imagem. A partir de seus estudos, Freud confirma a existência de um narcisismo primário em todos os indivíduos. Entretanto, o autor defende que, em uma mesma pessoa, pode-se encontrar ambos os tipos de escolha, anaclítica e narcísica, embora haja, geralmente, a dominância de um dos dois tipos.

O autor ressalta, embora alertando não se tratar de regra geral, que a escolha de objeto anaclítica é mais comum nos homens, haja vista a peculiar tendência destes, a superestimarem sexualmente o objeto eleito, a ponto de gerarem um empobrecimento de seu ego, em detrimento do objeto. Para Freud, esta superestima possivelmente seria originária de seus primeiros investimentos libidinais na figura materna.

Em relação à mulher, Freud assinala que, na adolescência (é importante relembrar não se tratar de regra geral, nem tampouco esquecer-se da noção de bissexualidade postulada pelo autor), em decorrência das alterações orgânicas da puberdade, surge um estado de auto - superestimação, originária do narcisismo primário.

“Tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher esta condição cairá em suas boas graças.” (FREUD [1914] 1976:105)

Estas mulheres, na incessante busca de satisfação de seu narcisismo, visam seduzir exatamente aqueles que se encontram prontos a renunciar à sua própria libido narcísica em detrimento delas, nada esperando em troca.

Entretanto de acordo com Freud, a maternidade se configura, para estas mulheres, como o elemento para o alcance do pleno amor objetal. O filho, embora seja um objeto distinto, é parte de seu próprio corpo, e como tal, permite à mulher, a partir do seu próprio narcisismo, oferecer o pleno amor objetal.

Para alguns homens, quanto mais inacessível for a mulher, maior o fascínio que os devora. Segundo Freud, as pessoas com escolhas anaclíticas, tendem a valorizar pessoas com escolha de objeto narcísica, uma vez que, por renunciarem a seu próprio narcisismo, insistem no investimento libidinal do objeto amado, chegando até mesmo, por não serem correspondidos, às raias da auto-depreciação.

Mais uma vez, cabe resgatar a questão da não exclusividade dos dois tipos de eleição de objeto em homens e mulheres, como acentua Freud: *“estou pronto a admitir que existe um número bem grande de mulheres que amam de acordo com os moldes do tipo masculino e que também desenvolvem a supervalorização sexual própria àquele tipo.”* (FREUD, idem, 106)

Freud ressalta que a escolha de objeto de amor, na homossexualidade, é de ordem narcísica, pois há um processo de regressão à identificação primitiva. Cabe salientar a seguinte citação de Freud: *“A princípio, na fase oral primitiva do*

indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra". (FREUD [1923a] 1976:43)

Conforme já foi observado, o autor defende que a maioria das mulheres apresentam este tipo de escolha objetal narcísica. Cabe aqui uma pergunta: "— Esta assertiva nos permitiria inferir que grande parte das mulheres seriam homossexuais ?" — Este tipo de raciocínio não reflete a visão da psicanálise sobre a questão da feminilidade.

A diferença entre identificação narcísica e escolha narcísica de objeto precisa ser destacada. Nem toda mulher (ou homem) com escolha narcísica, apresenta identificação narcísica. Este tipo de identificação se instala via regressão, conforme Freud nos mostra no ensaio sobre Leonardo da Vinci. Frente às deliberações advindas do complexo de Édipo, o menino, via regressão, retorna à primeira identificação vivida com a mãe. Uma vez neste lugar, adota a si mesmo como ideal de amor. Ama a si mesmo conforme a mãe o havia amado, e nesta dinâmica, escolhe como objeto de amor, parceiros que se assemelham a si próprio. Poderíamos supor que pessoas com escolha narcísica de objeto, mas cujo complexo de Édipo se encontra dissolvido, com

identificações simbólicas, parciais, secundárias, não se tornam homossexuais. Ou seja, quando nelas se tenha instalado um ideal do ego diverso de seu eu ideal.

Para Lacan, na homossexualidade feminina, via regressão, a mulher se identifica ao falo, uma identificação imaginária, tomando como objeto de amor, um semelhante, o igual. Ocupar o lugar de falo é o que este sujeito pretende, ou seja, ele busca a completude.

Capítulo 2

Metodologia

Neste trabalho adotamos como metodologia a análise qualitativa, utilizando duas técnicas de pesquisa: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo através da realização de entrevistas livres, gravadas com mulheres homossexuais, para obter depoimentos e histórias de vida.

A pesquisa de campo foi realizada durante o desenrolar da elaboração do material obtido na investigação bibliográfica, sendo precedida e acompanhada da observação, pelo autor, de ambientes de encontro de homossexuais, bares e boates em Florianópolis e em outras cidades.

Não foi exatamente fácil obter as entrevistas. Nos ambientes festivos de convivência social, os sujeitos se interessavam pelo trabalho do pesquisador e falavam livremente de suas vivências, mas em geral não se dispunham a gravar entrevistas.

Em um primeiro momento, pensávamos em obter um material que contemplasse uma pluralidade de segmentos sócio-culturais, e, portanto, decidimos realizar a pesquisa em diferentes cidades da região sul do país, mais precisamente Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis. A partir desta idéia, contactamos com amigos

que conhecessem ou indicassem pessoas que nos pudessem informar sobre lugares freqüentados por mulheres homossexuais.

Em março de 1997, iniciamos o trabalho em Porto Alegre, porém, o "cicerone" contactado por um amigo do pesquisador para uma incursão noturna aos locais onde se reunia o público alvo do estudo, não pode comparecer em função de problemas particulares, o que fez com que adiássemos nossa observação para a noite seguinte. Desta vez não houve falhas. No horário combinado partimos para o campo.

Originariamente reduto das tradicionais famílias de Porto Alegre, o bairro em que nos encontrávamos perdera suas características. Os casarões da década de 40, cederam espaço à especulação comercial.

Ao chegarmos ao nosso destino, um bar/restaurante voltado unicamente para o público "*gay and lesbian*", nada indicava, além do grande número de automóveis estacionados, a existência de qualquer sinal de vida.

Assim que abrimos a porta, deparamo-nos com uma grande sala onde havia, além do bar, um balcão circular composto por banquetas, e, no centro, uma mesa de bilhar onde uma acirrada disputa se desenvolvia entre duas duplas. A platéia que circundava a mesa se dividia, na vibração e incentivos às grandes "tacadas" de suas duplas favoritas. Os jogadores, por sua vez, empunhavam os tacos movimentando-os com ambas as mãos, os braços distendidos para o alto em sinal de

júbilo pela "performance" obtida, numa postura exibicionista que podia indicar, com o perdão do chiste, o prazer em ter o taco nas mãos.

Após uma observação mais demorada, a percepção nos apontou para o engano: não se tratava de jogadores, mas de jogadoras. A platéia, em sua totalidade, também era composta por mulheres. Posteriormente, ficamos sabendo que o andar superior, embora não fosse uma norma, era destinado aos homens, que ali se reuniam entre bebidas e conversas, ou assistindo ao vídeo, estrategicamente instalado em um canto do ambiente.

Voltando à sala de baixo, notamos que as mulheres ali presentes aparentavam uma uniformidade no vestir, usando camisas discretas, calças jeans de etiquetas famosas, sapatos sóbrios ou tênis, acompanhados por cinto. Estes detalhes, corroborados por gestuais "bruscos", pela cerveja que era tomada na própria meia garrafa, pelos cortes de cabelos, criavam uma atmosfera andrógena no ambiente. No balcão, casais, dentro dos mesmos moldes, trocavam carícias.

Dentre todas as mulheres ali presentes, uma se destacava. Tratava-se de uma jovem, com trejeitos delicados, alta, corpo esguio, vestida com roupas femininas sensuais e exóticas. Como o cicerone era amigo da bela jovem, estabeleceu-se um primeiro contacto direto. A jovem logo se justificou (embora nada tivéssemos perguntado) sobre suas vestes. Explicou-nos que era amante de um "coroa rico", que saía com ele em função de seu dinheiro, até já tinha um confortável apartamento em

seu nome. Neste dia, após sair com seu protetor, decidira ir ao encontro da namorada, que se encontrava no bar. O relacionamento entre ambas já durava cerca de quatro anos.

Ao saber das razões da presença do pesquisador no ambiente, procurou intermediar uma possível entrevista entre suas colegas, porém, o resultado foi negativo, pois nenhuma delas estaria disposta a dar qualquer tipo de entrevista. Informou-nos que aos domingos a frequência de mulheres era pequena, ao contrário do que ocorria aos sábados. Segundo seu relato, as mulheres que freqüentavam o local, geralmente estavam acompanhadas de suas parceiras, que seriam poucas as solteiras e, portanto, a paquera não era muito grande.

Ao final da conversa, esclareceu-nos que os casamentos que eram desfeitos, após um período de solteirice, eram novamente construídos, em grande parte, entre as colegas que participavam do convívio social do casal original.

Tendo observado o ambiente por mais algum tempo, saímos do local. No dia seguinte retornamos a Florianópolis, com um sentimento inicial de frustração, por não ter obtido nenhuma entrevista.

No mês de junho do mesmo ano fomos a Curitiba esperançosos em obter as entrevistas desejadas.

Na gelada noite curitibana daquele sábado, nosso cicerone procurava uma vaga para estacionar o mais próximo possível do nosso destino, uma casa noturna freqüentada por homossexuais, com predomínio de mulheres (cerca de setenta por cento).

Situada no entroncamento de duas grandes avenidas, a boate sugeria lotação máxima, já que, com muita dificuldade, encontramos um local para estacionar, o que só foi possível, graças ao "flanelinha" que nos acenou, indicando um automóvel prestes a deixar uma vaga junto ao meio fio.

O "flanelinha" era uma pessoa de baixa estatura, corpo enorme e disforme, uma grande massa sem qualquer angulação. Seu rosto, também redondo, lembrava as feições do corcunda de Notre Dame, no desenho animado de Walt Disney. Apesar do falso timbre de sua grossa voz, constatamos tratar-se de uma mulher, conhecida como "Zelão", que nos fins de semana trabalhava naquele ponto. Tentamos nos aproximar, o que não foi possível, pois Zelão não se mostrou receptivo.

Uma vez dentro da boate, estimamos um número aproximado de quatrocentas pessoas, com um real predomínio de mulheres. Algumas formavam casais isolados, ou então, casais que se reuniam em agrupamentos ao longo do grande número de mesas distribuídas ao redor do palco onde, em alguns minutos, começaria o show da noite.

Na pista de dança, uma multidão se espremia. A música alegre e descontraída era alternada por músicas lentas e românticas. Casais dançavam de rostos colados. Beijos e carícias podiam ser vistos de todos os ângulos.

No extremo oposto ao palco, havia um bar, um comprido balcão com banquetas, onde se percebia grande agitação, através de risos, brincadeiras, latas de cerveja e também, vasta quantidade de fumaça que era expirada através de generosas baforadas.

Em um piso intermediário ao palco e à pista de dança, havia uma grande plataforma onde um grupo de cerca de vinte pessoas, homens e mulheres, encontrava-se sentado ao longo de uma mesa. Havia bolo, champagne e salgadinhos. As pessoas, muito bem vestidas em seus trajes sociais, destoavam dos demais frequentadores. O garçon nos informou tratar-se de festa de casamento entre dois rapazes que, após longo namoro, haviam decidido morar juntos.

Lentamente, a música foi cedendo espaço para os acordes que anunciavam o início do show. A pista em pouco tempo ficou vazia e as mesas, lotadas.

A multidão que, até então se encontrava espalhada pelo bar, invadiu a pista, buscando um lugar estratégico para assistir ao espetáculo, tirando a visão daqueles que se encontravam sentados em suas mesas, fato que gerou protestos, gritos

e vaias. Como o show não iniciava em função da balbúrdia, a solução foi sentar no chão. Outras pessoas, o pesquisador entre elas, permaneceram em pé, atrás das mesas.

A música "sensual", solada por um saxofone, introduziu no palco uma linda loura, cujas formas eram realçadas pelo brilhante vestido branco que lhe servia como segunda pele, luvas também brancas, que, com os sapatos altíssimos e vermelhos como a cor de sua boca, compunham uma imagem que levava o público ao delírio. Assovios, gritos de "gostosa" e "tesão", eram ecoados pela platéia entusiasmada. O "frisson" aumentava à medida em que a loura se despia, em seu provocativo "strip-tease". Ao nosso lado, uma bonita morena, também feminina, sob os risos de suas colegas, insistia em tapar os olhos de sua companheira, uma mulher com aspecto masculinizado, que se mostrava injuriada por perder os lances da "excitante" performance no palco. Assim que a última peça foi retirada, a loura, de maneira instigante entreabriu suas pernas, e, em movimento sugestivo, ofereceu-se à platéia. Seus pelos púbicos exibiam um pequeno pingente de "strass" e a platéia ovacionava: *"deixa eu tirar"*,... *"quero tirar com a boca"*. Aplaudida como grande estrela, a atriz se retirou do palco, dando fim ao show.

Como se percebe, foram reações semelhantes às que costumam ocorrer nos shows de strip-tease, sejam os tradicionais espetáculos de mulheres para platéias masculinas, ou aqueles em que, mais recentemente, rapazes se oferecem para

mulheres, que reagem como os homens nas situações anteriores, conforme nos mostram alguns filmes e até novelas brasileiras.

Embora o predomínio fosse de mulheres masculinizadas, notamos vários casais de mulheres que não indicavam qualquer indício que pudesse sugerir tratar-se de homossexuais. Estabelecemos contactos com alguns casais que, mesmo tendo considerado a pesquisa muito interessante, não se dispuseram a conceder qualquer tipo de entrevista.

Na saída, Zelão veio nos receber esperando sua gratificação. Despedimo-nos desejando boa sorte, ao que nos respondeu em tom esperançoso:

"Até a madrugada eu traço uma gata ... tchau..."

Contrariamente a Curitiba, Florianópolis apresentava poucas casas noturnas para o público homossexual, sendo que em nenhuma delas se observava o predomínio de mulheres. Ao contrário, nas duas únicas boates em funcionamento, na época (setembro a novembro de 1997), a frequência de mulheres girava em torno de quinze por cento. Somente em uma terceira casa noturna, já extinta, é que se podia observar um expressivo número de mulheres que, juntamente com os travestis, perfaziam oitenta por cento dos frequentadores. Conforme informações obtidas na pesquisa, este local era frequentado por público de baixo poder aquisitivo, como o caracterizou um informante: *"cabeleireiros, maquiadores, sapatões, travestis, bichas*

escrotas, bichas negras e bichas pobres". Ainda segundo este, *"as bichas finas não se misturam com a gentilha"*.

Fomos então às duas boates, e de fato, a frequência de mulheres era diluída em relação à de homens. Novamente não conseguimos obter, em nenhum dos dois locais, promessa de entrevista. Entretanto, pudemos constatar, embora não fosse uma regra, uma certa antipatia entre as diversas categorias de freqüentadores. Nas conversas com os homens efeminados, pudemos perceber a antipatia em relação às mulheres masculinizadas, as quais eram referidas por eles como "caminhoneiras" ou "sapatas". Questionamos nosso interlocutor sobre o fato, no que respondeu: *"são grosseiras, ficam coçando o saco, não tem educação ou finesse"*. Do mesmo modo, nas conversas com as mulheres masculinizadas, ouvimos referências em tom depreciativo "aos viados" ou "bichas". Quando questionamos nossa informante sobre o desdém, esta nos respondeu: *"Já viu homem gostar de viado? É muita frescura, ... não dá prá agüentar"*. Além da depreciação de ambas as partes, os dois segmentos a que nos referimos, enfrentam discriminações por parte dos "entendidos", homens e mulheres que não apresentam estereótipo homossexual. Entre eles, conforme observamos, as relações não são aversivas, embora sejam marcadas por ferrenha competição. Percebemos, assim, que as restrições feitas entre os segmentos se referiam às caricaturas da feminilidade e da masculinidade, os estereótipos de bichas e sapatões.

Peter Fry, em texto publicado em 1982, no qual trata da história da construção da homossexualidade no Brasil, define dois modelos de relações homossexuais. Um primeiro modelo, hierárquico, que "*exalta a segregação dos papéis de gênero*" (FRY, 1982:94), suas diferenças e assimetria; um segundo modelo, cuja retórica "*é a da igualdade e simetria*" (idem). O primeiro modelo, que diferencia "homens" e "bichas", é definido pelo comportamento de atividade ou passividade na relação sexual. O segundo modelo, que marca a emergência da categoria "entendido" nas camadas médias de nível mais elevado de instrução e informação nos grandes centros urbanos do Brasil, na década de 60, está centrado na escolha de objeto, nos ideais igualitários de relações, não importando o desempenho do papel sexual ativo ou passivo. Este modelo igualitário de relações homo (ou hetero) está bastante difundido atualmente, entre as camadas médias das populações urbanas.

Após o insucesso das primeiras investidas, percebemos como ingênua a crença inicial de que seria fácil obter entrevistas.

O contato do pesquisador com pessoa conhecida que se enquadrava no perfil de sujeito previsto pelo projeto de investigação, também não resultou em entrevista, em função da recusa desta de relatar suas vivências para serem objeto de estudo.

Pelo fracasso das tentativas de obter informantes entre mulheres homossexuais das camadas médias (que podemos atribuir ao fato do pesquisador ser homem, ou mesmo à inabilidade inicial das abordagens dos sujeitos), desistimos de insistir neste segmento da população. Decidimos também restringir a pesquisa de campo a Florianópolis, local onde residimos.

Foram entrevistadas três mulheres jovens, homossexuais, duas delas com estereotípias marcadamente masculinas de comportamento e apresentação, a terceira, conforme seu relato, mais masculinizada inicialmente e, na época da entrevista, bem “mãezona”. Todas nascidas e morando em Florianópolis.

As jovens entrevistadas foram apresentadas por psicólogo amigo do pesquisador, a primeira, e por conhecidos, as duas outras.

As entrevistas duraram cerca de três horas e, mesmo tendo sido realizadas em apenas uma etapa, pelo conteúdo dos relatos nelas contidos, pensamos poder caracterizá-las como histórias de vida.

A primeira entrevista foi realizada na casa do autor da dissertação e a informante veio acompanhada de sua companheira que, no entanto, não ficou no recinto onde foi gravado o relato. A entrevistada possuía nível secundário de escolaridade e sua posição social esteve, desde a infância, no limiar entre as classes

populares e as camadas médias.

As outras duas moças foram entrevistadas na pequena casa que cohabitavam em um bairro da periferia de Florianópolis. Pertenciam às camadas populares e possuíam nível primário de escolaridade.

O critério para a escolha dos sujeitos a serem entrevistados foi o de serem mulheres homossexuais com estereotípias masculinizadas de atitudes e apresentação (o modo de vestir, de aparentar, gestos, expressões da fala, etc). A condição para a realização das entrevistas foi a disponibilidade dos sujeitos para relatarem suas vivências, as experiências do passado, atualizadas.

Este reviver, este rememorar o passado esteve mesclado, em certos momentos, de muita emoção.

Nesta dissertação lidamos, pois, com discursos em que predominam conteúdos do registro do imaginário, a forma como os sujeitos representam suas vidas e a si próprios.

Estas histórias de vida não se prestam a qualquer análise com pretensões de neutralidade e objetividade, nos moldes das ciências positivas. Elas apenas se prestam a interpretações, que podem ser instruídas por diferentes concepções teóricas.

Estamos aqui no terreno das representações subjetivas de experiências vividas que podem ser interpretadas segundo diferentes concepções de constituição de sujeito e construção de subjetividades. Os chamados paradigmas teóricos que fundamentam as reflexões dos pesquisadores.

Para esta análise das representações contidas nos relatos dos sujeitos entrevistados sobre suas histórias de vida, suas experiências, as vivências de suas (homo) sexualidades, o referencial que fundamenta as reflexões do autor, que lhe oportuniza esta tentativa de aprofundar o olhar, o escutar, o pensar sobre questões relativas à sexualidade e seu papel na construção de subjetividades, é, como já foi dito, a teoria psicanalítica.

Aqui, não se trata de fazer clínica mas, através das concepções construídas na clínica psicanalítica, procurar analisar os relatos singulares obtidos nas entrevistas realizadas. Em analogia com a teoria, refletir sobre como cada sujeito representa, em retrospectiva, as experiências que vivenciou e que se atualizam em seu discurso, nos fatos que conta.

Este estudo é um simples discorrer sobre os discursos das informantes, orientado pelos constructos psicanalíticos. Na verdade, um discorrer sobre o imaginário dos sujeitos entrevistados²⁹.

²⁹ Para tanto recorreremos ao constructo lacaniano do registro do imaginário, o "Estadio do Espelho", conceito referente à identificação narcísica, à identificação imaginária, ligada ao eu, ao consciente, à imagem especular do próprio corpo, ao Outro.

Capítulo 3

O trabalho de campo

3.1 Um esboço dos perfis das mulheres entrevistadas

Buscando preservar o anonimato dos sujeitos entrevistados, serão omitidos todos e quaisquer dados que possam, de alguma maneira, vir a desvendar suas identidades.

A síntese dos depoimentos apresentados se faz, no entanto, necessária para que se possa contextualizar, na análise dos relatos obtidos, algumas das falas dos sujeitos entrevistados.

Primeira entrevista - Sujeito X

X iniciou seu relato discorrendo sobre sua família: *"Éramos uma família normal, pai, mãe, filho e filha, classe média. Eu estudava nos colégios tradicionais da cidade, eu tinha bolsa de estudos, então eu tinha boas notas. Eu sempre fui muito inteligente"*.

Contou sobre as brincadeiras da infância, do seu prazer em brincar com o irmão, da inveja que sentia em relação a tudo o que pertencia a ele. Com relação a brincar com meninas, declarou que evitava ao máximo, que só gostava de brincar com

bonecas quando estivesse sozinha em seu quarto, ou quando as outras meninas a deixavam desempenhar o papel de pai na brincadeira.

Das freqüentes brigas entre seus pais, X relata que sua mãe dizia que o pai era homossexual, e por sua vez, o pai dizia que a mãe era prostituta. Agora na idade adulta, X revela: *"Hoje vejo que ambos estavam certos."* Cabe aqui salientar que poucos meses antes desta entrevista, seu pai havia falecido, vítima de Aids, o que a levou a valorizar as palavras de sua mãe.

Por volta dos oito anos de idade, após uma discussão seguida de agressão física (sua mãe atirara uma xícara na cabeça de seu pai), a mãe de X decidiu ir embora de casa. Acostumada com as atenções maternas, X teve sua vida alterada.

Após um ano de sua partida, X acreditava no que seu irmão dizia, que sua mãe estava morta. Certo dia, porém, a mãe reapareceu dizendo que viera buscá-la, e foram morar no exterior, onde sua mãe já tinha um companheiro a quem X passou a odiar.

As brigas entre a mãe e o amante, também eram freqüentes. Em uma delas, X obteve a confirmação daquilo que procurava negar. Através do amante de sua mãe, a entrevistada ouviu que eles haviam se conhecido em um prostíbulo. Ante a revelação, X gritou: *"Não quero ouvir, eu sei, não precisa dizer, eu não quero saber de nada"*.

Após uma das brigas, seguida por um período de separação, o casal se reconciliou. X declarou ter odiado a cena em que sua mãe estava mantendo relações sexuais com o companheiro, na cama que até então, era ocupada por ela e pela mãe. X encontrava-se dormindo na pequena cama ao lado.

A entrevistada declarou que odiava tudo o que lhe acontecia naquele país, que tudo o que ocorria nada tinha a ver com ela, que era somente uma história de sua mãe.

Quando finalmente esta relação de sua mãe acabou, após algum tempo no exterior, marcado por terríveis privações, retornaram, mãe e filha, para o Brasil.

X passava então, alguns dias na casa do pai, alguns dias na casa da mãe, alguns dias nas ruas, entre marginais. Foi quando começou a fazer uso de drogas, cometendo pequenos furtos, e posteriormente, grandes roubos. *"Neste período, meu pai tinha um pequeno armazém. Meu irmão roubava dinheiro do meu pai, eu não, do meu pai eu nunca roubei, dos outros sim. Meu irmão roubava e dizia para o meu pai que tinha sido eu. Meu pai vinha me bater e eu corria. Meu irmão corria atrás de mim, me segurava para o meu pai me bater. Eu odeio meu irmão até hoje. Um dia eu descobri onde ele guardava o dinheiro que roubava do meu pai. Eu peguei e comprei tudo de maconha. Eu fui atrás do meu irmão e disse: 'Agora vai contar pro pai!'."* Após um certo tempo, foi recolhida em uma instituição para menores. Entretanto, as freqüentes fugas a levaram a ser transferida para uma outra instituição, onde, ainda

que de certa forma forçada, teve sua primeira experiência homossexual, com uma das responsáveis pela instituição. X relatou que a funcionária não a tocava, que a obrigava a masturbá-la, o que acabou por aborrecê-la. *"Eu achava errado o que eles faziam com os internos, crianças eram estupradas pelos guardiões, vê só, guardiões da instituição, e então, eu resolvi denunciar."*

X foi então aos jornais e promoveu um grande escândalo, envolvendo sérias denúncias contra a instituição. Ante a repercussão de seus depoimentos, os quais indiretamente envolviam personalidades do mundo político local, X foi procurada por figura ilustre que a ameaçou: *"queria que eu desmentisse tudo, que eu dissesse que inventei para chamar a atenção. Eu disse que não desmentiria, então, a funcionária pegou e disse: 'Você vai ter o que merece'."* Após este fato, X foi removida para um hospital psiquiátrico, localizado em um outro estado. Depois de alguns meses de impregnação medicamentosa, X não falava com ninguém. *"Eu sentia que ia morrer, eu não falava com ninguém, eu ficava isolada. Quando me davam o remédio, eu escondia. Quando tinha bastante, eu tomava todos de uma vez, aí eu apagava, era bom porque eu não via mais nada. Lá tinha 'a equipe de oito', formada pelos loucos. Esta equipe entrava em ação quando alguém entrava em surto. Eles jogam a gente no chão, te imobilizam com umas faixas molhadas, você fica totalmente imóvel, igual a uma múmia. Aí, as faixas vão secando, vai apertando e o louco se acalma. Uma vez eu fiquei vários dias assim, fiz xixi, fiquei toda molhada. Uma louca veio e me deu água, fiquei mais molhada ainda."*

Em seu relato, X afirmou que só queria morrer. *"Uma vez uma profissional que fazia estágio ali, viu que eu estava colocando um monte de remédio na boca. Ela veio e disse: 'mostra o que você tem na boca, senão eu vou chamar os enfermeiros'. Eu cuspi os remédios, ela me abraçou e ficou conversando comigo".*

Pela primeira vez X conseguiu se comunicar com alguém, chorou muito e passou a confiar nesta pessoa que, sensibilizada com a história de sua protegida, entrou em contato com seus familiares. Transcorrido algum tempo, através da intervenção desta profissional, a mãe foi buscá-la e ela voltou para casa.

Poucos dias depois, a mãe se dirigiu até a cidade onde residia a referida profissional, e entregou a filha para ser cuidada por ela, alegando que não tinha condições para reeducá-la. A nova guardiã, em curto espaço de tempo, converteu-se no grande amor de X. *"Foram momentos maravilhosos no início. Depois ela ia para a faculdade e eu ficava sozinha. Você sabe, em qualquer esquina você encontra drogas, e eu não resisti".*

Com a continuidade do uso de drogas, X voltou a ser internada em uma clínica para recuperação, mas a relação entre ambas continuou, via correspondência. *"Eu morria de saudade dela. A tal da clínica fazenda onde eu ia andar a cavalo, tirar leite de vaca, era tudo mentira. Era uma clínica religiosa, a gente rezava o dia inteiro, de manhã, à tarde, à noite, prá almoçar, jantar, eu não agüentava mais de tanto rezar".* Após alguns meses, X voltou mais uma vez para a casa de sua amada,

porém, sua mãe estabeleceu contato com uma personalidade do mundo jornalístico, em uma localidade ainda mais distante, e entregou a filha para ser orientada por ele. *"Eu fiquei trabalhando como secretária dele, eu o chamava de tio (...). Toda correspondência que ele recebia era por minha conta, eu sempre fui muito inteligente e esperta, eu falava dois idiomas e tal".*

Como sua mãe não tinha onde ficar, X solicitou ao "protetor" que também a acolhesse, o que de fato aconteceu.

A correspondência entre X e seu grande amor era diária, até que sua mãe descobriu o teor das cartas. Em reunião com os "benfeitores", juntamente com sua mãe, X foi defrontada com duas possibilidades, ou seja, ser internada para tratamento de seu homossexualismo, ou então, se continuasse com a namorada, ir embora. *"Não é porque eu ganhava passagem aérea, usava relógio de ouro que o tio me dava, que eu ia me internar e deixar dela, nunca eu aceitaria isso de novo".*

X decidiu então, ficar com a amada (a quem chamaremos B). Entretanto, sua mãe fez chantagem, dizendo que, caso ela insistisse em seu intento, iria até o ex-marido de B e mostraria as cartas das duas a ele, e assim, B poderia perder a guarda de seus dois filhos. Ante a situação, a entrevistada optou por se distanciar de sua amada.

Ao deixar a casa de seu "tutor", sua mãe a enviou de volta para a casa do pai, onde passou a se drogar com muita frequência. As surras eram constantes e X,

durante dois anos, não teve nenhuma notícia de sua mãe. *"Eu saí de casa e nunca mais voltei, passei a morar nas ruas. Uma noite, eu saí com um conhecido para fumar maconha e fui estuprada. O cara era um garçon que trabalhava numa boate gay, 'O Brasileirinho'³⁰, (...) aí ele me empurrou contra a parede, de costas e queria me violentar por trás (...). Eu não senti dor, não ... eu pensava na mãe, na hora, e era como se eu não estivesse ali."*

Aos dezoito anos, quase morta pelo excessivo uso de drogas, foi internada. Sua mãe foi chamada às pressas, e apesar de dois anos terem se passado, limitou-se a comentar que o estado de saúde da filha não era tão grave. Neste relato, a entrevistada deixou transparecer a indignação ante a frieza de sua mãe.

Após sua convalescença, X se mudou para um outro país, onde foi viver com uma companheira numa relação que durou dez anos. *"Ela foi a grande jogada da minha vida. Ela não usava drogas, não me proibia, nunca me proibiu. Eu sabia que ela não gostava, então eu parei"*.

Quando voltaram para o Brasil, X começou a trabalhar. *"Assim que voltamos para o Brasil eu fui trabalhar. Eu sempre tive um jeito mais masculino. Um dia o meu chefe me perguntou sobre o meu envolvimento pessoal com aquela amiga que sempre ia me buscar. Eu respondi que era casada com ela, que se tivesse algum*

³⁰ Segundo X, "O Brasileirinho" era a única boate gay em Florianópolis, na década de 80.

problema, eu assinava a carta de demissão na hora. Ele ficou sem graça e disse que não, que eu era muito competente, que não importava minha condição sexual".

Tempos depois, a relação entre ambas chegou ao fim. Sua companheira se apaixonara por outra mulher com a qual passou a viver. A entrevistada declarou que só veio a saber deste envolvimento quando se separaram.

A entrevistada foi analisante durante três anos e a partir de então, decidiu tirar partido de todos os acontecimentos que vivenciou, e passou a atuar profissionalmente em uma atividade em que sua experiência de vida pudesse ser adequadamente utilizada.

Ao final da entrevista, o pesquisador pontuou para o sujeito:

"Eu ouvi no seu relato muitas referências à sua mãe. O que isto lhe sugere?"

Surpresa, após alguns segundos, X afirmou:

"Sabe quando você odeia e ama alguém? Ah, eu a amo e a odeio, (...) é uma coisa muito louca".

Por ocasião da doença de seu pai, X se dedicou a acompanhá-lo, atendendo-o em suas necessidades. A entrevistada declarou que se sentia mal frente à nudez de seu pai, justificando que nunca vira um homem. Entretanto, convém aqui

destacar, no início da entrevista X declarou que, por muitas vezes, para obter drogas para seu uso, tinha que masturbar o fornecedor. Não nos esqueçamos também da cena de seu estupro.

X contou que após a morte de seu pai, ficara muito confusa, pois, reiteradas vezes, apanhou do pai por ser homossexual, e agora, teve que cuidar dele, que morreu por uma doença, segundo ela, homossexual.

Além das palavras da mãe, “*seu pai é homossexual*”, X não teve nenhum outro indício sobre a possível homossexualidade do pai.

Finalizando a entrevista, X falou que estava muito confusa, que dissera a um amigo que não queria saber de homem, nem de mulher.

Cabe acrescentar que X apresenta um estereótipo extremamente masculino, enquanto sua parceira se reveste de uma beleza e feminilidade diametralmente opostas.

O contato entre X e o pesquisador, foi intermediado por pessoa conhecida de ambos, e que atua na mesma empresa da entrevistada. Alguns dias após a entrevista, este amigo traz informação de que X, todos os meses, declara a seus colegas de trabalho em alto e bom som: “*Eu passo o mês inteiro pensando que sou homem, aí, vêm esta droga de menstruação e me faz lembrar que sou mulher*”.

Segunda entrevista - Sujeito Y

O sujeito Y iniciou seu relato comentando que sua mãe falecera ao dar a luz a um menino. Y nesta época contava com seis anos. Com a morte da mãe e a chegada do bebê, foram seis crianças que ficaram sob a responsabilidade do pai. Este, tendo que trabalhar para o sustento dos filhos, encontrou outra mulher com quem passou a viver. Com esta mulher, Y jamais conseguiu manter uma relação afetiva ou amigável. *"Ela vinha bater na gente, e nem sempre eu conseguia fugir. Ela enganava o pai, e nós ia falar prá ele, e ele não acreditava e queria bater na gente"*. Y nos revelou que em sua infância "pobre", já tinha que ajudar em casa. *"Meu pai era verdureiro. Ele enchia o carrinho de laranja e nós ia vendê pelas rua"*.

Quando contava com doze anos de idade, seu pai veio a falecer, e Y foi morar com os tios. O mesmo destino se deu com os outros irmãos, entregues a parentes.

Sobre seus pais, Y diz não se lembrar muito bem, mas que sentiu mais a falta do pai, que da mãe. Entretanto, com o decorrer da entrevista, a referida preferência pelo pai revela-se contraditória; Y diz que sente muita falta da mãe, que se sua mãe estivesse viva, possivelmente não estaria vivendo com Z, sua companheira há três anos. Não seria homossexual.

Da infância, Y nos fala da alegria que sentia quando seu pai, na época do Natal, lhe presenteava com objetos, segundo ela, apropriados para meninos. *"O pai, dava de presente prá nós, camiseta, shortinho, bola, ele não dava boneca e eu achava bom. Eu gostava de brincar de 'papai e mamãe' com minha irmã, mas só se eu fosse o pai na brincadeira."*

Desde criança, a entrevistada afirma que já sentia atração física por mulheres, e os homens, por sua vez, jamais lhe despertaram a atenção. Todavia, sua primeira relação homossexual ocorreu quando já era adulta, um relacionamento com dois anos de duração, que teve fim quando sua companheira conheceu um rapaz com o qual veio a se casar. Após esta declaração, Y ressaltou: *"Eu perdi ela para um bancário (...) Eu era apaixonada por ela. Tudo começou quando ela foi visitar a minha tia que também era tia dela, mas nós não era prima legítima. Nós fomos brincar de cavalinho, ela escorregou e bateu as costas e pediu para eu fazer massagem. Eu fiz e gostei. Na semana seguinte ela me convidou pra ir na casa dela, lá no interior. Que é que você tá pensando, no interior também tem disso. O irmão dela estava desconfiado, e arranjou um namorado prá ela. Eu sofri muito, durante muitos anos".*

Face ao reduzido espaço físico em que ocorreu a entrevista, a casa onde Y reside com sua companheira Z, uma única peça em que os ambientes (quarto, sala e cozinha) eram conformados pela disposição da mobília (o banheiro é externo e atende

às outras casas que ficam no mesmo quintal), o entrevistador pode constatar que, freqüentemente, Y se dirigia à Z para que esta a referendasse³¹: “(...) *a minha família sabe de mim e da Z, não é Z? (...) eu sou lésbica, mas sou sincera, não é Z?*”... “– *É, a minha família também gosta da Y*”.

Y fez questão de ressaltar que na relação entre ambas, é ela quem detém o poder de mando, que Z era muito insegura, dependente, e que o mesmo não ocorria com ela.

Em relação ao seu atual ambiente de trabalho, Y declarou que ninguém sabe de sua vida sentimental, mas que no anterior, todo mundo sabia de seu caso com Z, que os colegas sempre a respeitaram, que não a chamavam por nenhum nome pejorativo. “*A gente fazia a maior farra, todo mundo sabia de mim. Na festa de casamento com a Z, alguns deles vieram*”.

Continuando seu relato, Y esclareceu que está afastada de seu trabalho para tratamento de saúde, e atribuiu sua doença a tudo por que passou, a morte dos pais, o sofrimento pela perda de seu primeiro relacionamento. “*Eu estou fazendo tratamento prá depressão, o médico disse que minha ansiedade é a mesma coisa que*

³¹ Aqui devemos ressaltar o que poderia ter se constituído num problema metodológico, já que as entrevistas realizadas com informantes na presença de outras pessoas com as quais mantém relacionamentos afetivos, podem inibir suas falas. Especialmente se estes relacionamentos são de ordem da conjugalidade. O ideal seria ter podido voltar a entrevistar Y e Z em separado, o que não foi possível. No entanto, numa leitura psicanalítica, os relatos imaginários dessas moças, esta “complementariedade” revelada por ambas, tem um significado, pondo em relevo a questão do narcisismo na homossexualidade.

a depressão de forma invertida. Eu sofri muito, sem pai nem mãe, sem ela que me deixou".

Y nos revelou ser espírita, que joga cartas muito bem, que usa sua espiritualidade para o bem. *"Vêm sempre um monte de gente aqui em casa. As meninas de programa da 'La Maison'³² vêm sempre aqui prá jogar carta".*

Em seu relato, a entrevistada declarou que sua vida de lésbica é um problema, que se não tivesse perdido a mãe, talvez não estivesse com sua atual companheira, nem com as companheiras anteriores.

Questionada sobre sua afirmação, "o problema de sua vida de lésbica", Y respondeu que às vezes considera um problema, não por ela, mas pelos outros que criticam, que não admitem um relacionamento entre duas mulheres.

Para Y, seus irmãos também são sofrendores. Segundo nos informou, seu irmão caçula pensava que era primo de Y. Quando descobriu a verdade, chorou muito. *"Ele é viciado em cocaína. Um dia ele veio aqui e quis cantar a Z na minha frente. Eu peguei um pedaço de pau e corri com ele. Na minha casa não, quero respeito".*

Comentando sobre a conversa que tivera com sua vizinha, a qual

³² Famosa casa de prostituição em Florianópolis.

afirmara ter muito ciúme do marido, Y respondera que não se preocupasse, pois sua relação com os homens era de outra ordem.

Na esfera social, Y esclareceu não ter somente amizades homossexuais, tendo vários casais de amigos que sabem de sua vida, e que a respeitam.

Após seu relato, a entrevista “aparentemente” chegou ao fim. No entanto, quando iniciou a entrevista com Z, o pesquisador foi surpreendido com a atuação de Y, assumindo os relatos da companhia.

Terceira entrevista - Sujeito Z

As primeiras palavras emitidas por Z referiam-se à sua mãe, a quem atribui a sua vida bastante infeliz. Segundo seu relato, sua mãe manifestava preferência pelos filhos homens, relegando-a para um segundo plano.

Após um breve silêncio, Z declarou: “*Não sei mais o que falar*”.

Imediatamente, Y lhe dá palavras: “*Fala que eles não eram filhos do teu pai...*”

“*Tá ... são meus irmãos só por parte da mãe ...*”

Posteriormente, Z falou sobre a morte da mãe, a qual fora assassinada com três tiros, há pouco tempo. Até então, anos se passaram sem que filha e mãe

pudessem se encontrar, desde a época em que a mãe abandonara o lar, deixando Z sob os cuidados da avó materna.

Prosseguindo em seu relato, Z ressaltou: *"A Y estava jogando carta prá mim, que ela tinha comprado um baralho novo. Ela disse que eu ia receber uma notícia ruim. Dali a pouco bateram na porta, era minha vó que veio avisar que minha mãe tinha morrido"*.

O sujeito da entrevista passou a falar de sua ex-companheira, aqui denominada W, com quem manteve uma relação durante longo tempo. Em seu relato, Z nos contou que no início do relacionamento com W, fora ameaçada de morte. *"A mãe dela não gostava de mim, disse que se eu não largasse dela, ela iria acabar com a minha vida. Com o tempo ela aceitou, e eu fui morar na casa dela. A W era muito ciumenta"*.

De repente, Y intervém: *"A relação delas era um inferno..."*

Z. *"Era realmente um inferno, eu não podia sair de casa..."*

Y mais uma vez intercede: *"Fala que você apostou prá ver quem ganhava ela"*.

Z. *"Eu estava no centro espírita com um amigo, e nós decidimos apostar para ver quem conseguiria conquistar a garota. Eu fui até ela e perguntei com quem ela queria ficar, e ela me escolheu"*.

Até então a garota objeto da disputa, estava noiva de um rapaz, o qual fora abandonado em favor de Z. Quem traz a informação, é Y: *“Ela era noiva e deixou do noivo prá ficar com a Z.”*

De acordo com Z, após nove anos marcados por brigas e separações, a relação chegou ao fim, e por um curto espaço de tempo, ficou só. Neste ponto Y declarou: *“Aí ela deu em cima de mim, ela queria me comer, não é Z? Ela dizia pra um amigo que ficava toda molhadinha quando me via, não é Z?”*

Z. *“Aí eu dei em cima da Y, mas ela não gostou de mim, e eu fui dando, fui dando, fui dando, até que consegui né, aí, ela disse que só ia ficar comigo se eu virasse mulher, foi aí que eu virei mulher.”*

Neste momento o entrevistador perguntou-lhe se ela não era mulher antes, no que respondeu, que antes se comportava como homem, para atender o desejo de sua companheira anterior.

Após algum tempo em silêncio, Z declarou não ter mais o que falar, o que levou o entrevistador a questionar sobre seu sentimento como mulher.

Z. *“Eu me sinto realizada, eu acho que queria ser menina e não conseguia (...) Eu queria que, assim, uma pessoa, entendeste, tivesse uma relação comigo, eu não queria fazer na pessoa”*³³.

Entrevistador: Como assim?

Z. *“Porque eu me sentia tão mal. Eu achava estranho, eu me achava estranha, entendeste, mas eu já gostei de bastante pessoas, mas quem eu realmente amo, é a Y... eu conto tudo prá ela, eu não escondo nada dela.”*

Y. *“Fala do estupro”*

Z. *“... aí eu fui a uma festa, nem sabia quem ia ser convidado, aí, eles me deram um porre, me deram um porre, aí eu vim embora, eu vim embora com um cara, eu não sei como eu não caí, eu não sei como eu segurei nele. Aí tal, tudo bem, quando foi de manhã, eu vi que estava sem roupa e toda suja de sangue, né...”*

Este episódio, resultou no nascimento de uma filha, atualmente com seis anos de idade, e que é criada pela bisavó, isto é, pela avó de Z.

³³ Por estas falas, podemos perceber que esta informante e sua companheira estão referidas ao modelo hierárquico de homossexualidade, definido por Peter Fry (op. cit.) pelo desempenho do papel ativo ou passivo nas relações sexuais. Ressaltamos ainda que se tivéssemos entrevistado sujeitos de camadas médias, de nível mais elevado de informação e escolaridade, talvez encontrássemos outro modelo, igualitário.

O sujeito da entrevista se dirigiu à companheira e disse: *“Eu não tenho mais o que falar pra ele.”* No que esta respondeu: *“Fala sobre o que você sentiu quando o cara...”*

Z. *“Eu me senti estranha, eu nunca tinha, nunca tinha acontecido isto comigo.”*

Y. *“Ela estava de porre, não sentia nada.”*

Discorrendo sobre sua infância, Z relata que suas brincadeiras favoritas eram realizadas com os meninos, que não gostava das brincadeiras das meninas.

A partir deste ponto, Y assumiu a entrevista, e começou a narrar sobre a festinha que organizara por ocasião do casamento entre ambas, um casamento espírita, realizado pelo pai de santo do terreiro que freqüentam.

Y. *“Eu comprei um par de alianças (...) comprei champagne, frutas, arranjos, batemos fotos e tudo...”*

Entrevistador: Posso ver as fotos?

Y. *“Não, uma semana depois a Z endoidou, tomou uma bebedeira, jogou as fotos no bacio. A outra (refere-se à ex-companheira de Z) mandou um bilhetinho para ela, ela ficou doida, ela dormia fora, eu não agüentava mais, a gente se separou.”*

Após esta fala, Z passa a dar o tema para Y:

Z. *“Fala que eu cortei o cabelo ...”*

Y. *“Cortou o cabelo igual a um homem, o desgraçado ficou mais homem ainda.”*

Após muitas brigas seguidas por agressões físicas, as alianças adquiriram outra finalidade. A de Z foi empenhada em um bar por conta de cerveja, enquanto que a de Y, foi usada como pagamento por uma calça jeans que fora comprada para Z.

Y. *“Era muita falta de respeito, muita baixaria, eu deixei ela na casa da vó dela, e fui morar com a minha irmã.”*

Após um tempo, retornaram à relação:

Continuando sua fala, Y ressaltou: *“Pouco tempo depois, ela veio me procurar, chorando muito.. ‘Aí, eu não vivo sem tu, não consigo viver sem tu, não consigo viver sem tu, não é Z?’ Hoje ela está bem melhor, graças a Deus. Ela está bem mudada, não é Z?.”*

Sobre as alianças, Y justificou: *“Eu dei a aliança porque não tinha como pagar. Nós nunca passamos fome, a verdade tem que ser dita, nós passamos necessidade, mas fome não, minha aliança eu dei prá uma bicha que vendeu a calça,*

fome ela nunca passou do meu lado, mas com o ex-caso dela, ela passou fome, mas comigo ela nunca passou, ela passou comigo necessidade, mas comida sempre tem."

Sobre a ex-companheira de Z, Y declarou: *"É, ela já quis dar pra mim, mas eu não quis."*

Questionada sobre o que é "dar para você", Y esclareceu: *"É dar a perereca! Dar prá eu fazer o que quiser com ela (risos) dá sim, dá prá mim lambear, chupar, fazer tudo o que eu quiser, passar o dedinho, passar o nariz, passar a mamica, passar tudo. É minha, se ela dar prá mim, eu faço o que quero (risos), tapinha e tudo (risos). O sexo assim é bom e tudo (..) Ela queria todo dia."*

A fala de Z surgiu espontaneamente desta vez. *"Eu sofri muito com a W. Ela levou uma amiga para morar lá na casa dela. Um dia eu cheguei, fui pro quarto e peguei as duas na cama, eu não agüentava mais. Hoje eu já não ligo. Outro dia eu fui numa festinha, e a W estava lá com um celular na cintura. Ela estava se achando por causa do celular, eu quase peguei e joguei na parede".*

Continuando seu relato, Z esclareceu que está sem trabalho há algum tempo, mas que a coisa iria mudar: *"Eu vou começar a trabalhar como servente lá na escolinha () e as coisas vão melhorar".*

Y completa o depoimento: *"É, vai melhorar. A W fez macumba prá derrubar a gente, e quase conseguiu, mas Deus é maior".*

Cabe lembrar que a entrevista estava, originalmente destinada à Z. No entanto, é Y quem põe o ponto final. *“No mais e mais, é isso, você já sabe toda nossa vida, não é Z?”*

Após meu agradecimento, Y completa:

“Espero que faça bom proveito.”

3.2 Reflexões sobre o material obtido na pesquisa de campo

O que pretendemos é sugerir algumas interpretações a partir da pesquisa de campo realizada. Frisamos que não se trata de fazer um trabalho clínico e sim utilizar as contribuições da psicanálise para refletir sobre os relatos obtidos nas entrevistas.

Seguem-se considerações sobre alguns tópicos destacados pelo autor, na análise das histórias de vida dos sujeitos entrevistados.

As Relações Parentais

Precursora das posteriores escolhas objetais, a mãe é figura fundamental na estruturação do psiquismo da criança, sendo que para a menina, ela também atua como pólo de identificação.

Como vimos, no entanto, no caso da jovem homossexual apresentado por Freud, a mãe é destituída enquanto pólo de identificação, permanecendo, entretanto, como objeto de escolha afetiva da filha.

Na primeira entrevista, X afirma: *“Sabe quando você ama e odeia alguém ? Ah, eu a amo e a odeio”*.

Nesta fala, o sujeito, através desta ambivalência afetiva, revela o aniquilamento e a manutenção da mãe enquanto pólo de identificação e escolha amorosa.

Em relação à mãe, enquanto pólo de identificação, percebe-se em X uma certa indignação frente ao lugar ocupado pela sua progenitora. Em uma das vezes em que “fora abandonada pela mãe”, relata:

“Minha mãe me deixou na rodoviária, virou as costas e pediu para eu esquecer que tinha mãe. Falou na época que preferia que eu ficasse puta, que pelo menos eu estaria assumindo meu papel de mulher, eu falei, ‘como você’...”

Esta fala parece indicar que X faz uma equivalência entre o papel de ser mulher e ser puta, o que a ela não interessa. X não se identifica com a mãe enquanto mulher, nem enquanto puta, já que em ambos os casos, o diferente, a falta e a incompletude fazem destaque. No entanto, enquanto primeiro objeto de escolha afetiva da criança, a mãe é ainda mantida neste lugar. A ruptura deste lugar, nos dizeres de Lacan, só pode se dar de maneira passional e devastadora.

Para X, a mãe é aquela que aparece como detentora da verdade. Isto é patente quando ouvimos seu comentário em relação à história que sua mãe havia lhe contado, uma história envolvendo seu pai.

“A minha mãe disse que ele tentou alguma coisa comigo, quando eu tinha nove anos, mas eu não lembro, eu não sei. Minha mãe dizia isto, e o problema é que tudo que minha mãe disse dele, que eu nunca acreditei, agora, depois de grande, eu vim saber que era verdade, como a história de que ele era homossexual.”

A verdade que sua mãe revela, é novamente a questão da sexualidade. Se ser igual à mãe é o mesmo que ser puta e incompleta, portanto, ser homem, igual a seu pai, é ser homossexual.

A questão paterna, no complexo de Édipo, está diretamente relacionada com o discurso da mãe. Neste sentido, é a castração, ou não, da mãe que irá, ou não, permitir revelar à criança, o pai como aquele que tem a lei, simbolização da questão fálica. No recorte anterior da entrevista de X, fica claro que é o discurso da mãe que presentifica a figura paterna, e neste caso, o pai é apresentado como não detentor da lei, aquele que não tem o falo.

Através do relato de sua história de vida, podemos supor que X, ao descobrir sua mãe como ser em falta, portanto castrada, já que desejosa de algo externo à relação com a filha, tenha se afastado desta em direção ao pai enquanto objeto de amor, cumprindo assim, o movimento edipiano. Entretanto, neste lugar, constata que seu pai não tem aquilo que lhe falta, o falo. É um pai castrado, ser em falta, um pai que não sustenta o lugar ansiado pela filha. Um pai que ao ser

abandonado, após ser agredido fisicamente pela mulher, chora e se desespera, revelando-se desejante.

“Aí, minha mãe arrumou as malas para ir embora. Meu pai e eu fomos até a rodoviária. Ele chorava muito, eu também. Ela foi embora, eu fui embora”.

Esta última frase mostra o forte apego à figura materna ressaltado por Freud e Lacan. A mãe vai embora, e ainda que fisicamente a filha fique com o pai, afetivamente esta vai embora com a mãe.

O desengano ao constatar a impossibilidade de obter do pai o falo, como no caso da jovem homossexual, remete o sujeito a voltar para o lugar de onde não saíra por completo, ou seja, ao reinvestimento da mãe enquanto objeto de amor, supondo uma identificação com o pai.

“...quando brincava com as bonecas, eu não era a mãe, eu era o pai (risos), por isso eu não gostava de brincar com as meninas, eu só brincava com as meninas se eu pudesse ser o pai nas brincadeiras”.

Entretanto, através de seu relato, X demonstra, todavia, ambivalência frente à identificação ao pai. Ao falar sobre a hospitalização do pai, vítima da AIDS (X ficara cuidando do pai durante 3 meses), faz uma negação do pai enquanto homem, ou seja, aponta para a ausência do falo em relação a ele:

“Eu ... me sentia mal, porque ele queria fazer xixi, eu trocava a roupa dele, e eu nunca vi um homem”.

Cabe aqui destacar dois pontos significativos. O primeiro refere-se ao fato de que durante a quase totalidade da duração da entrevista, X, raríssimas vezes se referira ao pai. As falas sobre ele, aqui destacadas, foram pontuadas após observação feita pelo entrevistador. Poderíamos, então inferir, a custa de uma ingenuidade, que X se referira a nunca ter visto um homem nu. Entretanto na fala em que discorria sobre as peripécias que fazia para obter as drogas de que precisava, X declarara:

“...muitas vezes, para conseguir as drogas, eu tinha que dar algo em troca... as vezes eu tinha que masturbar o traficante..”.

Esta passagem, juntamente com o episódio do estupro, nos permitem concluir que a fala *“eu nunca vira um homem”*, quando aplicada ao pai, pode ser traduzida por *“eu nunca vira o pai como homem”*. Podemos então questionar se a identificação de X não é com a mãe, enquanto mãe fálica, completa, detentora da verdade, enquanto falo.

O segundo sujeito, a quem denominamos Y, apresenta sua mãe como vítima de um marido que a espancava, e por isto então, *“muito boa”*. Convém salientar, que nesta época, a entrevistada contava com seis anos, e portanto, em pleno viver da situação edípica, isto é, afastada da mãe, enquanto objeto de amor

(distanciamento marcado pela ambivalência de afetos), e, nesta dinâmica, investindo em um novo objeto de amor, ou seja, o pai.

“Da minha mãe eu tenho pouco prá falar, eu não cheguei a conhecer bem ela (...) Tinha seis anos, mas não recordo bem dela, só sei que meu pai batia muito nela, a gente sofria muito né, meu pai batia nela, ela era mãe muito boa.”

Interessante notarmos que Y, apesar de não se lembrar da mãe, declara que sofria, quando esta apanhava do pai. Nesta época, sua mãe vem a falecer, poucos dias após o nascimento de outro filho. Entretanto, a possibilidade de Y vir a ocupar o lugar deixado pela mãe, torna-se inviabilizada. Seu pai traz para este lugar, uma nova companheira, uma madastra.

“... meu pai ficou viúvo da minha mãe, ele arrumou uma mulher ... uma madastra (...) ela pegava aquelas toalhas de banho, molhava, torcia e dava na nossa cara...”

Podemos então, inferir sobre um desengano ocorrido com Y, que a levou a abandonar o pai como objeto de amor, e via regressão, reativar a situação pré-edípica, resgatando a mãe como objeto de afeto.

A regressão à mãe, enquanto objeto de amor, pode ser reconhecida no depoimento abaixo:

“... eu não conheci bem minha mãe, só que eu sinto muita falta, sabe, vou ser bem sincera, eu sinto muita falta. Mesmo estando com a Z, eu sei que a Z me dá carinho e tudo, mas nada como o carinho de mãe, né, (...) mesmo estando com a Z, mesmo sabendo que ela está do meu lado, assim né, prá me dar apoio ...não, eu sinto saudade dela, ter uma mãe prá conversar (...) a Z é uma pessoa calada, ela é calada.”

Denota-se nesta fala, que Z tem seu lugar enquanto substitutivo da figura materna, embora não o ocupe de maneira eficaz.

Através do relato de suas brincadeiras de criança, depreende-se sobre uma possível identificação ao pai.

“... quando eu era pequena, a gente não sabe quando é pequena, eu queria mandar, eu sou o papai, eu queria mandar. Faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro, faz comidinha, varre a casa (...) eu dizia que era o papai ... olha arruma a casa que o papai vai trabalhar, vou chegar, vou querer almoço, querer comida”...

Identificada ao pai, enquanto figura fálica, Y passa a ter aquilo que supostamente o pai tem, ou seja, o falo.

O sujeito da terceira entrevista, ao qual denominamos Z, (companheira há três anos de Y, o sujeito da segunda entrevista), apresenta a mãe como causa da infância “não muito boa”.

“Minha infância foi uma coisa assim que não foi muito boa, por causa da minha mãe”.

O relato de Z está em conformidade com a descoberta da importância da fase pré-edípica na menina (FREUD, 1925), em que o autor ressalta que a mãe é o primeiro e maior objeto de amor. O sujeito da entrevista assinala que a mãe é causa de sua infância não ter sido boa, pois algo ficou faltando.

Sobre o amor da menina ao pai, característico do movimento edípiano, Lacan corrobora com a assertiva freudiana e acrescenta que se trata de um processo metonímico, isto é, um deslocamento do amor original da mãe, para a figura do pai.

Z ainda se refere à mãe, como uma pessoa “estúpida” porque revela seu desejo. O que sua mãe desejava, é que Z fosse um rapaz:

“... minha mãe era assim ... uma pessoa bastante estúpida né, porque quando eu nasci, ela sempre me dizia, ela queria que eu fosse um rapaz, não queria que eu fosse mulher”.

Esta mãe aparece como aquela que se relaciona bem com os filhos homens, aquela que além de a ter privado do objeto ansiado, também a priva de palavras:

“Minha mãe não falava comigo, só falava com os outros filhos dela (...) eles são meus irmãos só por parte de mãe”.

É importante destacar que durante a entrevista, Z por inúmeras vezes declara:

“Eu não sei mais o que falar, eu não tenho mais o que falar”, ou então, “eu não tenho assim muitas coisas prá falar, eu não tenho.”

(Haveremos de nos perguntar, não tenho o que? Talvez pudéssemos supor a resposta: “- Não tenho o falo”.)

A mãe de Z, podemos inferir, mostra-se como uma mãe fálica, que detém o poder, deseja além do que lhe é permitido.

Ser ou não ser ... o falo

Conforme nos mostra Lacan, o determinante para a criança é a frustração materna, causada pela perda (imaginária) de um objeto real (o pênis). A partir daí, a mãe irá revelar-se como ser em falta, portanto desejante. A criança passará, então, a ocupar o lugar de falo, o complemento da falta materna. Este estado fusional entre ambas deverá ser abandonado via metáfora paterna, saída possível para a constituição do sujeito desejante. Entretanto, a criança insiste em manter este estado narcísico, e assim, ao descobrir sua mãe desejante de algo externo, a díade perfeita e

completa é ameaçada. A criança não quer perder este lugar, ser o falo, o complemento da falta materna. Ser o falo implica no calar do desejo, na evitação da falta e, portanto, da castração.

Nas falas abaixo pontuadas, pode-se perceber que o sujeito posiciona-se como o falo, complemento do Outro ...

“(...) e no dia seguinte a minha mãe veio. Aí, minha mãe era minha tutora de novo (risos), sua tutora, sua tutora, acho engraçado (risos), aí ela ganhou o prêmio de novo, eu era o prêmio, sempre eu, aí ela era minha guardiã legal.”

Nesta fala, X assinala ser o complemento da mãe *“eu era o prêmio, sempre eu”*. Revela assim, ocupar o lugar de falo/prêmio em seu relacionamento com a mãe. Enquanto neste lugar, o desejo que impera é o desejo do Outro.

Verifica-se isto, quando, ainda referindo-se à sua mãe, afirma: *“(..) aí me levou pra lá, chegou lá, me deixou na casa dela e veio embora, aí pegou e falou, tá, veio embora, que ia ... não sei ... eu ... eu ... não entendia mais nada. Todo mundo ia, vinha, me botava aqui, me botava lá (risos).”* É a mãe que a deixa e vai embora (mais uma vez). Frente a isto, X afirma: *“não entendia mais nada”*. Isto nos permite inferir que X não sabe mais qual é o seu lugar frente à mãe. Mãe fálica, que se apresenta ora acolhendo a filha como seu complemento, ora abandonando-a enquanto objeto.

Por ocasião de uma hospitalização em que X se encontrava bastante debilitada, sua mãe, ausente por dois anos, foi chamada. Relata-nos X: *“Nesta época eu passei a tomar ácido. Mandaram chamar a minha mãe, ela veio, olhou pra mim e disse: ‘Você não está tão mal assim’ (...) É, e foi embora de novo. Ela sempre ia embora.”*

Interessante destacar que este lugar de falo que X ocupa, em relação à sua mãe e seus substitutos, é revivido em seu relacionamento com a monitora da instituição em que foi internada: *“(...) e tinha uma monitora, e ‘ela me mandava’, eu não me lembro como começou. Ela me tirava à noite do dormitório, e me levava pra ficar aonde ela estava de plantão, e ela combinava comigo, que se chegasse alguém, eu diria que estava com crise de asma, e aí, ela ‘teria que me tirar’ do quarto porque eu não estava bem, era tudo mentira, aí, ela não tocava em mim, eu a masturbava.”*

Nesta passagem, X, novamente se submete ao desejo do Outro: *“ela me mandava”*. O desejo do Outro é o desejo que determina o que deve ser ou não ser feito. Se por um lado, nestas citações percebemos X instalada num lugar de não desejante, em outras falas, podemos percebê-la questionando, ou talvez reclamando seu lugar de falo. No relato que se segue, a entrevistada assinala que odiou o que viu, ou seja, sua mãe mantendo relações sexuais com o amante. O que vira, foi a mãe como desejante, pois a mesma desejava alguém, um homem que a completasse. *“Tinha uma cama de casal, que eu dormia com a minha mãe, e tinha uma caminha*

de solteiro, (...) aí, um dia, eu ... o uruguaio estava lá (...) ... eu acordei, que eu estava dormindo na caminha do lado, e a mãe tava lá, né, eu acordei, mas acho que dormi antes deles se deitarem (...). Eu acordei ouvindo a mãe gemendo, chorando, eu achava que ele estava batendo nela, alguma coisa assim, aí virei pra olhar, e aí eu vi os dois transando, eu odiei aquilo, eu acho que eu não dormi a noite inteira (...) só sei que foi uma imagem muito ruim.”

Através desta passagem, podemos inferir que X perde seu lugar de complemento da mãe. Entre ela e a mãe, aparece um terceiro.

X percebe que existe um casal que constrói uma história junto, história da qual não participa. *“Porque nada daquilo era da gente, não era minha vida, não eram minhas ... quase toda a noite saía pra jantar, pra isto, pra aquilo, e eu sempre junto, mas eu não era nada, eu só tava junto ... Eu só ia junto (risinho), eu só tava junto, eles falavam, eles faziam a história deles, e eu assistindo, a filhinha só tava sentada ali junto, de saco cheio.”*

É importante assinalar a contrariedade manifesta por X: *“eu sempre junto, mas eu não era nada”*. Poderíamos deduzir, que, frente à recusa da mãe em acolhê-la como falo, X nada é.

Podemos supor, que de alguma maneira, X sente-se traída por sua mãe, o que também é corroborado por outra fala. Referindo-se ao término de sua relação com uma namorada, X afirma: “*Sempre fui traída*”.

As entrevistas de Y e Z, assinalam a relação fálica, relação de complementariedade, pois se trata de duas mulheres que mantêm um relacionamento amoroso em que uma se posiciona no lugar de falo da outra, ou seja, uma tem, enquanto que a outra é o falo. Para que possamos nos referir aos conteúdos apresentados, optamos por articular suas falas independentemente.

O segundo sujeito, Y, posiciona-se num lugar de comando, determinando as regras a serem obedecidas, mostrando-se um sujeito fálico. É o que podemos perceber através da fala “... *quem manda sou eu, quem manda sou eu*”. Embora Y continue reafirmando seu lugar de comando e poder, em diversas falas refere-se à companheira, mesmo que seja para subjugar-la, o que demonstra sua necessidade de manutenção da relação com a companheira, para lhe garantir o lugar de detentora do falo. “*Obedece, tudo ela pergunta prá mim, posso isso, posso aquilo, se eu achar que sim, pode, eu deixo, se eu achar que não posso...ela é muito ciumenta, ela é insegura. Ela é muito insegura na nossa relação. Eu não, eu não tenho insegurança sobre ela. Ela tem muita insegurança sobre mim.*”

Por ocasião de uma crise no relacionamento entre ambas, Y diz: *“Aí, eu mal deixei a mudança na casa da minha irmã, ela apareceu na porta chorando: - ‘Ai, eu não vivo sem tu, não consigo viver sem tu, não consigo viver sem tu, não é Z’?”*

Se por um lado Y detém o falo, veremos como Z se coloca no lugar do falo.

Durante a entrevista, Z, por diversas vezes, declara: *“não tenho mais nada para falar.”* É sua companheira Y quem lhe dá o tema, que lhe diz sobre o que falar: *“Fala que você era revoltada...”*, como também o que fazer com sua vida: *“Obedece, tudo ela pergunta prá mim, posso isso, posso aquilo, se eu achar que sim, pode, eu deixo...”*

Cabe ressaltar que, frente ao desejo de sua companheira, Z vira mulher e acrescenta: *“eu me sinto realizada, eu acho que queria ser menina e não conseguia”*, ou seja, só consegue ser menina, através do desejo de um Outro.

Z, anteriormente ao relacionamento com Y, mantinha um envolvimento com outra parceira que também a submetia aos seus desejos. Nesta relação a parceira exigia que Z se comportasse como o homem da relação, o que é mostrado no seguinte relato: *“Porque a W (ex-companheira) gostava né, e eu fazia a vontade dela, a W gostava e eu gostava dela, e então, eu fazia as vontades dela. (...) eu gostava. Aí, depois que conheci a Y, foi aí que eu virei...”*

Ainda em relação ao desejo do Outro primordial, a mãe fálica, ao qual está submetida e determinada a realizar, Z relata : *“ela queria que eu fosse rapaz, não queria que eu fosse mulher”*.

Nos relatos de Z, sua prisão ao desejo alheio, determina, inclusive, como num passe de mágica, a mudança de seu papel sexual, ora em uma posição de mulher, ora em posição de homem.

Castração/ Inveja Fálica - Complexo de Masculinidade

O complexo de castração é peça fundamental para a estruturação do sujeito, remetendo à questão da lei, do limite, do reconhecimento da falta. Neste trabalho de dissertação, nossa questão principal nos obriga a articular três pontos relevantes, interligados à castração. A saber: negação da castração, inveja fálica e complexo de masculinidade.

A negação da castração, revela um sujeito com dificuldades de se relacionar com a falta, com a incompletude, ou seja, com as diferenças.

Segundo a teoria psicanalítica, frente à percepção das diferenças sexuais anatômicas, a criança há que simbolizar a castração materna. A mãe até então considerada fálica, revela-se na realidade castrada, como ela, a criança. Neste ínterim, aparece a inveja fálica, ou seja, a menina deseja um órgão semelhante ao que vira no menino. A diferença apreendida pelo olhar, remete à algo que falta, não uma falta

real, pois, como vimos, no real nada falta. Trata-se de uma falta imaginária, a ser simbolizada. Frente a ela, a menina pode recusar-se a aceitá-la, insistindo em posturas consideradas “masculinas”, ou exercendo as funções culturalmente definidas como “masculinas” pelos discursos sociais, ou seja, a menina mantém a mãe em uma posição fálica, “aquela que tem”, identificando-se a esta mãe poderosa.

No sujeito X, recortam-se algumas falas que remetem, de maneira contundente, ao enunciado acima destacado:

“... A tia me dizia que eu tinha que me comportar como menina, senão ia nascer um pintinho (risos) no meio das pernas, e aí que eu fazia mais ainda (risos) prá ver se nascia né ?...”

Percebemos que X presentifica sua inveja, dirigindo-a explicitamente ao órgão masculino. Entretanto, cabe ressaltar, mais uma vez, que do que se trata, é da tentativa de negar a castração, apontando que a completude viria com a posse do falo imaginário, que no discurso aparece como um “pintinho”. X supõe que o masculino seja o completo, e anseia por este atributo fálico. Frisamos que a questão a ser destacada é a da falta, da incompletude, relacionada à primeira experiência de satisfação.

Outro momento em que a questão da inveja fálica pode ser observada, é quando X se refere ao seu irmão:

“...ah... eu queria, eu gostava de brincar com meu irmão, com os amigos dele, não gostava de brincar com as meninas ... eu gostava de brincar com as coisas dele, eu invejava tudo o que era do meu irmão”

“...uma vez, eu devia estar com nove, dez anos, o pai trouxe dois brinquedos, um para mim, um pro meu irmão, um postinho com carrinho, com rampa, e trouxe uma boneca prá mim ... meu irmão abriu o pacote, eu fiquei fascinada, e eu não queria abrir o pacote por que já sabia o que era o meu, eu senti que era uma boneca, e eles pediram, ‘ah, abre o teu’ e tal. Eu abri e joguei longe ... eu joguei longe a boneca, saí e entrei no meu quarto ... raiva, o que eu senti foi raiva.”

Entrevistador: Pelo presente?

“É, e depois, eu fiquei com culpa porque fiz aquilo, porque os magoei, a todos ... Eu gostei do postinho, gostei do posto, não adiantou. Meu irmão não deixava eu brincar com os carrinhos dele, não deixava brincar com as coisas dele.”

O posicionamento de X para com o irmão, demonstra o quanto a castração é difícil de ser aceita, simbolizada. Além de invejar o irmão, aquele que supostamente tem o falo, X recusa traços que socialmente remetem à feminilidade. Entre o “postinho” e a boneca”, prefere o postinho, mas se for para aceitar a boneca, seria somente ocupando o lugar masculino, ser o pai na brincadeira, lugar fálico.

“... eu gostava de brincar de boneca sozinha, não com as meninas, né, e a noite no meu quarto, sozinha, eu podia brincar com as bonecas, eu me lembro, já desde pequena que eu ... quando brincava com as bonecas, eu não era a mãe, eu era o pai (risos), por isso eu não gostava de brincar com as meninas, eu só brincava com as meninas se eu pudesse ser o pai na brincadeira.”

Em relação ao complexo de masculinidade, X refere-se ao seu enfrentamento com as demandas parentais, que, afinal, não conseguiram subjugar-la:

“... eu ... eu tinha cabelo comprido, minha mãe sempre me vestiu com vestido, sempre forçando, mas não tinha, não deu jeito, não deu bom resultado, não adiantou”

“... eu sempre tive um jeitinho mais ..., (risos), mais masculino, e a tia dizia que eu tinha que me comportar como menina ...”

Se na fala anterior X coloca-se numa posição masculina, em outro momento revela um conflito:

“... que eu tava confusa, que eu não queria saber nem de homem, nem de mulher, por isso o ... falou que eu ia arrumar um homem, eu não tô louca ainda. (risos) Aí, eu disse que louca eu não estava, eu fiquei muito confusa, e depois disso, a primeira relação sadia que eu estou tendo é com ela (referindo-se à companheira na sala ao lado).”

A questão que X coloca, é a tentativa de negar a diferença entre a mulher e o homem, quando se mostra assustada, ou sentindo-se agredida frente à castração:

“A tia disse umas coisas super grosseiras, ... ela colocou coisas da anatomia, que anatomicamente o homem está feito para a mulher e a mulher para o homem, ... eu comecei a ficar assustada com tudo que eles estavam dizendo, eles estavam me agredindo com o que estavam falando.”

O sujeito Y em seu discurso, revela a tentativa constante de eliminar as diferenças. É o que aparece em seu relato quando Y encontra sua ex-companheira, recusando-se a deparar-se com esta, enquanto uma mulher grávida.

“... depois de um ano eu vi ela grávida, ela correu atrás de mim no ponto de ônibus, mas eu não dei bola prá ela, entrei no ônibus e fui embora, depois que ela estava grávida e tudo.”

Y compara-se à companheira. Se por um lado as diferenças entre homens e mulheres são negadas, entre os semelhantes alguma diferença pode existir, o que leva Y a manter-se numa posição fálica.

“De formas também que eu tenho mais cabeça, na verdade eu tenho mais cabeça do que ela. Agora não, mais no começo, não é Z? No começo a Z era um pouco fraca, no começo da nossa convivência.”

Y revela sua condição de lésbica, apontando que tem como escolha de objeto mulheres, e que embora já tivesse namorado homens, não sentia atração por eles:

“... daí eu ia me conhecendo, eu olhava prá mulher, eu achava todas gostosona né, bem gostosona, eu olhava prá homem e não ligava. Mas eu já tive namorado e tudo, eu já era lésbica né, mas eu tive namorado antes de, né, porque eu não tinha me descobrido ainda, não tinha descobrido da minha pessoa, aí eu namorava homem, eu beijava e não gostava, não sentia nada... nada, nada, nada, nem tesão, nada, nada, nada.”

Se por um lado Y revela sua atração por mulheres, deixa claro que não gosta de homem. Frente a uma figura masculina, revela certa agressividade:

“Aí ela disse que tem ciúme do marido. ‘- Querida, comigo e com ela, não precisa se preocupar’, eu disse prá ela, ‘porque homem comigo é no braço’, eu disse. ‘Não gosto de homem’, eu disse prá ela, ‘homem comigo é só no braço’...”

Esta mesma agressividade que Y manifesta em relação aos homens, revela-se quando se coloca no lugar do marido, do papai. Ser o papai é ter, ter poder, mandar:

“Eu brincava com minha irmã de mamãe e papai, eu era o papai, ela era a mamãe, eu brincava com minha irmã ... Verdade, eu gostava, eu sou papai, eu já gostava quando eu era pequena. Ela era esposa e eu era marido.”

“... a gente sempre brincava de cozinha e eu era o papai. Eu dizia prá ela, ‘eu sou o papai, eu que mando’ ... Eu queria ser o papai...”

“É, o pai manda, quando eu era pequena, a gente não sabe quando é pequena, eu queria mandar, eu sou o papai, eu queria mandar, eu sou papai, eu queria mandar. ‘Faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro, faz comidinha, varre a casa ...’ eu dizia que era papai, ‘olha arruma a casa que o papai vai trabalhar, vou chegar, vou querer almoço, quero comida’.”

“Hoje? Hoje não, eu vou mais pro fogão (risos de todos). É porque ela não gosta muito de cozinhar, mas quem manda sou eu, quem manda sou eu. (...) Obedece ...”

“Continuo sendo o papai, na época, ela era caso da outra, ela era o papai.(...) Quando ela era o caso da outra ela era o paizão na cama. Hoje eu sou o paizão na cama, ela não, é bem mãezona.”

O sujeito Z, companheira de Y, também nega as diferenças, mas ao colocar-se no lugar de falo da outra, mostra-se como sem desejo, ser homem ou ser mulher depende de quem a deseja:

“...aí ela disse que ficava comigo se eu virasse mulher, foi aí que eu virei mulher ... antes eu era bem homenzinho, eu saía assim de calça branca, sapatinho, tinha o cabelo mais curtinho, eu gostava de cortar o cabelo mais curtinho. É, andava igual homem”.

Ainda em Z, percebe-se que, quando criança, rivalizava-se com seus irmãos homens, invejava os homens que tinha ao seu redor. Por outro lado, temia ser reconhecida como “sapatona”:

“Minha mãe não falava comigo, só falava com os outros filhos dela(...)”.

“Quando era pequena, eu gostava de brincar de bolinha de gude, soltar pipa, jogava futebol com os homens, só tinha homem no meu caminho, só tinha homem, não gostava de brincar de boneca.”

“...eu tinha medo que elas podiam dizer alguma coisa pra mim, olha a sapatona jogando futebol, aí, eu ficava envergonhada.”

Assim, quando Z manifesta algum tipo de desejo, fica aflita com o que o Outro pode manifestar, recolhendo-se e esperando que este Outro lhe diga o que ser e o que fazer.

Escolha do Objeto

Um dos aspectos importantes da teoria freudiana, incide no conceito de escolha do objeto. Conceito diretamente relacionado com a questão fálica. Percebemos nas entrevistas que as falas que remetem à escolha de objeto, indicam o que Freud ressaltou no texto de 1925, ou seja, o forte apego da menina em relação à mãe, aquela que era encarregada dos cuidados referidos à maternagem.

Na primeira entrevista X expressa angústia, em relação à figura materna. É o que podemos perceber quando se refere à situação em que fora estuprada.

Nesta situação de grande sofrimento, X presentifica a mãe pedindo-lhe desculpas. Há que se pensar do que se desculpava.

“Eu não senti dor, não .. eu pensava na mãe, na hora, e era como se eu não estivesse ali. Eu pedia desculpa pra mãe, e eu pedia pra mãe estar perto de mim. Eu chamava por ela ... na hora. Eu pedia perdão e pedia pra ela estar por perto ...”.

Pelo relato, X não se envolve com o estupro propriamente dito, mas com o fato de poder estar traindo seu primeiro objeto de amor.

Em outras passagens, X mostra sua relação com outras mulheres, as quais aparecem como substitutas da figura materna. Na sequência, X expressa a relação afetiva com sua professora, à qual, embora dê uma conotação dúbia, podemos

supor que se trate de uma situação bastante freqüente com as crianças, de modo geral. É interessante ressaltar, porém, que a entrevistada assinala isto como que pressagiando sua conduta homossexual.

“tinha uma professora que eu incomodava muito ela, eu adorava ela. Gostava muito dela. Eu achava muito bonita e muito (...), no segundo ano do colégio, eu gostava da professora, eu tinha sete anos, eu entrei pro colégio com seis anos, no segundo ano, com sete anos, eu gostei da professora, tia A, (risos) tia A, (risos)”.

Posteriormente, X se refere ao seu “primeiro grande amor”. Nesta relação, X assinala como pontos importantes, a confiança e a possibilidade de se mostrar. Cabe ressaltar ainda outra declaração: *“lá começa a minha história ...”*, o que, poderíamos acrescentar, trata-se do reviver de uma história (a história com o objeto primordial, sua mãe).

“E lá conheci meu primeiro grande amor. Lá começa a minha história (...). Ela me convidou para andar, eram várias enfermarias (...) eu não podia sair para o pátio. E ela conseguiu me levar pro pátio, aí, eu confiei nela. Aí conversei com ela, chorei muito, ela foi a primeira pessoa que conseguiu falar comigo.”

Na fala da segunda entrevistada, Y, podemos perceber a relação que ela faz entre a figura materna e sua companheira enquanto substituta de sua mãe.

Entretanto, esta escolha objetal não apaga a relação primeira com a mãe, embora a substitua.

“(...) eu não conheci bem minha mãe, só que eu sinto muita falta, sabe, vou ser bem sincera, eu sinto muita falta. Mesmo estando com a Z, eu sei que a Z me dá carinho e tudo, mas nada como o carinho de mãe né”.

“(...) é mesmo estando com a Z, mesmo sabendo que ela está do meu lado, assim né, prá me dar apoio ... não, eu sinto saudade dela, ter uma mãe prá conversar (...) a Z é uma pessoa calada, ela é calada”.

“(...) porque eu acho que se eu tivesse minha mãe, não tem? Talvez eu não teria ..., não tava com ela (refere-se à Z)”.

Outro aspecto importante no discurso da entrevistada, referente à escolha objetal, é seu depoimento sobre a atração que sempre sentiu em relação às mulheres, sendo que, em relação aos homens, ela nada sentia:

“... daí eu ia me conhecendo, eu olhava prá mulher, eu achava todas gostosona né, bem gostosona, eu olhava prá homem e não ligava. Mas eu já tive namorado e tudo.”

“... eu não sinto atração por homem, não adianta, né ... com mulher eu me sinto super realizada, né, gozo normalmente ...”.

Na terceira informante, Z, em decorrência do lugar que ocupa na relação, o lugar de falo, não aparecem em seu discurso, elementos que indiquem sobre como começou a se sentir atraída por mulheres.

Z diz:

“Gostei dela porque ela tinha cabelo comprido (...) Eu conto prá ela ... eu não escondo nada dela ... eu não tenho, assim, muitas coisas prá falar, eu não tenho”.

A seguir, falando de seu relacionamento, Z assinala como importante o fato de não esconder nada de sua companheira, poder contar-lhe tudo. Interessante notar, que em seguida, nega esta informação, pois alega que não tem coisas a dizer.

(...) “Eu conto prá ela ... eu não escondo nada dela .. eu não tenho, assim, muitas coisas pra falar, eu não tenho.”

A escolha de objeto revela assim, no caso de Z, que ela não escolhe, é escolhida, é a companheira quem deseja.

Identificação Imaginária

É questão primordial, cerne deste trabalho de dissertação, o tema das identificações, em especial, a identificação imaginária, pertencente ao registro do

imaginário, referente à ordem do eu, atrelada à identidade. É isto que iremos tentar abordar, buscando como o sujeito se coloca quando fala sobre seu “eu”.

Um aspecto importante é que a identificação imaginária revela as relações com um “outro”, enquanto semelhante. A identificação imaginária remete à questão narcísica com a mãe, à igualdade, à não diferença. O recorte do registro do imaginário e sua identificação, apresentam a ordem do engano, do desconhecimento de si mesmo.

Na primeira entrevistada, X, observamos uma forte ambivalência em relação à figura materna, pois como já assinalamos, X relata que tanto ama quanto odeia a mãe (“... sabe quando você odeia e ama alguém? Ah, eu a amo e a odeio”).

Na passagem em que relata sobre o estupro a que fora submetida, X presentifica a mãe, conforme já assinalamos.

“Eu pedia desculpa pra mãe, eu pedia pra mãe estar perto de mim. Eu chamava por ela ... na hora”.

No discurso de X, é a mãe quem fala dela. É pela voz da mãe que a filha tem lugar, a mãe aparece como fálica.

“Mandaram chamar a minha mãe, ela veio, olhou prá mim e disse: ‘Você não está tão mal assim’ ... É, e foi embora de novo. Ela sempre ia embora.”

X reclama seu lugar junto à mãe, demanda sua presença, justificando que sua mãe se apresenta como mãe por outros motivos, não por amá-la.

“A mãe foi pro Rio, aí ela ficou (...) - Porque lá era bom, lá era bom, nos outros lugares ela nunca ficou comigo”.

“(...) Aí eu tava, tudo bom, aí é que tava o problema, minha mãe tava lá. Aí minha mãe começou a querer ser minha mãe de novo, querer se meter e falar...”

É a mãe de X quem a nomina “filha drogada, homossexual”, mãe que segundo X, preferia que a filha fosse mulher e puta.

“Aí minha mãe me botou dentro de um ônibus, me mandou pra casa do meu pai, deu a ficha pro meu pai (filha drogada, homossexual (risos) passou a ficha pra ele). Minha mãe me deixou na rodoviária, virou as costas e pediu pra eu esquecer que tinha mãe (...). Depois disso fiquei dois anos sem saber onde minha mãe estava”.

Podemos perceber que X, embora se contraponha a esta expectativa materna, é na figura da monitora amante que ela repete sua história com a mãe.

“(...) e tinha uma monitora, e ela me mandava (...). Ela me tirava à noite do dormitório, e me levava (...). Aí, ela não tocava em mim, eu a masturbava”.

Através de seu “primeiro grande amor”, percebe-se a reprodução da relação com a mãe, é esta outra mulher quem fala a X sobre sua (homo)sexualidade:

“... essa mulher, nunca me esqueço (...) e falou: “Eu sei que você gosta de mulher, e tá, tá, tá, rá, rá, rá, comigo não, eu tenho minha situação definida (...)”

“... eu não conseguia dormir, eu não acordava quando eu dormia, não conseguia acordar (...) eu não era mais a mesma pessoa, não era, nunca mais fui (...). A gente ficava até tarde conversando, ela conversava muito comigo, aí, aí a gente ouvia música, e um dia, começou, ela, ela, ah... eu tava próximo dela, não sei se tava me abraçando ou me cuidando e, começaram a rolar carinhos diferentes e tal, foi a primeira vez que alguém me fez carinho, eu acho, alguém que não me machucou (...) e começou a rolar uma história muito louca, nós começamos a namorar (...) ela me achava muito interessante, ela era uma pessoa muito interessante (...)”

Podemos deduzir, através destes recortes nas falas de X, o quanto a figura materna é revestida de valor, mesmo frustrando-a, provocando o seu afastamento, deixando nela um vazio imenso, a ser preenchido por outra mulher.

E em seu discurso, X assume, segundo ela, uma história homossexual, um jeito masculino, mesmo sem concluir se é, ou não, uma opção.

“(...) quando a gente tem essa opção, eu não sei se é opção, ou falta de opção, quando a gente tem a história homossexual, tem que ... sobre mim especificamente, como eu, que tenho jeito masculino e tal, tem que se sobressair em tudo o que faz”.

No caso da segunda entrevistada, podemos perceber um posicionamento em que Y se coloca. São inúmeras falas, onde o “eu” de Y se revela.

“(...) eu já era lésbica, né (...).

“Eu sou única da família que é assim, lésbica (...)”

“Lésbica? Lésbica eu acho que é gostar de mulher né, não ter atração por homem.”

“eu não sei se eu perdi minha mãe cedo, que eu virei, eu não sei, mas eu acho que eu já era lésbica, já. Eu sou lésbica, mas muito sincera, não é Z?”
(dirige-se à companheira).

“E aí começou minha vida lésbica, minha vida de lésbica, fui levando, estou com a Z hoje.”

Y, além de se colocar como lésbica, se diz a doente da família.

“Meu irmão mais velho é revoltado. A minha irmã também é sofredora, mas de todos os irmãos, eu sou, modo de dizer, a doente da família, modo de dizer”(...)”

A identificação de Y é mostrada na pseudo divisão entre ser papai e mamãe. A princípio, Y se coloca como aquela que sempre quis ser o papai, se identificando a este lugar fálico.

“Eu brincava com minha irmã de mamãe e papai, eu era o papai, ela era a mamãe, eu brincava com minha irmã ... Verdade, eu gostava, eu sou papai, eu já gostava quando eu era pequena. Ela era esposa e eu era marido.”

“... a gente sempre brincava de cozinha e eu era o papai. Eu dizia prá ela, eu sou o papai, eu que mando ...”.

“Continuo sendo o papai. Na época, ela era caso da outra, ela era o papai.(...) Quando ela era o caso da outra ela era o paizão na cama. Hoje eu sou o paizão na cama, ela não, é bem mãezona.”

Identificar-se ao pai, é ao mesmo tempo mandar e fazer tudo na cama.

“Eu sou, eu faço... na cama, vale tudo eu faço nela, ela faz em mim, o importante é a gente se realizar né.”

Segundo Y, mesmo numa relação homossexual há alguém que é mais masculino, o que podemos remeter à questão fállica.

“Aí eu dizia assim, como é que é mãezona né? Porque na verdade, uma realiza a outra, né? Mãezona é modo assim, sempre tem uma que é mais masculina...”

Podemos inferir que Y traz o semelhante, o igual, ao mesmo tempo que tenta revelar diferenças que para ela são importantes. A companheira é uma mulher “insegura” e “ciumenta”. Y, por outro lado, é “segura”, “paqueradora” e “bem galinha”, ou seja, fállica.

“Eu sou muito paqueradora, não é que eu sou paqueradora, eu olho, é, sou bem galinha (...) ela não é (...). Mas eu dou razão prá ela (...) é o jeito que eu tenho, não consigo largar esse jeito de galinha. Mas eu só olho, eu não faço nada, só olho. Mas ela é assim muito geniosa, ela é muito assim ciumenta, a Z é muito ciumenta. Nunca vi uma mulher tão ciumenta na minha vida. (..).”

Fortalecendo sua imagem masculinizada, Y busca auxílio através de sua maneira de se vestir e de se comportar no mundo. Por um lado sai “arrumadinha”, mas o camisão é bem “doidão”, usa óculos escuros, calças e sapatos, porém, como é uma lésbica respeitada, não é “sapatão”.

“(...) ela diz que tem medo, porque se eu vou... por que eu saio pra rua bem arrumadinha, boto uns camisãõ, bem doidão, meu óculos escuros, lá vou embora, entendes, um sapato, uma calça e me vou embora. Ela diz, ‘-É hoje né, que tu vais arrumar alguém por aí, vai me deixar’, ela diz assim. Todo mundo sabia que eu tinha um caso com ela, todo mundo sabia que eu sou lésbica, me respeitavam de montão, não me chamavam de sapatão”.

No caso da terceira entrevistada, obtemos relatos de uma infância complicada. Segundo Z, por culpa de sua mãe. É também em decorrência do desejo de sua mãe, que ela se torna ambígua.

“(...) minha mãe era assim ... uma pessoa bastante estúpida né, (...) ela queria que eu fosse um rapaz, não queria que eu fosse mulher.”

Z pode ser homem, pode ser mulher, depende do desejo do outro, *“antes eu era bem homenzinho ... andava igual homem (...) aí ela disse que ficava comigo se eu virasse mulher, foi aí que eu virei mulher”.*

No caso das 3 entrevistadas, podemos perceber diferenças significativas, mas é relevante assinalar o papel fundamental dos relacionamentos anteriores à história de vida de cada um dos sujeitos, e o quanto determinam, também, as contradições referidas às suas identidades de gênero.

Pulsional / Biológico

Conforme os preceitos freudianos, o sujeito da psicanálise é regido pela pulsão, independente das determinações biológicas/anatômicas. Neste sentido, a sexualidade humana é tida como infantil, perversa, polimórfica, sem objeto pré-determinado.

Apresentamos aqui alguns dos relatos de vida dos sujeitos entrevistados que nos mostram que suas escolhas de objeto sexual não correspondem às determinações biológicas, e sim à sua história pulsional, o que acaba gerando conflitos frente ao socialmente instituído.

Desde pequena, o sujeito X já se deparava com este impasse: “(...) *eu sempre tive um jeitinho mais ..., (risos), mais masculino, e a tia dizia que eu tinha que me comportar como menina (...)*”.

Em outra passagem, X nos revela: “(...) *eu tinha cabelo comprido, minha mãe sempre me vestiu com vestido, sempre forçando, mas não tinha ... não deu jeito, não deu bom resultado, não adiantou*”.

Neste relato, X nos indica que o pulsional parece ter sobrepujado o cultural, embora às custas de um preço alto... ‘*não deu bom resultado*’.

Em outro momento da entrevista, quando a família descobriu o envolvimento homossexual de X, seus tutores, em reunião familiar, falaram-lhe coisas que a agrediram: *“... me bombardearam (...) A tia tal disse umas coisas super grosseiras, eu nunca falei isto prá ninguém... ela contou coisa da anatomia, que anatomicamente o homem está feito para a mulher e a mulher para o homem, qualquer coisa assim, ela falou de encaixe, e eu comecei a ficar assustada com tudo o que eles falavam, eles me agrediam com o que estavam falando”*.

Podemos perceber claramente que a postura adotada por aqueles que rodeiam X, tem o sentido de impor à entrevistada os padrões sexuais culturalmente ligados ao biológico. Frente a estas colocações, X se assusta, sentindo-se também agredida, pois o sujeito é regido pela pulsão.

A questão avassaladora das regras a serem seguidas, versus os destinos da pulsão, também são percebidas nas falas de Y, o segundo sujeito entrevistado.

“...eu sou isso desde 'nascença'(...) quando eu fui morar com meu tio (...) eu já gostava da nora dele, eu já era a fim da nora dele, eu gostava dela, eu tinha tesão por ela (...) não podia ver ela, eu gostava dela, queria ter ela do meu lado, eu queria estar com ela, eu gostava dela, é estranho né?”

Entrevistador: “Fale mais sobre gostar”.

Y: *“Gostar, querer, dar, beijar, agarrar, amassar, coisas assim, né... Eu sentia tesão por ela, eu não sei explicar, 13 anos eu tinha, na minha cabeça, não tem, eu não queria, mas...”* Podemos perceber que Y ao mesmo tempo em que se reconhece como homossexual desde “nascença”, também revela certo “estranhamento”, seguido “por um não querer”, o que mostra o sofrimento, uma busca por algo que dê resposta ao seu conflito. A questão que permeia a fala de Y é: “por que sou assim?”.

Na sequência, Y se revela como a ovelha negra da família. Questionada sobre isto, Y diz: *“É, este problema de eu viver com mulher, de gostar de mulher”*. Aqui Y equivale o “viver com mulher” a “ser ovelha negra da família”, ou seja, ao se aproximar da questão pulsional, afasta-se do padrão social imposto, tornando-se elemento marginal no seio da cultura.

Na terceira entrevista, aparece o sujeito Z que, em seus depoimentos, indica o mesmo impasse:

“Quando eu era pequena, eu gostava de jogar bolinha de gude, soltar pipa, corria atrás da pipa, jogava futebol com os homens”.

“.. eu não gostava de boneca. Uma vez minha vó me deu uma surra porque eu estava jogando futebol”.

Nos depoimentos das três mulheres entrevistadas, podemos identificar elementos que apontam para o pulsional como constituinte do sujeito. Os conceitos de pulsão e objeto em psicanálise, confrontados com as convenções culturais, criam um dilema que se reflete na identidade do ego dos sujeitos particulares.

Conclusão

Nesta pesquisa, embora nos utilizemos da psicanálise como referencial teórico, não foi nossa proposta analisar os sujeitos, o que só seria possível na clínica, aí sim revelando o inconsciente. Somente através do método clínico, com a transferência, a livre associação, trabalhando com as falas, as identificações, com o engendramento do sujeito frente ao falo, é que poderíamos compreender os caminhos de sua constituição, um a um, e seus modos de construções subjetivas de masculinidades e feminilidades.

A psicanálise desqualifica qualquer prognóstico sobre a constituição de cada sujeito, sobre a construção de sua subjetividade, sobre as estruturas psíquicas que irão resultar das vicissitudes das pulsões e identificações nas histórias de vida de cada um.

O recurso à teoria psicanalítica, entretanto, contempla-nos com um recorte significativo para os estudos de gênero. Comprovam-no as feministas que refletem sobre questões de gênero a partir da psicanálise, das quais destacamos algumas posições teóricas, na introdução deste trabalho.

Como podemos perceber, muitas destas autoras não refutam, simplesmente, os ensinamentos de Freud, que as norteiam em seus exercícios da clínica psicanalítica. Elas em geral, contrapõe ao que consideram a supremacia de um princípio masculino, na concepção de Freud e seguidores (o falo como poderoso

significante primordial), um princípio anterior, feminino. A supremacia do falo se daria, segundo elas, posteriormente, pelo investimento cultural de poder na masculinidade, proporcionalmente ao desinvestimento de poder do princípio original feminino, procedido pelas culturas.

Na realidade, algumas dessas autoras, sem se contraporem fundamentalmente a Freud (aceitando até mesmo, parte delas, a concepção da inveja do pênis), realizam um movimento no sentido da consideração do reverso da medalha: o princípio dominante seria o da feminilidade, não o da masculinidade.

Por concordar com a psicanálise freudiana na leitura de Lacan, desenvolvemos nossas reflexões a partir dessa orientação teórica, nos capítulos 2 e 3 da dissertação.

As categorias psicanalíticas utilizadas para a reflexão e interpretação das representações imaginárias dos sujeitos da pesquisa, podem ser consideradas universais na teoria, no sentido de que são válidas para todos os sujeitos. Assim, a questão fálica, a castração, o complexo de masculinidade, as relações parentais, as identificações, etc, são categorias válidas para todos os sujeitos que, ao constituírem suas sexualidades, são remetidos a elas. Sejam eles identificados ao lado do masculino ou do feminino; em diferentes estruturas psíquicas; com escolhas homo ou heterossexuais de objetos.

Quando iniciamos a pesquisa pensamos em obter, de mulheres homossexuais que apresentam, ou representam, as máscaras do masculino, relatos sobre masculinidade, especialmente. E isto estava de acordo com a teoria psicanalítica,

para a qual masculinidade e feminilidade estão desligadas dos sexos anatômicos e que pode apenas investigar, tentar apreender, "*après coup*", os caminhos pelos quais o infante bissexual se diferencia em homem ou mulher, através da dinâmica das pulsões e identificações, nas vicissitudes de suas histórias de vida. As falas (imaginárias) das mulheres entrevistadas, no entanto, foram econômicas nas representações do masculino, que nelas apareceu bastante estereotipado, enquanto se estenderam mais demoradamente sobre o feminino, as feminilidades, suas relações com as mães e companheiras, relatos mesclados de sofrimentos, indicando a dificuldade para se constituírem enquanto sujeitos. Fato que nos fez reorientar o estudo, ainda na realização do trabalho de campo, para uma escuta mais aberta dos depoimentos obtidos. Percebemos o que a teoria já nos tinha demonstrado que, quando comparada aos homens, a fase pré-edípica da sexualidade (momento de intensa ligação dos bebês com suas mães, seus primeiros objetos de amor, relação que inaugura a experiência de completude), adquiriria significativa importância para as mulheres, nos destinos da feminilidade.

Assim, a primeira entrevistada revelou sua forte ligação com a mãe que a abandonara ainda criança e que fazia reaparições em sua vida, para voltar a abandoná-la, levando-a à revivência compulsória de suas perdas, de sua falta, de sua incompletude, que ela nega repetidamente, na identificação com a mãe fálica, poderosa e completa. A mãe para a qual ela abandona os homens (o que é que a leva a pedir angustiadas desculpas quando é estuprada por um deles?). Esta moça fala ainda de suas identificações com o irmão, sua inveja de tudo que é do irmão, masculino, sua

rejeição aos avatares da feminilidade (vestidos, brinquedos, etc.) e sua insistência na masculinidade (que faria crescer nela um pênis imaginário igual ao dos meninos, conforme as ameaças de sua tia). Insistência que perdura na vida adulta e que transcende sua escolha (homossexual) de objeto, determinando também sua aparência, a maneira como se veste, seu desempenho estereotipado da masculinidade.

Ao mesmo tempo, a entrevistada revela suas ambivalências de gênero, quando, após todo esforço que faz para ser como os homens, para parecer um homem, a cada mês anuncia, claro e bom som, para os colegas de trabalho, que, no real do corpo, ela é uma mulher. Uma mulher que surgira, impondo-se quando, no passado, fora atacada por um homem, e uma mulher que, na ocasião, recusara como mal maior, ser estuprada à maneira dos homens.

Esta moça, quando inquerida, fala do pai que, mesmo sendo punidor e agressivo, não consegue lhe impor sua lei, o pai que ela revela, nas entrelinhas de seu discurso imaginário, não perceber como o detentor do falo, aquele que impõe limites, que interdita a fusão de completude dos filhos com a mãe, ressaltando a castração desta. Castração que ela recusa, na sua identificação com a mãe fálica, mãe que não presentificou para a filha o pai como detentor simbólico do falo.

Com relação à segunda entrevistada, há representações em sua fala sugerindo que, tendo investido no pai como objeto de amor, em plena vivência edípica, decepcionara-se com este pai que colocara outra mulher, e não ela, no lugar de sua

mãe, o que a redireciona no movimento que Freud denominou regressão pulsional ao primeiro objeto de amor, a mãe.

Sua aparência e atitudes são masculinizadas, o que nos leva a inferir que ela se identifica ao pai, o detentor da lei, do poder, do falo, que ela, neste processo de identificação, também detém, o que a torna completa. Suas escolhas objetais são sempre dirigidas a mulheres femininas. Ela fala de uma mãe que perdeu e com a qual não se pode identificar, atribuindo a isso sua preferência pelas mulheres, que atuam como substitutas de sua mãe. Ao mesmo tempo, ela imagina que, se esta mãe não tivesse morrido, poderia ser o polo de suas identificações, o que a levaria a escolhas heterossexuais de objeto.

A terceira entrevistada se coloca, de acordo com os relatos de seu imaginário, como a que não tem o que dizer, a que não tem desejo. Ela não fala de seu pai, mas fala da mãe, esta mãe “estúpida”, que lhe nega as palavras, que a rejeita por ser menina, que se dirige somente aos filhos homens, que lhe revela seu desejo de que fosse também um homem. Essa moça, identificada ao desejo da mãe fálica (ao desejo do Outro), coloca-se doravante, conforme seu relato, como objeto de desejo do outro. Ela precisa do complemento do outro, para autorizar sua fala, indicar-lhe o que fazer, como se comportar, como parecer, e até determinar a posição que ela vai representar na relação, assumindo os estereótipos da masculinidade ou da feminilidade, sendo o “homem” ou a “mulher” da parceria, conforme os desejos desse outro.

Os ideais de homem e mulher rígidos, dicotomizados, naturalizados pela cultura, estabelecendo padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, produzem preconceitos, estigmatizando os sujeitos que se desviam desses padrões, tornando-os, muitas vezes, vítimas que podem sofrer a dor dilacerante que advém do que se é, frente ao que a cultura determina que se deveria ser.

Ao discorrer sobre sua vida, o sujeito X não deixa qualquer dúvida sobre isto. Sua mãe, apesar de cuidá-la como uma menina, sempre forçando, “não deu bom resultado, não adiantou”. X também se sente surpresa, bombardeada e agredida com tudo o que lhe disseram em relação à anatomia, a questão do encaixe perfeito entre o homem e a mulher. Na mesma vertente, X tenta compensar sua “falha”, enquanto “ser que deu errado”, buscando sobressair-se em tudo o que faz, como forma de compensar sua escolha de objeto sexual.

Y também se deprecia, considerando-se “a ovelha negra” da família, que, desde tenra infância, assustava-se por se sentir atraída pelas mulheres.

Quanto a Z, o dilema aparece através da vergonha que sentia, frente às outras meninas, por gostar das brincadeiras de meninos, o que, inclusive, podia levá-la a ser fisicamente castigada.

A pesquisa bibliográfica possibilitou-nos, confrontada com os relatos da pesquisa empírica, concluir que a escolha de objeto na homossexualidade, é da ordem da identificação imaginária (narcísica), onde os sujeitos perpetuam a completude, o igual, anulando as diferenças e, portanto, a castração.

Ao desnaturalizar o objeto sexual, a psicanálise aponta para a dissociação entre sexualidade e procriação, esclarecendo o caleidoscópio de possibilidades das práticas sexuais humanas, questionando a idéia de encaixe perfeito entre homem e mulher. É neste sentido que o conceito de instinto da biologia não se aplica à complexidade da sexualidade humana.

Se a questão das diferenciações anatômicas é importante, é só no que se apresenta enquanto articulada ao imaginário e ao simbólico. A diferenciação anatômica presentifica a falta original, a completude perdida (o seio não está mais lá).

Distanciada da função biológica, a questão psicanalítica é a da constituição do sujeito, sujeito pulsional que se diferencia na falta, na incompletude, na castração. É através da posição sexuada, ao final da dinâmica edípica que se definem masculinidade e feminilidade.

As concepções psicanalíticas de pulsão, sexualidade, corpo erógeno, bissexualidade, etc, desconstróem as estereotipias que dicotomizam masculino e feminino, desatrelando-os da biologia. Não é disto que se trata, mas sim de como cada criança bissexual se posiciona entre os dois polos da divisão sexual através de sua história de vida. E é por isso, portanto, que não existe um saber sobre o sexo. Masculinidade e feminilidade não são dadas '*a priori*' - somente o tempo dirá.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, S. *O que quer uma Mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987.

_____. *A Impostura Perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

ARAÚJO, L. *Só as mães são felizes*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1997.

BLEICHMAR, H. *Introdução do Estudo das Perversões: Teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. "Freud e a Feminilidade: algumas manchas cegas sobre o continente negro." In: *As duas árvores do jardim*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CHODOROW, N. "Estrutura Familiar e Personalidade Feminina". In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coords.) *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CLAVREUL, J. *O Desejo e a Perversão*. Campinas - SP: Papyrus Ed, 1990.

DIO BLEICHMAR, E. "Gênero e Sexo: sua diferenciação e lugar no complexo de Édipo" In: *O Feminismo Espontâneo da Histeria*. Rio de Janeiro: Ed. Artes Médicas, 1988.

DOR, J. *Estrutura e Perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. *Introdução à Leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. vol. 1.

_____. *Estruturas e Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Ed, 1997.

FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). v. I. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1901-05). Op. cit. v. VII.

- _____. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Op. cit. v. VII.
- _____. *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1908). Op. cit. v. IX.
- _____. *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909). Op. cit. v. X.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise*. (1909-10). Op. cit. v. XI.
- _____. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910). Op. cit. v. XI.
- _____. *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens* (1910a). Op. cit. v. XI.
- _____. *Sobre a Tendência Universal à Depreciação nas Esferas do Amor* (1912). Op. cit. v. XI.
- _____. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914). Op. cit. v. XIV.
- _____. *As Pulsões e suas Vicissitudes* (1914a). Op. cit. v. XIV.
- _____. *O Inconsciente* (1915). Op. cit. v. XIV.
- _____. *Luto e Melancolia* (1915-17). Op. cit. v. XIV.
- _____. *A Psicogênese de um caso de Homossexualismo numa Mulher* (1920). Op. cit. v. XVIII.
- _____. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Op. cit. v. XVIII.
- _____. *A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria da Sexualidade* (1923). Op. cit. v. XIX.
- _____. *O Ego e o Id* (1923a). Op. cit. v. XIX.
- _____. *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924). Op. cit. v. XIX.
- _____. *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925). Op. cit. v. XIX.
- _____. *Fetichismo*. (1927). Op. cit. v. XXI.

- _____. *Sexualidade Feminina* (1931). Op. cit. v. XXI
- _____. *Feminilidade* (1932-33). Op. cit. v. XXII.
- _____. *Esboço de Psicanálise* (1938-40). Op. cit. v. XXIII.
- _____. *Obras Completas*. Madrid (Espanha): Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- FREIRE COSTA, J. *A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1992.
- _____. "A questão psicanalítica da identidade sexual". In: Graña, R. (org.) *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FRY, P. "Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil." In: FRY, P. *Para Inglês Ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982
- GROSSI, M. & MIGUEL, S. *A Trajetória do Conceito de Gênero nos Estudos Sobre a Mulher no Brasil - Reflexões Iniciais*. XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Florianópolis, UFSC, 1990.
- LACAN, J. *As Formações do Inconsciente* (Seleção de Oscar Massota). Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1970.
- _____. "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud." In: *Escritos* (1957). São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978a.
- _____. "A Significação do Falo". In: *Escritos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- _____. "El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica" (1949). In: *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1988.
- _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988a. Sem. XI.
- _____. *A Relação de Objeto* (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Sem. IV.

LAGO, M. C. S. "*Refletindo Sobre Gênero através de Textos Freudianos*". In: *Anais de Fazendo Gênero: Seminário de Estudos Sobre a Mulher*. Florianópolis/ Ponta Grossa: UFSC/UEPG, 1996.

_____. *Identidade: a fragmentação do conceito*. Comunicação apresentada ao Encontro *Fazendo Gênero 3 - Gênero e Saúde*. Florianópolis, UFSC, maio de 1998.

MANNONI, M. (org.) *O objeto em Psicanálise*, São Paulo: Papirus Ed, 1989.

MASCARELLO, T. "*As inscrições pulsionais e a constituição do aparelho psíquico*". In: *Revista de Ciências Humanas*. vol. 12, nº 16: Editora da UFSC, 1994.

MASSI, M. "*Aproximação e dificuldades na pesquisa*". In: *Vidas de Mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MITCHELL, J. "*Introdução*" In: *Psicanálise e Feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

_____. "*Freud e Lacan: teorias psicanalíticas da diferença sexual*". In: MITCHELL, J. *Psicanálise da Sexualidade Feminina*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MILLER, J.A. *A lógica na direção da cura*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.

NASIO, J. D. *Os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1989.

_____. *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro: RJ. Jorge Zahar Editor, 1993.

QUEIROZ, M. I. "*Relatos Oraís: do 'indizível ao dizível'*". In: VON SIMSON, O. (org.). *Experimentos com Histórias de Vida*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

- RIAVIZ, V. N. *A Constituição do Sujeito na Perspectiva da Psicanálise Lacaniana*. Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado em Psicologia da UFSC. Florianópolis, 1997.
- RUBIN, G. *"The traffic in women"*. In: REITER, R. *Towards an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975
- RUSSO, R. *Conversações com Renato Russo*, Rio de Janeiro: Letra Livre, 1996.
- SCOTT, J. *"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990
- SILVA, H. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1993.
- SILVA, W. *"Conquistando desertos repletos de desejo: Uma linhagem de filmes que celebram a crescente visibilidade da identidade homossexual."* In: *Imagens*. Campinas - SP: Ed. da UNICAMP, abril de 1995.
- STOLLER, R. *Masculinidade e Feminilidade: Apresentações do Gênero*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1993.
- STOTZ, M. R. *O Nome Próprio é um I*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Florianópolis, 1998.